



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GISLAINY ALENCAR MEDEIROS

**LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: a produção histórica de uma subjetividade
integralista (1910-1940)**

Recife
2005

GISLAINY ALENCAR MEDEIROS

**LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: a produção histórica de uma subjetividade
integralista (1910-1940)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História do Norte e Nordeste do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

Recife
2005

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

M488l Medeiros, Gislainy Alencar.

Luís da Câmara Cascudo: a produção histórica de uma subjetividade
integralista (1910-1940) / Gislainy Alencar Medeiros. – 2005.
150 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2005.
Inclui referências.

1. História. 2. Cascudo, Luís da Câmara (1898-1986). 3. Quantidade -
Fruto. 4. Desnaturalizar - Desmaterializar. I. Albuquerque Júnior, Durval
Muniz de(Orientador). II. Título.

981.34 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-281)

GISLAINY ALENCAR MEDEIROS

**LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: a produção histórica de uma subjetividade
integralista (1910-1940)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de
Mestrado em História da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para a obtenção do
título de Mestre em História.

Aprovada em: **31/08/2005.**

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Antonio Torres Montenegro (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Giselda Brito Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Nessa carreira de historiador (a) todos, ou pelo menos quase todos, pretendemos ser igual ao nosso mestre, mas não um mestre que nos mostre um mundo já lido, já interpretado, já configurado de uma determinada maneira. Não um mestre que nos ofereça uma “fé”, porém uma exigência, não um mestre que nos ofereça uma verdade da qual bastaria nos apropriar, mas oferece uma tensão, uma vontade, um desejo. Um mestre que esteja sempre rindo e gritando conosco, “dando uns puxões de orelha de vez em quando”, experimentando conosco o que é fazer história, não uma história que tenha função “recolher em uma totalidade bem fechada em si mesma a diversidade, enfim, reduzida no tempo. Uma história que nos permitiria nos reconhecermos em toda parte e dar a todos os deslocamentos passados a forma de uma reconciliação”. Mas uma história que nos possibilite olhar para o passado, mas para respondermos questões do presente, para desnaturalizarmos o presente e assim abrirmos possibilidades de futuros outros, porque o futuro não é algo que está lá, é algo que construímos aqui e agora. Enfim, um mestre que faça com que cada um se volte para si mesmo e vá além de si mesmo, que cada um chegue a ser aquilo que é, *Durval Muniz de Albuquerque Júnior*, aqui está meu profundo agradecimento por todos esses anos (desde 1997), de engrandecimento intelectual e pessoal.

Aos que se mostraram verdadeiros (as) companheiros (as) nos momentos mais difíceis que passei aqui em Recife. Solange, Maria e Lana, mulheres iguais a mim e a qualquer uma de nós, fortes e frágeis ao mesmo tempo, mas com uma incrível capacidade de burlar, seja com táticas ou estratégias as adversidades da vida, agradeço por tudo.

Aos que estão todos os dias comigo, Saulo e Fernanda (meu bebê), gritando, chorando, discutindo, rindo, enfim... A dona Socorro, mulher forte e doutora na arte de viver (que, para mim, não é uma sogra é uma mãe). Agradeço por todo apoio possível que me deram para que eu fizesse esse mestrado, se não fossem vocês, eu não poderia ter realizado essa trajetória.

Agradeço também a todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE e ao CNPq.

O problema não é inventar. É ser inventado hora
após hora e nunca ficar pronta nessa edição
convincente.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Entendendo a subjetividade como a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo e com seus intercessores, é que este trabalho teve como objetivo estudar o processo histórico e social da produção da subjetividade de Luís da Câmara Cascudo de 1910 a 1940 do século passado e, dessa forma, entender quais foram os discursos, as tecnologias, os mecanismos que ajudaram a produzir esse sujeito de discurso, observando através de suas leituras, de suas amizades, do relacionamento com sua família, das histórias ouvidas na infância, do relacionamento com seus primeiros professores se o discurso religioso fez parte na criação e instauração de um modelo de subjetividade para Câmara Cascudo, pois esse sujeito é filho dessa sociedade descrita por Freyre como patriarcal, onde o discurso religioso exercia influência significativa na formação de subjetividade de muitos homens e mulheres. Por isso, fazer uma história de produção da subjetividade de Luís da Câmara Cascudo nos possibilita desnaturalizar, desmaterializar e desconfiar desse sujeito de discurso e de sua produção discursiva, mostrando que o sujeito é uma produção histórica, fruto de uma genealogia de poderes e de uma arqueologia de sabres. Que o discurso de Luís da Câmara Cascudo só foi possível em determinado momento, qual seja, as primeiras décadas do século XX, período de sua formação intelectual, e principalmente período em que sua subjetividade católica e patriarcal entra em choque com o mundo moderno, o que possibilitou ou impulsionou esse sujeito, falar de uma sociedade e de valores que ele próprio estava testemunhando seu desaparecimento. A emergência da sociedade burguesa e de novas formas de se comportar, novas sociabilidades, subjetividades e sensibilidades ditas modernas, provocou em Luís da Câmara Cascudo o medo de uma desterritorialização subjetiva e, portanto, a tentativa de barrar esse processo de dissolução, a tentativa de assegurar seu espaço existencial e social, de encontrar um lugar seguro, nessa sociedade, considerada por ele, turbulenta, se filiando ao Movimento Integralista. Um movimento que pregava a ressacralização de antigos valores como hierarquia, ordem, disciplina, caridade. Por fim, a ressacralização de instituições como a Igreja e a família. Valores e instituições de uma sociedade onde a subjetividade de Câmara Cascudo foi possível, a sociedade patriarcal, onde o discurso religioso era visto pela maioria dos homens e mulheres como o ordenador do mundo, como o único capaz de trazer ordem e estabilidade à sociedade.

Palavra-chave: Luís da Câmara Cascudo. Produção histórica. Subjetividade integralista.

ABSTRACT

Understanding subjectivity as the way in which the subject experiences himself in a real game, in which he relates to himself and his intercessors, it is that this work aimed to study the historical and social process of the production of subjectivity of Luís da Câmara Cascudo from 1910 to 1940 of the last century and, thus, to understand what were the speeches, technologies, mechanisms that helped to produce this subject of discourse, observing through his readings, his friendships, the relationship with his family, the stories heard in childhood, the relationship with his first teachers if the religious discourse was part of the creation and establishment of a subjectivity model for Câmara Cascudo, because this subject is the son of this society described by Freyre as patriarchal, where the religious discourse had a significant influence on the formation of subjectivity for many men and women. Making a history of producing the subjectivity of Luís da Câmara Cascudo allows us to denaturalize, dematerialize and distrust this subject of discourse and his discursive production, showing that the subject is a historical production, the result of a genealogy of powers and an archeology of sabers. That Luís da Câmara Cascudos' speech was only possible at a certain moment, that is, the first decades of the twentieth century, the period of his intellectual formation, and especially the period when his Catholic and patriarchal subjectivity clashes with the modern world, the that enabled or boosted this subject, to talk about a society and values that he himself was witnessing his disappearance. The emergence of bourgeois society and new ways of behaving, new sociability, subjectivities and so-called modern sensibilities, provoked in Luís da Câmara Cascudo the fear of a subjective deterritorialization and, therefore, the attempt to stop this process of dissolution, the attempt to to ensure its existential and social space, to find a safe place, in this society, considered by him, turbulent, joining the Integralist Movement. A movement that preached the resacralization of old values such as hierarchy, order, discipline, charity. The resacralization of institutions like the Church and the family. Values and institutions of a society where the subjectivity of Câmara Cascudo was possible, the patriarchal society, where the religious discourse was seen by most men and women as the world's ordinator, as the only one capable of bringing order and stability to society.

Keywords: Luís da Câmara Cascudo. Historical production. Integralistic subjectivity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A (AUTO)CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LUÍS DA CÂMARA CASCUDO	18
3	A EMERGÊNCIA DA MODERNIDADE E O CHOQUE COM UMA SUBJETIVIDADE RELIGIOSA DENTRO DE UM MUNDO QUE DESSACRALIZA	52
4	A TENTATIVA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO DE UMA RESSACRALIZAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DO INTEGRALISMO	91
5	CONCLUSÃO.....	128
	REFERÊNCIAS	133
	APÊNDICE A – ÍNDICE DE OBRAS ENCONTRADAS DE CÂMARA CASCUDO EM PESQUISAS NO IHG/RN E ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RN....	139
	APÊNDICE B - ÍNDICE DOS ARTIGOS ENCONTRADOS DE E SOBRE CÂMARA CASCUDO NO JORNAL “A OFFENSIVA”	148

1 INTRODUÇÃO

Não se pode fixar um método seguro nem uma via direta para chegar a verdade sobre si mesmo: não há um caminho traçado de antemão que bastasse segui-lo, sem desviar-se, para se chegar a ser o que se é. O itinerário que leve a um “si mesmo” está para ser inventado, de uma maneira sempre singular, e não se pode evitar nem as incertezas nem os desvios sinuosos. De outra parte não há um eu real e escondido a ser descoberto. Atrás de um véu, há sempre outro véu; atrás de uma máscara há sempre outra máscara; atrás de uma pele, outra pele. O eu que importa é aquele que existe sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu: não está para ser descoberto, mas para ser inventado; não está para ser realizado, mas para ser conquistado; não está para ser explorado, mas para ser criado.

Jorge Larrosa

O tema do sujeito é algo que desperta o interesse de muitos pensadores nos dias de hoje. Os estudos acerca da subjetividade estão se expandindo e uma das fontes mais explorada é sem dúvida a obra de Michel Foucault. A inovação do pensamento desse filósofo francês está em ele pensar o sujeito não mais como algo dado, imutável, mas em pensar o sujeito como uma produção social e histórica, fruto de práticas discursivas e não discursivas, deslocando assim a problemática do sujeito para a das suas formas de subjetivação.

Em “A História da Sexualidade”¹, Foucault coloca as dimensões éticas, estéticas e política da subjetividade em cena, anunciando uma outra dimensão de sujeito que vai de encontro ao sujeito transcendental. Em seu discurso a subjetividade enquanto resultado de técnicas de produção não deve ser vista como um a priori, um ponto de partida que definiria de antemão o sujeito, mas como uma produção acionada por múltiplas experiências, por discursos, dispositivos que produziram o sujeito, como nos diz Birman:

A subjetividade em Foucault não é algo da ordem do originário, mas da ordem da produção. A subjetividade seria então o produto decorrente de tecnologias, sendo forjada de fora para dentro, isto é do exterior para o interior, em uma perspectiva marcadamente antinaturalista.²

Os sujeitos seriam, portanto, historicamente construídos, forjados por certos modelos éticos, inscritos em cada época ou momento histórico.

Nesse sentido, Foucault rompe com a ideia de sujeito imutável, aquele que possui uma essência que atravessaria as barreiras temporais e espaciais, afirmando que esse sujeito

¹ FOUCAULT, Michel, História da Sexualidade 1 - A Vontade de Saber. Rio de Janeiro. Edições Graal.1988.

² BIRMAN. Joel. “A Desconstrução de Filosofia do Sujeito”. In: Entre o Cuidado e o Saber de Si. Ed. Graal. Rio de Janeiro. 2000. p.84

transcendental não existe, o que existe são formas de subjetivação, que juntamente com as tecnologias de si³, produzem os sujeitos, onde este deixa de ser origem e invariante para se tornar produção, denunciando assim a “inconsistência ontológica do sujeito”. Dessa forma Foucault desconstrói categorias de sujeito e de verdade, substituindo-as pelas categorias de formas de subjetivação, onde o sujeito seria fruto de múltiplos discursos, de múltiplas práticas, de instituições como: a Igreja, a família, a escola, as amizades, as suas leituras etc.

Concebida, portanto, no registro da produção, Foucault nos mostra que na sociedade moderna são os dispositivos, os códigos sociais e os discursos que criam ou melhor que ajudam a constituir a subjetividade dos indivíduos.

Este trabalho busca compreender a produção da subjetividade de Luís da Câmara Cascudo - folclorista e etnógrafo norte-rio-grandense, cujo discurso sobre o que ele chamou de cultura popular e nordestina, exerceu influência decisiva na produção de uma forma de ver e dizer o Nordeste, seu povo e sua cultura, tendo, assim, adquirido uma visibilidade não só no Brasil mas também fora do Brasil - partindo da noção de subjetividade, tal como esta aparece nas obras de Foucault, e portanto, pretende perceber quais foram os discursos, as tecnologias que ajudaram a produzir esse sujeito de discurso, observando através de suas leituras, de suas amizades, de seu relacionamento com a Igreja, se o discurso religioso fez parte na criação e instauração de um modelo de subjetividade para Cascudo, e se esse discurso favoreceu na elaboração de um discurso de saber/poder sobre as manifestações culturais do nordestino. É preciso entender que relações sociais e até mesmo políticas influenciaram Câmara Cascudo na sua forma de ver e dizer o regional, o cultural e o povo.

Para isso é preciso estudar o processo histórico e social da produção de sua subjetividade, enfatizando sua formação religiosa, suas amizades, suas leituras, afim de buscar entender quais foram seus intercessores, pois como nos diz Deleuze, sem eles não há obra.⁴ Sem eles a ideia de cultura nomeada por Câmara Cascudo como popular e nordestina não seria possível.

Nos diz Deleuze que os intercessores podem ser pessoas, mas também coisas, plantas, até animais (...) fictícios ou reais, animados ou inanimados.⁵ Quais são os intercessores de Cascudo? É isso que busco estudar nesse trabalho, para poder entender como seu discurso sobre a cultura foi possível. Ele precisou de intercessores para se ver e dizer, podem ter sido a Igreja, seus amigos, suas leituras, suas relações sociais e políticas. Ele pode ter mantido com

³ As tecnologias de si, seriam segundo Foucault os mecanismos que uma determinada sociedade disponibiliza para o sujeito se constituir.

⁴ Ver DELEUZE, Gilles. Os Intercessores. In: Conversações. São Paulo, Editora 34. 1992.

⁵ Idem, ibidem. p. 156.

seus intercessores uma relação harmoniosa como também conflituosa, pois nos diz Deleuze: que entre nós e nossos intercessores há uma relação de falsário (entendo aqui uma relação agonística), isto é, que cada um compreende à sua maneira a noção proposta pelo outro. Forma-se uma série refletida de dois termos. Não está descartada uma série de vários termos, ou séries complicadas, com bifurcações. Essas potências do falso é que vão produzir o verdadeiro, é isso os intercessores.⁶ Ou seja, que as relações entre os intercessores pode ser uma relação agonística, conflituosa e não necessariamente harmoniosa, pois cada um entende a sua maneira o que o outro quer dizer e fazer.

Albuquerque Jr. nos diz que a cultura popular nordestina, é concebida ainda hoje como uma cultura tradicional, rural, folclórica, artesanal, uma feira de mangaio, um museu de exotismos e bazarrias. Ela é definida como uma cultura de raiz, a mais autenticamente brasileira, aquela que resiste aos cosmopolitismos, as estrangeirices.⁷ Filha de um povo alegre, festivo, ingênuo e infantil. No discurso de Cascudo o nordestino é este sujeito alegre, infantil, honrado, trabalhador, rústico e que não tem noção política do que produz culturalmente. Essas imagens só foram possíveis graças aos seus intercessores. Trabalho, portanto, com a ideia de que o discurso religioso foi um de seus principais intercessores, que exerceu influência significativa na formação de seu olhar, pois Câmara Cascudo é filho dessa sociedade descrita por Freyre como patriarcal, onde o discurso religioso exercia uma influência significativa na produção de subjetividades, daí, portanto, essa visão negativa que Cascudo tinha em relação a modernidade, como um processo desorganizador e dessacralizador, como ele mesmo coloca: “a modernidade, a racionalização, o desaparecimento de antigos costumes, a ameaça das cidades, desiludiu as valores morais, a fé, e trouxe a inquietação e a melancolia.”⁸ Para ele, esse processo é o responsável pela morte do sertão, pela morte da cultura e pelo descrédito do discurso religioso.

Fazer uma história da produção da subjetividade de Câmara Cascudo nos possibilita pensar como esse sujeito de discurso foi constituído, possibilita vermos de que lugar social, institucional e político emitia seu discurso. Nos possibilita questionar esse lugar “cultural” criado para nós habitantes da região Nordeste, de uma cultura rural, tradicional, ingênua, filha de um povo alegre, festivo, ingênuo e infantil. Questionar o que hoje se entende por cultura popular nordestina é pensar que este conceito fora fundado em determinado momento e está

⁶ Op. Cit p. 157.

⁷ ALBUQUERQUE, Jr. O Morto vestido para um Ato Inaugural: Luís da Câmara Cascudo e à invenção Histórica da Ideia de cultura popular nordestina. 2000. p06

⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Ontem: imaginações e notas de um professor de província. Reimpressão Natal. EDUFRN. 1998. p. 169.

ligado a posições políticas e sociais de seus inventores. É pensar as imagens e estereótipos que se tem da cultura e do nordestino, não como elementos dados, “naturais” da história, mas como produto histórico, fruto de uma arqueologia de saberes e de uma genealogia de poderes que elaboraram e legitimaram tais conceitos/imagens. É pensar essas imagens/conceitos enquanto construções históricas, fruto de práticas discursivas e não-discursivas, de “tecnologias” e “dispositivos” tendo assim um marco de fundação, assim como uma história de formação.

Foucault nos diz que todo discurso possui uma materialidade, uma data, um lugar, uma época, uma instituição e que, portanto, não devemos olhar as coisas como algo dado, natural, devemos desconfiar dos objetos históricos e dos sujeitos, desnaturalizarmos, buscando suas condições de possibilidade, buscando saber como foram possíveis em determinado momento histórico. Esse é o trabalho do genealogista.⁹ Devemos acompanhar nos documentos a gestação dos conceitos, acompanhar os deslocamentos dos conceitos, as várias camadas que vão produzindo os discursos, por isso que, a genealogia é cinza, ela é meticulosa e pacientemente documentária. “Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos, (...) daí que para a genealogia é necessário um indispensável demorar-se, marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona.”¹⁰

Fazer uma história das práticas e crenças religiosas como elementos fundamentais na produção da subjetividade de Câmara Cascudo é perceber como esse sujeito juntamente com o seu discurso foi possível, é perceber que o conceito que ele elaborou de cultura popular tem uma história, pois foi fundado em determinado momento e mais que isso é perceber como esse conceito foi gestado, quais as implicações políticas que estão no seu começo, que condições históricas fizeram emergir esse objeto (e esse sujeito) para o conhecimento. É entender, através de Câmara Cascudo, que práticas discursivas e não-discursivas ajudaram a produzir essa ideia de cultura popular nordestina e que forças políticas e embates de poder estão no seu começo. Nos diz Foucault que a genealogia possibilita espreitar os acontecimentos lá onde menos se os espera é naquilo que é tido como não possuindo história.¹¹

A cultura no discurso de Câmara Cascudo é pensada como algo natural, um a priori, que precisa apenas do discurso do folclorista e do etnógrafo para ser resgatada. Desconfiemos dos objetos (e dos sujeitos) que são sempre tidos como naturais, nos diz Foucault, usemos o

⁹ Sobre o método genealógico ver. FOUCAULT, Michel. Nietzsche a genealogia e a história. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro. Graal. 1979.

¹⁰ Idem, ibidem p. 15

¹¹ ibidem p.15

método genealógico para nos opormos aos desdobramentos meta-históricos das significações ideais e das indefinidas teleologias.¹² O método genealógico, nos possibilita pensar criticamente a própria historiografia da cultura, aqui mais particularmente da cultura popular, onde esta é quase sempre pensada como um dado, como uma evidência. O importante, e o método genealógico nos possibilita isso, é voltarmos nosso olhar para o próprio conceito de cultura popular, para a constituição do sujeito Luís da Câmara Cascudo, um de seus principais inventores, é percebermos que esse sujeito tem uma história que precisa ser problematizada, pois nos diz Foucault, atrás das coisas há algo inteiramente diferente, não seu segredo essencial e sem data, mas os segredos que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas. A razão, a liberdade, a cultura popular nordestina, tem no seu começo histórico não a identidade ainda preservada da origem, e sim a discórdia entre as coisas, o disparate.¹³

Para conjurarmos a quimera da origem no sentido ontológico do termo, no que diz respeito ao conceito de cultura popular nordestina presente no discurso de Câmara Cascudo, necessitamos da história, de olhar para o passado para percebermos como esse sujeito e consequentemente seu discurso foram possíveis em determinado momento, quais foram os discursos que o influenciaram na sua forma de ver e dizer o regional, o cultural e o povo. “É preciso saber reconhecer os acontecimentos de história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas que dão conta dos atavismos e das hereditariedades.”¹⁴ É preciso lançar um olhar de desconfiança sobre esse sujeito e sobre seu objeto histórico, e a respeito disso o texto de Veyne sobre Foucault é significativo. Trabalhando com o discurso de Foucault a respeito dos objetos históricos, ele nos diz:

Em uma certa época, o conjunto das práticas engendra, sobre tal ponto material, um rosto histórico singular em que acreditamos reconhecer o que chamamos, com uma palavra vaga, ciência histórica ou religião, mas em uma outra época, será um rosto particular muito diferente que se formará no mesmo ponto e inversamente, sobre um novo ponto se formará um rosto vagamente semelhante ao precedente. Tal é o sentido da negação dos objetos naturais, não há através dos tempos evolução ou modificação de um mesmo objeto que brotasse sempre no mesmo lugar. Caleidoscópio e não viveiro de plantas.¹⁵

O que Veyne quer dizer é que Foucault pensou radicalmente o objeto histórico, incomodando profundamente muitas pessoas. Para esse pensador o objeto histórico deve ser encarado como um acontecimento que tem um lugar temporal e espacial, que, portanto, muda

¹² Op. Cit p. 16

¹³ FOUCAULT, Michel. Op. Cit p.18

¹⁴ FOUCAULT, Michel. Op. Cit p. 19

¹⁵ VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: Como se escreve a história. São Paulo. Martins Fontes, 1983. p. 172

e dissolve-se para ser (re)definido por um outro olhar em um outro lugar. O passado adquire formas à medida que é redesenhado pelas mãos do historiador no presente. Mãos que buscam em sua revisitação ao passado encontrar respostas para os desafios contemporâneos.¹⁶ Nesse discurso de Foucault trabalhado por Veyne o historiador é responsável pela redefinição, pela manipulação do objeto histórico.

A desnaturalização do objeto histórico (e a desnaturalização do próprio sujeito) é uma de suas grandes inovações, daí Veyne dizer que Foucault revolucionou a história, pois ele rompe com a ideia de essência, onde se acreditava ser o objeto histórico (e os sujeitos) algo que possuía um referente fixo, uma essência que lhe daria sentido, afirmando que nenhum acontecimento pode ser visto como natural e sim como uma construção que só pode ser explicada pela própria história, nela (na história) só existe constelações individuais ou mesmo singulares e cada uma delas é inteiramente explicável com o uso exclusivo dos meios de que dispomos.¹⁷

Em Foucault o objeto histórico (e os sujeitos) não só sofreu um processo de desnaturalização, como também de desmaterialização, isto é, tornou-se problemático, assim, o objeto histórico começa a ser visto como algo que deve ser problematizado, desconstruído, desmontado e apresentado enquanto dispersão que possibilite o surgimento de algo novo, algo que em um outro lugar e por um outro olhar também passará pelo processo de desmontagem. Caleidoscópio como diz Veyne. Nesse sentido, a desconstrução, a desmontagem do conceito de cultura popular nordestina se fazem necessário, e é através da história da produção da subjetividade de Câmara Cascudo que poderemos perceber como esse conceito foi instituído, legitimado e subjetivado.

Além de desnaturalizar e problematizar, devemos desconfiar do objeto histórico, pois não podemos esquecer que o que se diz e o que se escreve no campo do saber histórico, parte de um lugar que não é desinteressado. Nesse sentido, devemos perceber que o objeto que parece definido para o saber histórico, foi transformado em objeto em um dado momento e por um olhar/discurso que de forma alguma estava descompromissado com o seu tempo. “Mais do que explicar os fatos, interpretá-los, devemos seguir suas linhas de constituição, as lutas, experiências e falas que deram origem ao seu desenho, atentos para os silêncios que são incontornáveis, mas que também são elementos de sua tessitura.”¹⁸

¹⁶ ALBUQUERQUE, Jr. Um leque que respira. In: Retratos de Foucault. CASTELO, Guilherme Castelo e PORTOCARRERO, Vera (orgs.). Rio de Janeiro. NAU. 2000. p. 122

¹⁷ VEYNE. Paul. Op. Cit p.173

¹⁸ ALBUQUERQUE Jr. Um Leque que Respira: a questão do objeto em História. Op. Cit. p123

Nesse sentido, fazer uma história da produção da subjetividade de Cascudo foi uma maneira de desnaturalizar, desmaterializar e desconfiar desse sujeito, e de seu objeto histórico que é a cultura popular nordestina, mostrando que ambos tem implicações políticas específicas, que foram constituídos em determinado momento histórico, foi romper com essa noção de cultura como um objeto obvio e dado e mais que isso foi a possibilidade de questionarmos a maneiras que nossa cultura nos define pois “para sermos livres” nos ensina Foucault, “precisaremos ser capazes de questionar as maneiras como nossa história nos define” já que a história se assume como um discurso produtor de verdades e construtor de realidades politicamente interessadas. Mas ela também possibilita a desconstrução dessas verdades. O historiador, afirma Albuquerque Jr:

Deve descobrir que o que o prazer do seu ofício não está no encontro com a verdade definitiva, mas na sua procura, e que a finalidade de seu saber não é encontrar as versões definitivas sobre os fatos, mas desmontar aquelas versões tidas como verdadeiras, tornando outras possíveis, libertando as palavras e as coisas que nos chegam do passado de seu aprisionamento museológico, permitindo que outros sentidos se produzam, que outras leituras se façam.¹⁹

No que diz respeito à cultura popular nordestina, isso pode ser possível através de uma história da produção da subjetividade de Luís da Câmara Cascudo, um de seus principais inventores.

No primeiro capítulo: *A (auto)constituição do sujeito Luís da Câmara Cascudo*, tentaremos desnaturalizar e problematizar este próprio sujeito, pois como objetos e sujeitos são produtos históricos, há sempre que se notar, antes de tudo, como foram construídos esses sujeitos e objetos, para, depois passar a explicar a relação existente entre eles. Devemos mostrar que os sujeitos não são algo que possuem uma essência que os diria de antemão, e sim, que somos construções históricas fruto de práticas discursivas e não discursivas.

Fazer uma história da produção da subjetividade de Câmara Cascudo é tentar desnaturalizá-lo, mostrando que ele, assim como sua produção discursiva sobre o Nordeste, seu povo e sua cultura têm um marco de fundação, assim como uma história de formação, que seu discurso só foi possível devido aos seus intercessores. Partimos, portanto, do pressuposto de que um de seus principais intercessores foi o discurso religioso. Que esse discurso exerceu influência decisiva enquanto produtor de sua subjetividade. Um discurso percebido na figura dos pais, nas leituras feitas na infância, na figura dos professores, na sua infância de menino

¹⁹ ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. Michel Foucault e a Mona Lisa ou como escrever a história com um sorriso nos lábios. Texto apresentado no colóquio a Foucault em Campinas — São Paulo. 2004, p04

doente, menino solitário, menino rico, nas histórias ouvidas na infância através de suas “sherazades analfabetas”, nas amizades sedimentadas na Faculdade de Direito do Recife.

Foi preciso estudar os discursos, as instituições, as relações sociais e políticas que influenciaram na sua forma de ver e dizer o regional, o cultural e o povo. Estudamos o processo histórico e social de produção de sua subjetividade, sua formação religiosa, suas amizades, suas leituras, o estudo de sua subjetividade através daquilo que dizia de si e fazia e daquilo que dele falavam.

As primeiras décadas do século XX foi o período da formação intelectual de Câmara Cascudo, período que permitiu a esse sujeito se constituir enquanto sujeito e falar de uma sociedade, de valores que ele próprio estava testemunhando seu desaparecimento. Nesse sentido, o segundo capítulo: *A Emergência Modernidade e o choque com uma subjetividade que se dessacraliza*, desconfiarei dessa ideia de que o discurso de Câmara Cascudo a respeito do Nordeste, do nordestino e de suas manifestações culturais era um discurso óbvio e dado, mostrando que a produção discursiva desse sujeito está relacionada com um momento histórico específico, isto é, com os acontecimentos que mexeram com o país nas primeiras décadas do século vinte, período em que se percebeu o progressivo declínio político e econômico das elites agrárias, a desvalorização do discurso religioso. A sua situação enquanto sujeito pertencente a essa clientela destituída da classe dirigente, pois era descendente das elites agrárias do Nordeste no começo do século XX e filho de um rico comerciante cuja subjetividade não estava preparada para enfrentar as mudanças trazidas pela modernidade, principalmente no que diz respeito aos negócios, e por isso, entra em declínio financeiro, está relacionada com sua obra, com a imagem que constrói em seu discurso sobre o cultural, o regional e o popular.

As ameaças de nivelamento social, o medo do fracasso profissional, da perda de espaços sociais e existenciais, o choque de uma subjetividade católica com um mundo dessacralizado, está relacionado com sua forma de ver e dizer o Nordeste, seu povo e sua cultura. Isso pode explicar, por exemplo, esse apego de Cascudo as lendas, aos mitos, as superstições, as credences desse Nordeste rural e pré-capitalista. Seu discurso de folclorista seria uma forma de atualizar valores que estavam se perdendo. Uma tentativa de perpetuar através da escrita o passado glorioso dos patriarcas, da sua infância, da sua sociedade. Portanto, não é um discurso desinteressado, pois não existe objeto histórico fora do político.

No terceiro capítulo: *A tentativa de uma ressacralização social através do Integralismo*, partiremos do pressuposto de que essa fuga de Câmara Cascudo para o Integralismo é reflexo exatamente do medo que esse sujeito tinha de uma desterritorialização

subjativa, que foi a tentativa de “brecar” o processo de dissolução pelo qual a sua sociedade e consequentemente a sua subjetividade estavam passando, num mundo turbulento como o mundo moderno. A tentativa de assegurar seu espaço, de fixar uma suposta identidade.

Cascudo se filia ao Movimento Integralista como forma de retornar ao seu antigo mundo que estava se dissolvendo, já que esse era um movimento que pregava acima de tudo o retorno de antigos discursos, como o religioso, de antigos valores, de velhas tradições, de hierarquias sociais e de gênero. Câmara Cascudo, cuja subjetividade foi formada na sociedade patriarcal e sob a égide do discurso religioso, percebe a sociedade patriarcal sendo dessacralizada por um mundo marcado pela finitude, portanto, pode ter visto nas propostas da A.I.B, a possibilidade de um retorno ao seu mundo patriarcal.

2 A (AUTO)CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Nascemos e vivemos mergulhados na cultura da nossa família, dos amigos, das relações mais contínuas e íntimas do nosso mundo afetoso. Depois escolas, universidades, leituras, especializações, currículo profissional, contatos com os grupos e entidades eruditas e que determinam vocabulário e exercício mental diverso do vívido habitualmente. Todos esses discursos vivem numa coexistência permanente, as duas forças propulsoras de nossa vida mental, de nossa subjetividade.

Luís da Câmara Cascudo

Para podermos entender o discurso de Luís da Câmara Cascudo, a sua relação com a cultura da qual é um dos inventores, ou seja, a cultura popular nordestina, é preciso entender como se deu a constituição de sua subjetividade, entendendo está enquanto técnica de produção do sujeito que não deve ser vista enquanto um dado, um a priori, que o definiria de antemão, mas como uma produção acionada por múltiplas experiências, por discursos, por diversos dispositivos²⁰. Como nos diz Rolnik, “é necessário desfazermos o perfil e a quietude que a pele desenha, para podermos perceber o que há por trás da constituição do sujeito, pois quando um perfil se dilui outro logo se esboça”²¹, e aqui, é interessante nos fixarmos nesse perfil que marcou esse sujeito de discurso até o final da década de trinta.

Fazer uma história da produção da subjetividade de Luís da Câmara Cascudo é buscar entender que mecanismos, que discursos o influenciaram na sua forma de ver e dizer o regional, a cultura popular e o povo. Partimos do pressuposto que o discurso religioso, o discurso do catolicismo exerceu uma influência significativa enquanto produtor de sua subjetividade, na visão que tem da modernidade, na visão que tem de cultura e de povo, pois Cascudo é filho dessa sociedade que Freyre denominou de patriarcal onde o discurso religioso exercia influência significativa na produção das subjetividades, pois estava disseminado por toda sociedade.

Como já foi dito, fazer uma história da produção da subjetividade de Cascudo nos possibilita pensar como essa noção de cultura foi sendo formada, possibilita vermos de que lugar social e político emitia seu discurso. Nos possibilita questionar esse lugar “cultural” criado para nós habitantes da região Nordeste, de uma cultura rural, tradicional, ingênua, filha

²⁰ Ver FOUCAULT. Michel. História da Sexualidade 1 - A Vontade de Saber. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1988. e ORTEGA. Francisco. Amizade e Estética da existência em Foucault. Graal. Rio de Janeiro. 1999.

²¹ ROLNIK. Suely. Uma Insólita Viagem À Subjetividade: fronteiras com à ética e a cultura. In: Cultura e Subjetividade, Saberes Nômades (org) Daniel Lins. Campinas. SP: Papirus. 1997. p26

de um povo alegre, festivo, ingênuo e infantil. Questionar o que hoje se entende por cultura popular nordestina é pensar que esse conceito foi fundado em determinado momento e está ligado a posições políticas e sociais de seus inventores. Contudo, pretendemos trabalhar não diretamente com sua noção de cultura, mas como essa noção de cultura foi sendo formada, como o sujeito de discurso, o erudito Câmara Cascudo foi sendo forjado, quais os dispositivos, os discursos, que constituíram sua subjetividade.

Para compreendermos Luís da Câmara Cascudo é indispensável entender o contexto em que ele viveu, seus primeiros anos de vida, sua situação de filho único, por isso mimado, de menino-doente, menino-solitário e de menino rico, pois era filho único de um casal da aristocracia provinciana daquele período com um “capital simbólico”²² e financeiro bastante significativo na época. Isso só será possível através do mapeamento das “redes de memórias”²³ que criaram a identidade do folclorista Câmara Cascudo.

Nesse sentido, partimos da ideia de que todos os sujeitos sociais, independentes de quaisquer qualificativos ou características, possuem história e fazem parte do processo histórico do seu tempo e do espaço em que se situam, constituindo sua própria subjetividade, assim, o sujeito se constitui no mundo social e para si mesmo no “tempo da vida”, contudo, como coloca Larrosa, o tempo da vida, o tempo que articula a subjetividade não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras (dando, portanto, a ideia de causa e efeito) mas, o tempo da consciência de si é a articulação em uma dimensão temporal daquilo que o indivíduo é para si mesmo. E essa articulação temporal é de natureza essencialmente narrativa. Diante disso, a constituição temporal do sujeito, aqui particularmente do sujeito Luís da Câmara Cascudo, para si mesmo se dá na unidade de uma história e, exatamente por isso, que o tempo no qual constitui sua subjetividade é o tempo narrado, que é quase sempre um tempo linear.²⁴ O “tempo da vida” em Cascudo é sempre representado pela continuidade, repetindo sempre o mesmo enredo ao relembrar sua infância.

²² Bourdieu quando fala de capital simbólico está se referindo a aliados prestigiosos, seja no campo político, cultural, econômico, enfim em todo campo social. São prestigiosos, na medida em que o valor dessas alianças produz lucros. Ver. *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1999 p 58

²³ As redes de memória são segundo Delgado um conjunto de discursos acionados para criarem ou (re)criarem um determinado sujeito, podendo ser as suas autobiografias, a memória produzida por um museu, memória biográfica feita por amigos, familiares e até mesmo a memória engendrada pela tradição oral na cidade, estado, enfim região que esse sujeito pertence. Ver Delgado. Andréa Ferreira. *A rede de memórias e a invenção de Cora Coralina*. In: *O Biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Benito Schmidt (org). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

²⁴ Ver: RESENDE. Selmo Haroldo de. *Abordagens Biográficas e Foucault*. In: *neho-História - núcleo de estudos em História Oral*. Dep de História - USP nº 01/ 1999. P 61-60

A nossa ideia, portanto, é através de uma certa potencialidade, de um certo olhar mais apurado, mais profundo, um olhar “vibrátil”²⁵ perceber que discursos, que dispositivos ajudaram o sujeito Luís da Câmara Cascudo a se (auto)constituir, entendendo que o sujeito é produção histórica, fruto de uma “arqueologia de saberes”²⁶ e de uma “genealogia de poderes”²⁷. É pensar o sujeito como lugar de uma problematização, objeto de uma preocupação, o eixo em torno do qual se concentrará toda uma reflexão relativa à relação consigo e com os outros, relação constitutiva da conduta de vida.²⁸

Luís da Câmara Cascudo nasceu em Natal, a 30 de dezembro de 1898, filho do coronel Francisco Cascudo e da senhora Ana da Câmara Cascudo. É um sujeito filho dessa sociedade descrita por Freyre como patriarcal,²⁹ uma sociedade onde até bem pouco tempo predominaram relações escravistas de produção, a estrutura monárquica de governo, o predomínio de valores rurais e católicos, seja em termos de sociabilidades, sensibilidades e subjetividades, pois a igreja através de seu discurso educacional era a produtora das subjetividades desses homens e mulheres pertencentes a essa sociedade, uma sociedade onde cada pessoa sabia qual era o seu lugar, onde aprendiam desde cedo a amar e respeitar a família, a preservar as tradições, a ir à Igreja. Uma sociedade onde as relações entre as pessoas eram atravessadas pelo sentimento muito mais do que pela racionalidade, uma sociedade de valores sagrados constituídos sob à égide do discurso religioso.³⁰

Relações que vão formando sua subjetividade como as que mantém com a figura do pai, assim como com a da mãe, a sua infância doente vivida no sertão, a sua vida de menino

²⁵ O olhar vibrátil é caracterizado por Rolnik. Como uma certa potencialidade que faz com que o olho seja tocado pela força do que vê. Essa potencialidade rompe com o olhar mais desatento que vê na pele uma superfície compacta, e uma certa quietude, percebe logo de imediato que a pele é um tecido vivo e móvel, feito de forças/fluxos que compõe os meios variáveis que habitam a subjetividade. Esses meios variáveis podem ser a família, a escola, a Igreja, as leituras, as amizades...

²⁶ Arqueologia para Foucault é uma análise das formações discursivas, que pretende determinar as regras de formação dos objetos e dos sujeitos, contudo essa análise não se limita aos discursos, mas articula-se com formações não discursivas. Então quando digo que Cascudo é fruto de uma arqueologia de saberes estou querendo dizer que esse sujeito é uma fabricação histórica fruto de práticas discursivas e não discursivas.

²⁷ Genealogia para Foucault é a análise histórica das condições políticas de possibilidades dos discursos, ela diz respeito sobretudo ao poder e suas relações com o saber. Portanto, quando digo que Cascudo é fruto de uma arqueologia de saberes estou querendo dizer que a sua constituição enquanto sujeito de discurso tem uma história, portanto, só foi possível em determinado momento histórico, qual seja, as primeiras décadas do século XX.

²⁸ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1-A vontade de saber, Op. Cit. P. 95

²⁹ Freyre foi o inventor do conceito de sociedade patriarcal para descrever as relações sociais no Brasil, desde o período colonial até final do século XIX, quando esta teria entrado em declínio, para ser substituída paulatinamente pela sociedade burguesa. Na sociedade patriarcal havia o predomínio do homem, do macho, do pai. Predomínio esse que não poderia ser contestado, e era em torno dessas figuras que se estruturava toda uma ordem social. Ver: ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. Nordeste: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino no Brasil (1920 – 1970). (Texto mimeografado).

³⁰ Ver ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. Nordeste: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino no Brasil (1920-1970). P.41

rico e solitário, daí a procura pela leitura, os seus professores e as histórias ouvidas através de suas tias, sua ama Utinha, vão formando uma “cartografia cultural”³¹, que lhe serviram de guia, pois sem ela à sua subjetividade não seria possível.

Câmara Cascudo faz referências em seus textos autobiográficos a constantes e determinados marcos e a determinadas pessoas, marcos e sujeitos que foram fundamentais nessa sua constituição de sujeito folclorista, erudito, sabedor da cultura popular. Descreve marcos hegemônicos que circunscrevem o “regime de verdade”³² sobre si aonde sua subjetividade teria sido formada tendo como modelo a figura do pai, numa infância doentia, solitária, porém rica e glamorosa, através da influência religiosa da sua mãe, das tias, de seus primeiros professores e das suas amigadas na Faculdade de Direito do Recife.

O rememorar do tempo pelo autor institui sentidos e significados à determinados eventos de sua vida que nos ajudam a perceber como foi constituída sua subjetividade. Os valores patriarcais e, portanto, católicos do pai, da mãe, das tias, dos professores, das suas amigadas nos possibilita o mapeamento das tecnologias que ajudaram a esse sujeito se autoconstituir.

O pai em suas narrativas é representado como sendo aquele homem bondoso que tratava bem a todo, um homem de hábitos patriarcais, que gostava de mesa farta para os amigos e todos os familiares, dadivoso e generoso, gostando mais de distribuir do que de receber, homem respeitado e obedecido por todos, um homem fervoroso que acreditava acima de tudo em Deus e na ideia de que o bem sempre venceria o mal, num tempo e/ou numa sociedade em que o catolicismo era visto como instrumento de unidade nacional.

Bondade, gentileza, honestidade, honra, coragem e temência a Deus, são características de uma subjetividade católica e patriarcal. O seu pai coronel Francisco Cascudo é o seu modelo de subjetividade, e é sempre descrito em suas narrativas como um homem altivo, nobre, fisionomia de aristocrata, um autêntico senhor patriarcal. Como diz o próprio Cascudo:

Alto, robusto, de proporções harmoniosas quando moço, pele clara e fina, fisionomia tranquila de energia e mando, avivada pelo fulgor imperioso dos olhos azuis, fora uma marialva na sela, maravilhoso atirador de revólver, ágil

³¹ São guias ou tecnologias que ficam à disposição dos sujeitos e que os ajudam na constituição de suas subjetividades, e que variam conforme o contexto histórico. ROLNIK. Suely Op. Cit. P. 26

³² É o intercruzamento de diferentes histórias sobre os sujeitos, onde os discursos se confluem para produzir a “verdade” biográfica e estabelecer seus contornos, silenciando assim outras trajetórias. Ver DELGADO. Andrea Ferreira. A Rede de Memórias e a intervenção de Cora Coralina. Op. Cit. P 155

como um gato-do-mato. Mãos e pés de linhas impecáveis. A comprovada coragem pessoal era famosa e lembrada nas memórias dos sertões.³³

Sua coragem é sempre destacada por Cascudo, valor que significa nesse “discurso tradicionalista”³⁴ símbolo de força, destreza, ser um macho. Um homem de costumes conservadores, masculinos, um ser viril. No discurso de Cascudo seu pai é representado como um modelo de masculinidade e de virilidade. Homem de fibra, firmeza, potência, homem dentre os vários homens de uma sociedade constituída sob valores patriarcais e católicos. É um homem nordestino, ou seja, é macho, portanto, pensado no masculino, numa sociedade onde não havia lugar para o feminino, pois esta é uma moral de homens, uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e dirigida aos homens.³⁵ Moral viril, como diz Foucault, na qual as mulheres apreciam apareciam apenas a título de objetos, ou no máximo como parceiras que convém formar, educar e vigiar, quando elas estão sob o poder masculino, e das quais é preciso abster-se quando estão sob o poder de um outro homem.³⁶ Nesse sentido, o coronel Francisco Cascudo é um “cabra macho”, “cabra da peste”, valente caçando cangaceiros no meio da caatinga do sertão norte-rio-grandense, homem de fibra que a tudo enfrenta e que portanto a tudo vence. Esses são os valores descritos por Cascudo para representar o pai em suas narrativas, são valores patriarcais, rurais e católicos e que são tão admirados por esse sujeito de discurso:

Foi alferes do Batalhão de segurança em 13 de julho de 1892, tenente em 12 de agosto de 1893, delegado militar no interior, realizou inúmeras diligências perigosas, caçando cangaceiros invencíveis e protegidos. Pilão Deitado, Ventania, Cocada, o famoso Antônio Moita Brava, morto na noite de 21 de dezembro de 1894 na vila de São Miguel de Pau das Ferros depois de cerco e desesperado tiroteio, dispersou os fanáticos da serra de João do Vale e que constituíam núcleo formador de um futuro Canudos. O Senador Pedro Velho saudara-o em discurso num banquete oficial, 11 de fevereiro lembrando a sua missão no Mossoró.³⁷

Cascudo passou boa parte de sua vida ouvindo histórias de coragem, de valentia, onde o principal personagem era seu pai o coronel Francisco Cascudo.

³³ CASCUDO, Luís da Câmara. O Tempo e Eu (confidências e Proposições) Natal. Imprensa Universitária. 1968. P 39

³⁴ Discurso político e cultural que surge na década de vinte do século passado aqui no Nordeste, agenciado pelo Movimento regionalista e tradicional, cujo principal objetivo era instituir verdade para a região, Verdades sobre um nordeste sacro, cultural e folclórico. Ver: ALBUQUERQUE Jr. A invenção do Nordeste e outras Artes. São Paulo: Cortez. Recife: Massangana.1999

³⁵ Ver: ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. Nordeste: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino no Brasil. (1920-1970) p43.

³⁶ FOUCAULT, Michel. O Uso dos Prazeres as Técnicas de Si. In: Coleção Ditos & Escritos II. Ética, Sexualidade e Política. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2004. p.209.

³⁷ Cascudo. Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit. P.35.

Quando nasci meu pai era tenente da quarta companhia do Batalhão de segurança. Deixou depois o quartel pelo comércio, mas conservou o orgulho da farda, a vaidade de haver pertencido à velha corporação centenária e sem manchas. Criei-me ouvindo histórias de caserna, lutas com os cangaceiros, figuras heroicas de cabos e sargentos, os combates ferro-frios no silêncio das estradas sertanejas, o estampido das Comblaims, o tiro retumbante das Nargants de ordenança. Daí em retentiva infantil a intuição de estar espiritualmente ligado ao Batalhão de Segurança, desde os tempos em que usavam gorro de duas pontas com bolota oscilante e espada rabo-de-galo³⁸.

Para Câmara Cascudo O homem devia ser muito macho para se defrontar com cangaceiros numa natureza tão hostil, áspera, árida, rude como a do sertão nordestino. Por isso, seu pai era um “cabra macho sim senhor”, porém sem perder esse ethos aristocrático, homem respeitado por todos e com um capital simbólico bastante significativo.

Sua vida de negociante começa quando em 1900 comprou uma loja de ferramentas e miudezas o Profeta. Foi tenente coronel da Guarda Nacional, pelo presidente Rodrigues Alves em 30 de março de 1903, negociante matriculado a 22 de janeiro de 1904. Membro da intendência em 1922, deputado estadual de 1918 a 1923 e presidente da Associação Comercial até falecer, findou o jornal a Imprensa em 1914, sem auxílios alheios...teve as melhores relações sociais pelo Nordeste e Sul, pertencendo a associações prestigiosas, como a Sociedade Nacional de Agricultura e o Club de Engenharia, proposto pelo seu amigo engenheiro Sampaio Corrêa.³⁹

“Seu Francisco” como Cascudo o chamava, teria gozado de ilimitado prestígio popular, foram até publicados versinhos sobre sua pessoa, que ressaltavam características como: valentia, bondade, generosidade.

Já serviu no segurança
Era um tenente chibante
E tem um grande elogio
Que lhe deu o comandante
Quando pediu demissão
Pra ser negociante
É um grande e bom amigo
Mas sua maior grandeza
Estar em ser o amigo

³⁸ CASCUDO. Luís da Câmara. Polícia mata cachorro, Natal. A República agosto de 1940. P 12

³⁹ CASCUDO. Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op.Cit. p 36

Mais amigo da pobreza!⁴⁰

Câmara Cascudo constrói em seus relatos, a figura do pai através de uma série de agenciamentos, de imagens que remetem a uma subjetividade católica e patriarcal, subjetividade essa que o influenciou na sua autoconstituição, modelo de coragem, de valentia, de bondade, de caridade. Figuras construídas através de múltiplas descrições pautadas em valores sociais, em conceitos normativos e éticos da sociedade patriarcal.

Segundo Cascudo durante mais de vinte anos todas as iniciativas úteis, oficiais ou particulares, tiveram em Natal a colaboração decisiva do coronel Francisco Cascudo como o Ferro Carril (bondes e burros), a criação do Bispado, do orfanato, do Asilo de mendicidade, da Companhia de Bombeiros, a assistência aos retirantes da seca. Nunca tendo executado um credor. Nunca tendo requerido um despejo, nunca tendo cobrado uma conta a uma viúva. O grande patriarca, deixou mais de 1.200 afilhados. Doou terreno para à capela, hoje matriz de Santa Terezinha no Tirol.⁴¹

Era, portanto, o chefe de uma família numerosa porque composta não só do núcleo conjugal e de seu filho, mas incluindo um grande número de criados, afilhados. parentes, aderentes, agregados, todos submetido ao poder absoluto do chefe, que era marido, pai, patriarca, no dizer de Freyre uma típica família patriarcal, com parentela, redes de poder e dependência.⁴²

Sua bondade era tal, segundo Cascudo, que sua falência material foi em prol das outras pessoas, quando na verdade foi a falta de adequação subjetiva à nova lógica capitalista que o fez declinar junto com as oligarquias a qual pertencia, na década de trinta. Sua subjetividade não estava preparada para enfrentar os valores de um mundo moderno, burguês, capitalista, individualista e utilitarista, como diz o discurso tradicionalista e conservador dessa sociedade patriarcal. Homem cujos valores patriarcais e, portanto, católicos, não o fazem um capitalista, acreditando apenas na força do dinheiro, mas sim na força da palavra. Dono da maior loja de ferragens de Natal, comercializava a credito, faturas altas e por isso tinha sempre somas muito altas a receber, e nesse período, o governo da União aprova a lei de contas assinadas. Esses débitos registrados apenas em contas correntes, teriam de ser cobertas com a emissão e a devida aceitação das duplicatas. O coronel Francisco Cascudo, em lugar de aproveitar as garantias da lei, conta Gildson de Oliveira, prefere acreditar na palavra dos

⁴⁰ CASCUDO. Luís da Câmara. O tempo e eu. Op. Cit p. 37.

⁴¹ Op. Cit. P 38 - 39

⁴² Ver FREYRE, Gilberto. Ordem e progresso. Rio de Janeiro. José Olympio. 1959

amigos, como ele mesmo dizia: os meus clientes permanecem descansados, o crédito de sempre estará aberto, não a troco de duplicatas, mas da palavra, e Cascudo que herda do pai esses valores morais segundo biógrafos e amigos, não advoga a causa na justiça, apenas lamenta a sua falência material e admira essa sua coragem, essa sua atitude, que é mais uma característica de uma subjetividade forjada sob valores patriarcais e católicos, qual seja, saber perdoar, pois nos diz Oliveira, mesmo com a fortuna abalada, nunca se queixou de nenhum freguês, tampouco ingressou com ações para débitos ou falou no assunto.⁴³

Meu pai dissipou uma fortuna pagando dívidas que não contraía, aval, endosso, garantias. Encerrado o ciclo comercial teria a cobrar mais de três mil contos, Desanimado e triste renunciou qualquer ação judiciária, hipotecando por trinta contos sua casa, construída em meio de terreno compreendendo $\frac{3}{4}$ do quarteirão entre Jundiá e Apodi.⁴⁴

Apesar de tudo isso, Cascudo nos diz que a falência material e a velhice não tiraram esse ar de aristocrata, de patriarca, que simbolizava a autoridade, à honra, a virilidade, a força e a valentia, valores instituidores do ser homem no Nordeste.

Velho é pobre, conservou o ar senhorial, sempre de traje branco, colete com a corrente de ouro prendendo o Patek-Phelipp, o chapéu do Chile, a bengala de Jucá, apoiando o passo lento, um ombro derreado, o sorriso cativante. Era um dos três maiores conservadores de Natal (...) com ele desapareceu uma das tradições legítimas da cidade, bom-humor, altivez, hospitalidade, abundância de coração. Tendo unicamente o curso primário incompleto, foi uma inteligência proclamada pelos que o conheceram.⁴⁵

Seu pai representa, portanto, em suas narrativas o modelo a ser seguido, a subjetividade a ser preservada, pois segundo ele esse era um homem que apesar de tudo que passou na vida, principalmente a falência material na velhice, ainda possuía intactas as virtudes da compreensão, do tacto, de respeito à dignidade alheia, de altivez espontânea, vivacidade aristocrática. Assim como o padre Ibiapina, seu pai era o santo doméstico da família, morreu como um verdadeiro senhor patriarcal.⁴⁶ Homem paternal, dirigente sábio, educador e protetor dos mais fracos, mantenedor da ordem e promotor do progresso econômico e social.

⁴³ OLIVEIRA, Gildson. Câmara Cascudo: Um homem chamado Brasil. Brasília. Brasília Jurídica. 1999. P 61

⁴⁴ CASCUDO. Luís da Câmara. O tempo e eu. Op. Cit. P 39

⁴⁵ CASCUDO. Luís da Câmara. O tempo e eu. Op. Cit. P 40

⁴⁶ CASCUDO. Luís da Câmara. O Tempo e eu. OP. Cit. P41.

Assim como o pai foi uma figura importante na vida de Cascudo, a mãe também foi peça fundamental na constituição de sua subjetividade, foi uma de suas mais importantes influenciadoras, principalmente no que diz respeito aos valores católicos. Uma mulher filha de uma sociedade onde as hierarquias de gênero estavam bem definidas, onde a mulher sabia exatamente qual era o seu lugar. Um regime de verdade, vivenciado e experimentado pelas subjetividades femininas, onde as principais instituições responsáveis por essa subjetivação coletiva eram a família, a Igreja e a escola, pois era à família que cabia o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas. Quanto à Igreja, esta era marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas, sobretudo em matéria de decência nos trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, inculcando uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais. A escola, por sua vez, estava mergulhada nos dogmas da Igreja, e transmitia os valores da sociedade patriarcal.⁴⁷

A mulher, nessa sociedade, deveria ter graça, encanto e devia ser delicada. O feminino sendo definido pelo refinamento dado pela educação aristocrática. Uma sociedade onde a mulher era educada para ser compreensiva e companheira do marido, educadora dos filhos, uma esmerada dona de casa e acima de tudo, religiosa. Todas essas características de uma subjetividade católica e patriarcal são ressaltadas por Cascudo quando em suas narrativas fala de sua mãe. Esta é sempre descrita como uma mulher devota que levava o filho a Igreja para participar de todos os rituais litúrgicos onde, inclusive Cascudo foi coroinha.

Dona Ana Maria da Câmara Pimenta, quando solteira, e Ana da Câmara Cascudo quando casada, nasceu na fazenda Logradouro, município do Triunfo, e faleceu em Natal. Traçando sua fisionomia, Cascudo nos diz que era uma mulher...

Pequenina, gorda, pés e mãos minúsculos, olhos verdes, facilmente irritável e mansa. Foi como ela mesma dizia, mulher de sua casa, a família, o jardim, os pássaros, cozinha, Igreja, criança e roupa, jamais frequentando a alta sociedade, etiquetas, imposições sociais. Vestia-se bem e adorava cinema, frequentando anos e anos quase todas as noites, o Royal-Cinema, cujo proprietário, Alberto Leal, só iniciava a sessão depois que a via no camarote reservado (...) outrora lera romances de Escrich, Richeboug, Georges Ohnet, Octave Feuillat, citados como insuperáveis. Não gostava de versos. Não dançava, embora ouvisse valsas com embevecimento. Manteve seu lar com interesse, atenção carinhosa, cumprindo a missão humilde, modesta recatada das velhas senhoras de outrora. Amava o seu pequeno mundo e nunca passou das emoções do cotidiano.⁴⁸

⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p103.

⁴⁸ CASCUDO. Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit P43.

Mulher, filha da aristocracia, fora educada em colégios católicos onde aprendera orações à Virgem Maria e ao santo casamenteiro Santo Antônio, além dos cuidados com a língua, música, bordados e os quitutes para o marido. Mulher rigorosamente católica e supersticiosa, ocupava, portanto, nessa sociedade patriarcal e conservadora, seu tradicional papel de dona de casa e mãe de família. Como nos diz Bourdieu, nessa sociedade, as mulheres, existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes e disponíveis. Delas se esperam que sejam femininas, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas.⁴⁹

Cascudo pensa a mulher, aqui representada por dona Ana da Câmara Cascudo, sua mãe, como um ser afetivo, aquela que através de atos e palavras conseguia a união dos membros da família, a união do próprio lar, sempre buscando amparo para todos na Igreja, pois era ela quem rezava por todos, e seu lar era tido como um templo, um santuário da família, segundo o próprio discurso tradicional e conservador, para o qual o lar era o lugar onde os sentimentos mais ternos se cultivavam, e a encarregada desse cultivo era sem dúvida a mulher.⁵⁰

O destino da mulher era, portanto, o casamento, do qual o amor, a maternidade e a vida doméstica eram coisas inseparáveis, isso seria o que traria a felicidade e à realização para ela. Toda sua vida estava voltada para cuidar e dar amor e afeto ao marido e filhos. Cascudo constrói para sua mãe a imagem da mulher perfeita, mulher religiosa que conservou a fé inabalável, rosários e promessas para todos os problemas diários, inclusive, quando do nascimento de Cascudo. “Minha mãe fizera promessa posa dar-me o nome de Luís de França”, promessa essa feita por causa do temor que o filho não nascesse vivo, pois já havia perdido três filhos que nasciam mortos ou não conseguiam viver, conseguiu, portanto que aquele menino “vingasse”, ou seja, “sobrevivesse”.⁵¹

Católica fervorosa, minuciosa, seduzida pelas orações, sofredora, porem resignada, aceitou a debacle do marido como algo que seria da vontade de Deus pois quando do declínio econômico, se portara como uma verdadeira dama patriarcal.⁵²

No declino econômico do marido, não murmurou queixas nem fazia confidencias. Desfez-se de quase todas as joias para ajudá-lo. Nunca me falou nesse sacrifício. Tinha um sorriso triste quando via, na missa uma sua

⁴⁹ BORDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Op. Cit p82.

⁵⁰ ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. Nordeste: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino no Brasil. (1920-1970) Op. Cit. p33.

⁵¹ CASCUDO. Luís da Câmara. Op. Cit p30

⁵² CASCUDO. Luís da Câmara. Op. Cit p43

joia no peito, orelhas, braços ou dedos da mulher de um credor impaciente de seu Chico, como ela chamava a meu pai.⁵³

O lar, na sociedade patriarcal, era sustentado pelas orações das mulheres, e se constituía na proteção afetiva, num refúgio para homens que precisavam estar preparados para lutas no espaço da economia e da política, lugares em que o feminino não poderia adentrar. A mulher deveria ficar sempre à sombra de seu marido, num estado de “dependência natural”, devia apenas ser carinhosa como mãe, terna como esposa e diligente como dona de casa. É isso que sua mãe representa em suas narrativas, ou seja, uma mulher aristocrática e conservadora, como ele mesmo diz, “uma verdadeira dama do Império”, que sofre ao ver a falência material da família, a tristeza do marido.

Câmara Cascudo vai construindo uma “escrita de si”⁵⁴ que se esboça nessas imagens que constrói do pai e da mãe, esses foram, portanto, os primeiros sujeitos a influenciarem ou forjarem uma subjetividade para esse sujeito de discurso. A família como a primeira a instituir um modelo de subjetividade para o sujeito, e já que se trata de uma família patriarcal que vivia sob a égide do discurso religioso, sua subjetividade não poderia, portanto, fugir a esse modelo, mesmo sabendo que essa é algo da ordem da produção e não da origem, não é algo que está dado, é algo construído, instituído, forjado pelas tecnologias de si, e pelos intercessores. Assim podemos dizer que os seus primeiros intercessores foram o coronel Francisco Cascudo e dona Ana da Câmara Cascudo, ou seja, sua família, como ele diz:

Não são apenas livros, viagens e convivências que educam, é essencialmente à família, se a família for deseducada não é possível deixar de apresentar-se os exemplos de mau-gosto. Distinção, honra, graça, naturalidade, bondade, firmeza, o dom de agradar, são conquistas pessoais obtidas no seio da família, inútil procurar lá fora, viajando, enriquecendo, conversando, ironizando.⁵⁵

Foucault nos diz que o exame e o saber de si que vão constituindo a subjetividade dos sujeitos na modernidade, procurar a relação fundamental com a verdade, não simplesmente em si mesmo, em algum saber esquecido ou em um certo vestígio originário, mas no exame de si mesmo que proporciona, através de tantas impressões fugidias, as certezas fundamentais

⁵³ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit. p43

⁵⁴ É a prática de construir, desconstruir e reconstruir sentidos para o sujeito, que delineia uma fronteira fluida entre o dito e o não dito, a memória e o esquecimento, o revelado e o escondido, e que se torna elemento fundamental na constituição da subjetividade. Ver: FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: Coleção de Ditos & Escritos V. Ética, Sexualidade e Política. (org) Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2004.

⁵⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. Mulher educada vale um colégio. Natal, A República, 23 de janeiro de 1935. P8.

da consciência⁵⁶, e isso se dá através da confissão que no período moderno passa por um processo de expansão, ou seja, esta é deslocada da Igreja e posta para funcionar em outros lugares como: no discurso médico, nos tribunais, na pedagogia, na própria família, nos diários, nas autobiografias, nas relações amorosas, nas esferas mais cotidianas. Confessa-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos passados, confessa-se os sonhos, a infância, as doenças e misérias, confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, à quem se ama, fazemos a nós próprios confissões impossíveis de se confiar a outrem, através dos diários, das autobiografias, ela - a confissão - é imposta a partir de tantos pontos diferentes.

Já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parecem-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não “demanda” nada mais que revelar-se; e que, se não chega a isso, é porque é contida à força, porque a violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular à custa de uma espécie de liberação (...) a confissão libera, a verdade não mais pertence a ordem de um poder mas tem um parentesco originário com a liberdade.⁵⁷

A subjetividade do indivíduo vai se constituindo aí nessa vontade saber, no exame de si, no saber de si, onde a confissão passou a significar suas próprias ações ou pensamentos. O indivíduo durante muito tempo foi autenticado apenas pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com alguém, como na Grécia Clássica, por exemplo, posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso da verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo. A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder no mundo moderno, antes era realizada apenas pela Igreja. Na modernidade isso se expande para outras instituições, outros discursos, outras relações sociais e na relação consigo mesmo. Foucault nos diz que essa sujeição dos homens ao dispositivo da confissão é que vai constituindo suas subjetividades, e é o que possibilita sua constituição enquanto “sujeitos” na modernidade.⁵⁸

Nessa sua busca de uma verdade para si, através do dispositivo da confissão, Cascudo faz um exame de si para instituir verdade sobre sua vida, verdades que não são apenas legitimadas por ele, mas por seus amigos e biógrafos. Cascudo confessa a sua infância, as suas doenças, as suas misérias, a sua solidão, enfim, põe em narrativa⁵⁹ sua infância de

⁵⁶ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1 – A Vontade de Saber. 11ª edição. Rio de Janeiro. Graal. P59.

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. p59 – 60.

⁵⁸ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. p61

⁵⁹ Ver FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: Coleção Ditos & Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. (org) Manoel Barros de Mota. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2001.

menino-doente, menino-solitário, menino-rico, onde a doença é tida como a principal responsável pela sua solidão e, portanto, pelo seu enveredamento no mundo das letras, incapacitado que estava de dar continuidade aos negócios de seu pai, tarefa que exigia “pulso de homem”.

A doença é tida por Cascudo como um momento de análise de si mesmo, do próprio corpo. Rara oportunidade para o auto encontro, a intimidade reveladora da própria intimidade.

O doente era de vidro, mas essa fragilidade atenciosa não o eximia da medicação atroz, hostil e bárbara como uma carícia de gigantes. As apalpações e intervenções mínimas, abscessos, furúnculos eram a frio e sem direito às queixas defensivas. Deixe de cavilação! Dengoso! Seja Homem! Era a técnica animadora. Menino, deduzia que a única condição de minha futura masculinidade seria a capacidade de resistir ao martírio.⁶⁰

A sua masculinidade era experimentada e posta à prova aí nesse lugar de dor onde a doença o impossibilitava de vivenciar outras experiências masculinas.

Fui menino magro, pálido, enfermizo. Cercado de dietas e restrições clínicas. Proibiram-me movimento na lúdica infantil. Não corria. Não saltava. Não brigava. Nunca pisei areia nem andei descalço. Jamais subi a uma árvore. Cuidado com fruta quente, sereno, vento encanado, brincava com meninas. Um quarto cheio de brinquedos para meninos sedentários, tudo rodeado no solo ou em cima d’uma mesa de mármore, que ainda possuo. Aprendi a ler quase sozinho aos seis anos.⁶¹

Todos os cuidados estavam voltados para ele, não podia ser como os outros moleques, soltos na rua, “tive uma meninice isolada e doente, cercado de brinquedos, mas sem companheiros de folia. Não possui amigos de infância.”⁶²

A sua vida de menino doente não possibilitou a Cascudo o gosto pelo esporte, portanto, sua identificação com o universo de valores masculinos, ao passo que a doença o aproximou do ofício intelectual, pois seu pai tentava suprir a falta das brincadeiras de rua com a compra de livros, e já aos seis anos sabia ler e possuía uma biblioteca repleta de obras nacionais e importadas da Europa pelo pai ou recebidas como presentes de amigos ilustres.⁶³

⁶⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno Manual do Doente Aprendiz*. Imprensa Universitária. Natal. 1969. P.73.

⁶¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e Eu*. Op. Cit. p44.

⁶² CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e Eu*. Op. Cit. p54.

⁶³ Ver suas autobiografias: *Na Ronda do Tempo* (diário de 1969). Natal. EDUFRN. 1998. *Ontem: Imaginações e notas de um professor de província*. Reimpressão. Natal. 1998. *O tempo e Eu* (confidências e preposições). Natal. Imprensa Universitária. 1968. *Pequeno Manual do Doente Aprendiz*. Imprensa Universitária. Natal. 1963.

Com todo esse excesso de cuidados, Cascudo afirma que foi se tornando um menino cada vez mais solitário.

Tive uma infância triste e sonolenta como um animal raro no meio dos gasalhados de lã e cobertores de linho aquecido. Vida livre, tarde de sol, caminhadas às margens da estrada poeirenta, nunca conheci.⁶⁴

O interesse pelos esportes e a crença de que a prática esportiva poderia despertar qualidades de um comandante, voluntarioso nascido para dar ordens, seguro de si mesmo, estava para os senhores rurais, patriarcas imponentes e fortes que comandariam um mundo, enquanto que a saúde frágil estava para os futuros ocupantes de posições no campo da produção cultural. Dedicar-se as letras quase sempre fora tarefa para homens doentes e frágeis nessa sociedade dos patriarcas rurais.⁶⁵

A minha solidão, ausência de companheiros, dariam hábitos decorrentes: - falar só, abstração, timidez-repulsão ao grupo, silêncio pelo isolamento, intensidade de vida interior suprimindo a distância da convivência menina. Por isso lia muito, mais do que apreciava os jogos materiais, ficava horas e horas imóvel, num cadeirão de braços, com o livro na perna, viajando na imaginação.⁶⁶

Os estigmas físicos, menino magro, pálido, enfermício, o envolvimento com o mundo religioso, os insucessos nos brinquedos que dependiam de força e destreza, são características que vão formando a subjetividade de Cascudo e o fez abraçar a carreira intelectual, pois já aos vinte anos, em 1918, escreve sua primeira crônica no jornal “A Imprensa”, cujo proprietário era seu pai, coronel Francisco Cascudo, iniciando assim uma caminhada em busca de inventar a si e de inventar uma identidade para a região em que vivia, através de uma linguagem que cria e recria experiências, ao mesmo tempo em que silencia e/ou ressignifica acontecimentos que poderiam ameaçar a memória do passado e a identidade que lutava por conquistar.

Em 1918 apaixonei-me pela cultura popular, vivendo-a, procurando-a, amando-a (...) depois de relativamente alfabetizado adoeci da doença livresca. Meu pai comprava tudo. Mandava vir de longe. Nunca me quis fazer homem prático sabendo o valor do dinheiro e a manejar dívidas, com o rótulo de crédito. Foi então que comecei a encontrar nos livros como coisas distantes e antiquíssimas, quanto vira e vivera no sertão e na velha Natal,

⁶⁴ CASCUDO, LUÍS DA Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit.p.60

⁶⁵ MICELLI, Sérgio. Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945). São Paulo. Difel. 1979.p.53

⁶⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit. p57.

onde ainda corria o lobisomem na boca da telha e no rabo da besta, deliciosos topônimos desaparecidos.⁶⁷

A autoconstituição de si começa a ser forjada nessas narrativas da infância, onde o rememorar do folclorista produziu uma autobiografia, uma dizibilidade e uma visibilidade não só para si, mas também para a região na qual sua subjetividade foi sendo formada. Cascudo constrói, assim, o que Deleuze e Guattari chamam de uma “rostidade”⁶⁸, com fragmentos de experiências passadas, por ele vividas e a ele contadas. O Nordeste é assim representado, por ele, como um espaço folclórico, artesanal, tradicional, cultural, sacralizado. Um espaço centrado na memória, na sua memória de menino doente, de menino solitário, espaço de uma cultura sacralizada onde as pessoas acreditavam em superstições, como sua própria família, em lendas, em mitos, valores que foram vividos e vivenciados por ele na sua infância e na sua juventude, e que foram construtores de sua subjetividade patriarcal e católica.

Como fui filho único, doente e riste, amamentou-me o leite de todas as crendices populares. Rezas fortes, banhos de cheiro, mezinhas serenadas, casca-de-tronco do lado que o sol nasce; velhas praieiras esconjurando, como na Caldéia, os demônios das febres incontáveis; negros magros e altos como coqueiros solitários, defumando meu leito, o aposento, meus brinquedos imóveis, o cavalo de pau de talo de carnaúba, o navio de papelão, a coruja retangular de papel de seda; rezador vindo da Serra da Raíz, dos brejos, areias de maracajaú, pé-dos-morros, pondo rosários no meu pescoço, indulgenciados por aqueles teólogos sem papa e sem concílio. Meu pai consultava o doutor Joaquim Murtinho por telegrama, e minha ama Bevenuta de Araújo, Utinha, trazia uma mulata gorda e lenta, que tinha morado no Pará, cantando baixinho e de joelhos, para espantar o mau olhado. Padei de todas as enfermidades folclóricas, espinhela caída, cobreiro, entalo, dormir com os olhos abertos, como os coelhos, mijo de maritacaca, dentada de caranguejeira, frieira por ter pisado em cururu, verruga por apontar estrelas.⁶⁹

A sua doença fê-lo ir ao sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte com sua família para curar-se dos pulmões, foi um período que Cascudo diz ter ficado à beira da morte.

Menino, fui com minha mãe para o sertão, a conselho do doutor Joaquim Murtinho, enrijar os pulmões. Sertão sem estradas de rodagem, luz elétrica, automóvel (...) não estudei a vida sertaneja a mais de meio século, vivi-a integralmente.⁷⁰

⁶⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição Ciência do Povo*. Editora Perspectiva. São Paulo. 1971. P.149

⁶⁸ A rostidade é uma construção social que produz um rosto homogêneo tirando todas as contradições, escavando o buraco de que a subjetivação necessita para atravessar. Ver Deleuze e Guattari. *AnoZero-Rostidade*. In: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol 3. Rio de Janeiro. Editora 34. 1996.

⁶⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. Editora Perspectiva. São Paulo. 1971. P147 – 148.

⁷⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil*. Editora Fundo de Cultura. Rio de Janeiro. 1967. P247.

Nessas narrativas de si, o sertão é tido como um lugar de aprendizado, como um dos lugares instauradores de um modelo de subjetividade patriarcal e católica, porque um lugar ainda não corrompido pelos valores modernos, de uma cultura sacralizada, um espaço tradicional, espaço da saudade ainda não dessacralizado pelos valores burgueses. Nordeste, reino dos mitos, espaço épico, espaço sagrado. Nordeste que se liga diretamente ao passado medieval da Península Ibérica, portanto, anti-renascentista, antimoderno.

Depois de anos no sertão-de-pedras, sem rodovias, sem luz, sem notícias, sem ideias das ondas salgadas; sertão de rezadores, tiradores de novenas, valetudinárias que recebiam recados dos anjos, únicas que amortalhavam virgens e a aconselhavam viúvas e moças. Romarias ao meu padrinho Padre Cícero, do Juazeiro, Nossa Senhora dos Impossíveis no Patu, São Francisco de Canindé, que era o rei coroado. Havia gente que virava bicho, em certos caminhos as árvores mudavam de lugar durante a noite. Fio de cavalo dentro d'água fazia nascer cobra e gafanhoto dos gravetos. As encruzilhadas eram mal-assombradas e assoviar nas trevas chamava o diabo. Passar por debaixo do arco-íris mudava de sexo. Certos bodes visitavam satanás da quinta para a sexta-feira, quando o lobisomem corria, grunhindo, as veredas de sete freguesias. Titica de galinha curava espinha. As almas podiam cumprir penitências nas pedras. Pecadores transmitiam vícios pelo rastro. A mula sem cabeça tinha olhos de fogo.⁷¹

Depois Natal, colégios. A escola é tida, portanto, como um lugar privilegiado para a constituição da subjetividade. Aí há a existência de relações íntimas entre saber e poder, onde ambos estariam sempre jogando com estratégias e as táticas em busca de instituir categorias e jogos de verdade que regulassem ou forjassem a subjetividade dos sujeitos.

A educação nessa época, ou seja, na infância de Cascudo, era toda pautada nos dogmas da Igreja. Esta era uma das principais instituições responsável pela educação de homens e mulheres dessa sociedade patriarcal, e se constituía, portanto, em um dispositivo acionado para auxiliar na construção de subjetividades patriarcais e católicas.

O ensino, nesse período, devia ensinar a criança, as noções mais necessárias à vida, vida numa sociedade patriarcal e católica, como valores morais, religiosos, o respeito à família, devia prepará-la para o ambiente em que esta teria que viver.

Câmara Cascudo, como muitos de sua época, teve uma educação esmerada, que, em geral, recebiam os jovens dessa fração da classe dominante. Estudou em colégios católicos, onde só se ensinavam coisas para meninos ricos: línguas, elegâncias, etiquetas, literatura

⁷¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. Op. Cit. p148.

nacional e estrangeira como os clássicos portugueses. Literatura e arte, necessárias para as conversas de salão.

O estudo em escolas católicas se destinava à formação de clérigos, letrados e eruditos, postos a serviço da religião e de uma classe, embora se dirigisse também a jovens mais aptos, recrutados nas camadas populares. Atendiam às exigências não só da Igreja como das famílias das casas-grandes e da burguesia das cidades que tomavam rapidamente o gosto das sociedades aristocráticas.⁷²

Com o pavor de que os colegas de sexo me pusessem a perder, minha mãe fez-me estudar no Externato Sagrado Coração de Jesus que era, sobretudo, uma escola religiosa, das irmãs Andrade, Guilhermina e Maria Emília, externato exclusivamente feminino onde eu era o único varão na terra da salinha quente, com paredes ornadas de estampas piedosas. As irmãs Andrade iniciaram-me na Cartilha Nacional e Livros do Imortal Felisberto de Carvalho (...) uns trinta anos depois seriam por algum tempo professoras de meu filho, Fernando Luís. Viveram unicamente ensinando e orando.⁷³

Segundo Foucault, a relação com o outro é de suma importância na autoconstituição subjetiva do eu, pois para que a subjetividade seja possível há a necessidade de um vínculo intersubjetivo e conflituoso entre o eu e o outro, pois só através desse relacionamento é que poderemos nos autoconstituirmos enquanto sujeitos éticos, pois sem a presença do(s) outro(s) não é possível a auto elaboração intersubjetiva do sujeito, sem a presença dos outros não se pode produzir nenhum auto relacionamento satisfatório, o cuidado de si precisa do outro. A constituição do indivíduo como sujeito moral efetua-se só por meio das relações complexas com o outro, cujo estatuto e formas são diferentes segundo as épocas.⁷⁴ Na modernidade o(s) outros(s) sento, portanto, a família, a Igreja, os amigos, os professores.

O relacionamento entre professor e aluno não é apenas um relacionamento com um fim em si mesmo, é sim uma forma de autoconstituição, de intersubjetividade, já que essa é uma das figuras mais importantes da nossa vida, depois da família, são os professores que nos ajudam a conhecer o mundo, que exercem uma influência sobre nossos pensamentos. O mestre tido, portanto, como um dos intermediários na autoconstituição do sujeito.

Na vida de Cascudo, podemos destacar como seus intercessores, além das irmãs Guilhermina e Maria Emília, a saudosa Totônia Cerqueira, como o próprio Cascudo diz, “era

⁷² HOLANDA. Sérgio Buarque de. (direção) O Pensamento Brasileiro sob o Império. In: O Brasil Monárquico. Reações e Transações. Tomo II, vol 3. Difusão Europeia do Livro. São Paulo. 1967. P. 328

⁷³ CASCUDO. Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit. p45.

⁷⁴ ORTEGA. Francisco. O Si Mesmo e os Outros. In: Amizade e Estética da Existência em Foucault. Graal. Rio de Janeiro. 1999. P26. Ver também Michel Foucault. A História da Sexualidade 1 – A vontade de saber.

uma mulher imperiosa e, sobretudo, religiosa (...) aprendi com ela os fundamentos inabaláveis de tudo quanto sei.”⁷⁵

O medo dessa educação mulheril numa sociedade onde predominava o macho, modelos de masculinidade e de virilidade, fez com que o coronel Francisco Cascudo o retirasse da escola, começando a estudar com professores particulares. Os homens nessa sociedade eram educados no sentido de reconhecer os jogos sociais que apostavam em uma forma qualquer de denominação, jogos estes que lhes eram designados, desde muito cedo e sobretudo pelos ritos de instituição, como dominantes, que lhes davam privilégios, portanto, uma educação mulheril não lhe caíria bem.⁷⁶

Meu pai não amava a minha educação mulheril e quando voltei do sertão, meteu-me no Colégio Diocesano Santo Antônio, para ter amigos meninos. Mandando-nos para o Tirol, a vinda para o colégio era difícil e longa. Ensino em domicílio⁷⁷.

Pedro Alexandrino, de subjetividade patriarcal e religiosa, fora figura marcante na vida de Cascudo, o influenciando com a literatura clássica de Portugal e Brasil. Foi segundo Cascudo, menino paupérrimo, professor de província, sem bibliotecas, sem viagens, sem relações eruditas, sem repercussão ampliadora, porém possuía o instinto aristocrático da seleção, do ambiente, das minorias sábias, dos trabalhos minuciosos, desinteressados, ininterruptos, com o prêmio único da alegria criadora. Era um apaixonado pelas palestras literárias, pelo encanto da convivência cortês, pelo prazer da mesa cuidada, a paisagem cultural serena, polida, educada pela mão intencional do homem letrado e fino. Amava as árvores, os pássaros, as águas quietas das lagoas, o mar imenso que ia visitar a pé. Areia Preta, lento como um cerimonial devoto.⁷⁸

Depois, Francisco Ivo Cavalcanti, poeta, jornalista, advogado, pintor, músico e conhecedor de teatro, “ambos exerceram influências significativas na minha formação. Na base da minha visão de mundo está a semente que eles plantaram.”⁷⁹

Em ambos Cascudo ressalta o estilo aristocrático de viver e para esse sujeito de discurso, aristocracia significava honra, coragem, fidelidade e bom gosto, como ele mesmo coloca:

⁷⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit. p45.

⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Op. Cit. p93.

⁷⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit. p46.

⁷⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit. p58.

⁷⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit. p59.

O título aristocrático é um direito conquistado por todos aqueles que possuem essas características, é algo natural de alguns homens. A constituição pode não reconhecer os títulos aristocráticos, mas essa lei substantiva não pode anular o passado nem fazer esquecer a história das famílias nobres, cabe aos nobres o uso mais alto de energia, bondade, prontidão em servir, obediência a Deus. Esses são, portanto, os valores que caracterizam um verdadeiro aristocrata, compostura, disciplina, pureza social, amor doméstico, ou seja, ser um bom pai e um excelente marido, cuidar de sua família, ser leal para com seus amigos e para com Deus.⁸⁰

Valores da sociedade patriarcal e católica, sociedade na qual sua subjetividade foi sendo formada. Seu pai, seus amigos, seus professores, foram sujeitos, segundo Cascudo, que possuíam um Ethos Aristocrático, ou seja, possuíam as maneiras de se comportar e de se vestir características de uma sociedade cortesã, cavalheiresca, antiga, segura de si. Eram estilos de vida que os diferenciavam das outras pessoas. Era uma forma de se comportar legitimada pela Igreja, pois foi, segundo Cascudo:

A Igreja que passou o fidalgo para o plano divino, fazendo batalhar por Deus e pelos oprimidos. Assim como as leis da cavalaria foram inspirações religiosas, religiosas as grandes ordens da maravilhosa história, templários, cristo, malta, aonde não chegou a luz de Cristo, o príncipe guerreiro foi um bárbaro e os limites de seu arbítrio eram traçados pela impossibilidade de realizações.⁸¹

Sem a tutela da Igreja, um homem mesmo que bem nascido, não se tornaria nunca um aristocrata.

Aristocracia significativa, enfim, devotamento, coragem, sacrifício, piedade, autoridade do bem e da justiça, era, portanto, um direito “natural” dado pelo nascimento que devia “credenciar-se no merecimento pessoal e diário”. Para Cascudo, quanto mais a vida fosse próxima da palavra divina, mais alta era a aristocracia, elevada no conceito cristão de servir.⁸² É, portanto, um lugar social, construído e legitimado para demarcar um estilo de vida, demarcar velhas práticas consideradas nobres, das quais Cascudo sente saudades.

Nesse sentido, é que Cascudo afirma ser seus professores verdadeiros aristocratas, pois tinham gosto refinado, sabiam se portar, tinham caráter, personalidade e, acima de tudo, eram tementes a Deus. Portanto, esse relacionamento intersubjetivo entre Cascudo e seus professores também possibilitou a instauração de um modelo de subjetividade católica, centrada em valores de uma sociedade cavalheiresca onde os códigos sociais que regiam essa sociedade patriarcal pautavam-se na honra, na coragem, nas boas maneiras, na valorização da

⁸⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. Sentido Católico de Aristocracia. Natal. A República, 12 de julho de 1930. P.06.

⁸¹ CASCUDO, Luís da Câmara. Sentido Católico de Aristocracia. Op. Cit. P.06.

⁸² Idem, Ibidem. P.06.

moral, da família, das amizades, e na ideia de que Deus está acima de tudo e de todos. Ideia de que as relações sociais devem obedecer a uma hierarquia como a existente no interior da família patriarcal, em que cada agente social tinha um papel distinto a desempenhar, sabiam e reconheciam seu lugar, havendo aquele que era responsável pelo poder, pelo domínio, pelo governo, ande acima estava Deus, o Ser supremo, depois o pai, o padre, os professores.

A autoconstituição de si se dá através de um longo processo de aprendizagem, de memorização e de assimilação de um conjunto sistemático de preceitos, e através de um controle regular da conduta na exatidão com que as regras são aplicadas⁸³, portanto, é uma prática, ou um conjunto de práticas desempenhadas não apenas pelo sujeito que se auto constitui, mas também por outros sujeitos que estão ao seu redor, seriam, portanto, seus intercessores.

Deleuze nos fala do corpo sem órgãos que seria o que resta quando tudo foi retirado, ou quando ainda nada ou quase nada foi colocado, como os signos e as subjetivações. “O corpo sem órgãos é ele a realidade glacial sobre o qual vão se formar aluviões, sedimentações, coagulações, desdobramentos e assentamentos que compõe um organismo e uma significação e um sujeito.”⁸⁴ Esse filósofo nos dá exemplo de corpos sem órgãos onde tudo foi retirado como o corpo do drogado, do masoquista, do louco, mas também nos dá exemplo de um corpo onde ainda nada ou quase nada foi colocado, como o corpo da criança, esse é um corpo sem órgãos, onde a sociedade se acha no direito e dever de educá-lo, ou seja, de propor ou impor modelos de subjetividade. O que, de certa forma, se torna necessário pois, não há uma constituição do sujeito moral sem “modos de subjetivação”⁸⁵ e sem “práticas de si”⁸⁶ que o fundamentem.⁸⁷

Deleuze nos diz que há três grandes estratos relacionados a nós, ou seja, aqueles que nos amarram mais diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação. Você será organizado, você será um organismo, articulará seu copo - senão você será um depravado. Você será significativo e significado, interprete e interpretado - senão será desviante, você será sujeito. e como tal fixado, sujeito de enunciação — senão você será apenas um vagabundo.⁸⁸

⁸³ FOUCAULT, Michel. O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si. Op. Cit. P23.

⁸⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Como criar para si um Corpo Sem Órgãos. In: Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Op. Cit. p21.

⁸⁵ São as diversas formas como o sujeito se auto constitui se apropriando sempre dos mecanismos da sociedade a qual pertence. Ver Foucault, Michel. O Uso dos Prazeres e as técnicas de si. Op. Cit.

⁸⁶ É a atitude de auto formação do sujeito, contudo não é algo que o indivíduo invente, são esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhes são propostos, sugeridos, impostos pela sociedade da qual faz parte. Ver: FOUCAULT, Michel. O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si. Op. Cit.

⁸⁷ FOUCAULT, Michel. O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si. Op. Cit. p22.

⁸⁸ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Op. Cit. p22.

Os pontos de subjetivação nos fixa, nos pregam numa realidade dominante, pois a subjetividade é histórica, podendo ser uma subjetividade patriarcal se vivemos sob valores patriarcais, podendo ser também burguesa se vivemos sob a égide do discurso burguês, o que não significa que essa subjetividade será sempre patriarcal ou burguesa. A subjetividade de Cascudo, por exemplo. Começa a passar por mudanças significativas na década de quarenta, o que faz com que esse sujeito adira ao pan-americanismo e que negue posteriormente a sua admiração pela monarquia e a sua participação no Movimento Integralista na década de trinta. Isso significa que a subjetividade é fluxo, que ela pode se desmanchar, mas sempre para se formar outros modelos em seu lugar, pois nosso corpo não pode resistir sem signos, sem subjetivações, sem isso é apenas muro branco com buracos negros.

Toda essa nossa narrativa fala de Câmara Cascudo criança, cujos órgãos ainda estão desorganizados, não possuindo ainda uma narrativa do corpo completa, ou seja, um modelo de subjetividade instaurado. O seu corpo é ainda um muro branco com poucas inscrições, ele ainda está em processo de autoconstituição, ele vai sendo moldado aos poucos pelos discursos, pelas tecnologias de si. A constituição da subjetividade é que vai nos transformando em um corpo organizado, organizado pelas influências que sofremos nas famílias, pelas experiências que vivenciamos na escola, na Igreja, nas amizades que sedimentamos, pelas leituras que experimentamos. Daí ele se transforma em corpo racionalizado, disciplinado.

Cascudo foi uma criança que leu muito, pois desde os seis anos já sabia ler e possuía uma biblioteca repleta de livros e almanaques. O pai enchia o quarto de revistas e importava livros raros da Europa.

Em casa lia, lia, lia, revistas, álbuns de gravuras, viagens, curiosidade, os desenhos de Benjamin Rabier, apresentando os animais cômicos em sua naturalidade, sem transformações em caricaturas irresistíveis, como faria Walter Disney. Vieram dezenas de livros e histórias infantis. As vozes das amas subiam, de força mágica, abrindo as cavernas miríficas de dragões, princesas, cavaleiros valentes, animais falando, findando em casamento e presente de doces que a narradora perderia, escorregando e caindo.⁸⁹

Suas leituras eram todas direcionadas para os valores dessa sociedade rural e católica. Valores de uma cultura ibérica e medieval. A ideia contida nas leituras que fazia, era dar o exemplo, incutir a cabeça das crianças que Deus é o ser supremo e que só a ele devemos reverência. Os valores contidos nessas histórias estavam todos voltados para a ideia de virtude, de moral, de generosidade, de piedade, de força. São categorias e dispositivos que iriam indicar ao indivíduo o caminho da construção de uma subjetividade religiosa, fundando

⁸⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit. p46.

uma noção de verdade como constituinte da subjetividade. Leituras voltadas para um exame de consciência permanente, onde a virtude seria o ponto de chegada desse processo de constituição de si. A subjetividade católica é forjada aí como consciência de si, como decorrência dos efeitos produzidos pela obediência como operador ético fundamental.

Nos diz Larrosa, que a leitura situar-se-ia no modo como o presente é vivenciado e que o texto é quem lê o leitor, o interroga e o coloca sob sua influência. A leitura seria um deixar dizer algo pelo texto, algo que compromete o leitor e o coloca em questão, algo que afeta a totalidade de sua vida, na medida em que é um dos dispositivos construtores de subjetividade.⁹⁰ Em se tratando de uma criança, poderíamos dizer que Cascudo seria um leitor em sua “passividade”, em sua entrega, onde um mundo e uma subjetividade vão sendo modelados, pois é ainda um corpo sem órgãos. A formação de sua subjetividade católica e patriarcal é também percebida aí nessa brecha onde as leituras geralmente de histórias de santos, davam o exemplo. A virtualidade sempre presente no exame da consciência de si. Ele lia também revistas como “o Grilo”, “Pequeno Polegar”, “O Cricri”, “Nenê”, “o Jabuti e a Onça”. Geralmente eram histórias com máximas morais do tipo a preguiça é a chave da pobreza, ou o menino obediente e estudioso é o tesouro dos pais, ou ainda, o bem sempre vence e Deus está acima de todos porque ele é o bem. No cristianismo a subjetividade se forja face a um Deus impessoal e onipotente e face à figura do pai na terra.⁹¹ Era um tempo, em que se tinha certeza que Deus falava no mundo, e a atenção se voltava apenas para o ato de decodificar os Seus enunciados, os “mistérios” desse mundo.

Desde cedo as leituras que lhes eram postas para ler contavam histórias fantásticas, de valentia, de bondade, de coragem, de generosidade, histórias onde os personagens principais eram os reis e rainhas, onde geralmente tinha uma donzela em perigo esperando o seu amado para conquistá-la. Eram histórias assentadas na preocupação com o sobrenatural, com a transcendência, com a espiritualidade e com a religiosidade. Nos diz Gildson de Oliveira que:

Filho de pais sertanejos guardou na memória as histórias mais fantásticas de vida mediterrânea, desde os matadores de onça aos mais altos expoentes de valentia e coragem sertanejas. Cascudo nessa fase, tinha noção de formação e conceitos morais. Comentava com os pais os contos de fada, histórias da carochinha, fábulas de La Fontaine, “as mil e uma noites”, em que quase sempre havia um príncipe encantado, um rei generoso, uma princesa linda e ingênua e uma madrasta má, e o bem sempre triunfava sobre o mal.⁹²

⁹⁰ LARROSA, Jorge. *Leitura e Metamorfose*. In: *Pedagogia Profana. Danças, Piruetas e mascarados*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999, p101.

⁹¹ BIRMAN, Joel. Op. Cit. p82.

⁹² OLIVEIRA, Gildson. Op. Cit. p29.

Possuía uma assinatura d’Tico-Tico, primeira revista em quadrinhos, que começou a ser publicada em 1905, contendo bichos coloridos, personagens como Zé Macaco, Faustina, Chiquinho, Cachimbon da Pandegolândia, personagens que representavam todo um ideal de respeito, força e honra. Era um almanaque que a maioria das crianças ricas da época possuía e quem não era rico tinha o desejo de possuir.

Gustavo menino feioso, se tornara para mim numa criança bonita apenas porque possuía uma assinatura d’Tico-Tico, recebendo no fim do ano um almanaque grande cheio de histórias, cada qual mais linda. Como seria feliz se pudesse ler aquele jornalzinho com calma, folheando as páginas e contemplando bem todos aqueles bichos coloridos, personagens meus queridos.⁹³

Adulto, Cascudo comenta suas leituras da infância, leituras que mesmo adulto ainda experimenta e que o fazem lembrar de um passado glorioso, harmonioso.

Esses livros com feiticeiros e cisnes com príncipes e meninas pobres que substituem a carapuça de linho pela coroa de ouro. Esses livros atacados por tantos pedagogistas de esquerda, tenho-os como indispensáveis. São lições amáveis de caridade, de resignação, de tolerância, de fé. Trazem na minha memória o aroma encantado da meninice em que as portas dos sonhos eram abertas pelos lábios das mães pretas.⁹⁴

O discurso religioso tem como objeto principal propor ou impor regras de conduta. Eram textos que pretendiam estabelecer regras, conselhos de como se conduzir de modo adequado. Como diz Foucault, “textos práticos, mas que são eles próprios objetos de prática, uma vez que exigem serem lidos, compreendidos, meditados, utilizados, postos à prova, e que visam constituir o arcabouço da conduta cotidiana.”⁹⁵ Essas leituras tinham a função de operadores que permitiam ao indivíduo interrogar-se sobre sua própria conduta, velar por ela, formá-la e moldar a si mesmo como sujeito moral.

As histórias ouvidas na infância através de suas “sherazades humildes”, estavam voltadas para dar o exemplo. Defendiam sempre os valores tradicionais e moralizantes contidos nessas histórias. Valores que herdou do pai e bebeu no seio materno, numa sociedade religiosa e ativa voltada para os valores do passado. São histórias que recordam as tradições poéticas dos tempos coloniais. São histórias que falam de piedade, de devoção. “Naqueles

⁹³ MICELLI, Sérgio. Op. Cit. p118.

⁹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. Desenhos e livros infantis. Natal. A República. 13 de outubro de 1939.

⁹⁵ FOUCAULT, Michel. O Uso dos prazeres e as Técnicas de Si. Op. Cit. p200.

dias de outrora em que se acreditava nas virtudes maternas e na existência de Deus, a religião condizia o homem do berço ao túmulo, entre cantares e flores, harmonias e lamentações.”⁹⁶

Seus contadores de histórias foram muitos, e também foram muito importantes na constituição de sua subjetividade, vão desde sua ama Utinha, passando pelo seu pai, suas tias e tios.

Primeiramente ele fala de sua tia Guilhermina. Viúva, magrinha, risonha e triste, fora dona de casa com criados e mobília. Mãe de um filho que faleceu com 31 anos de idade. Ela estava reduzida ser uma hospede paupérrima, alimentada pela caridade familiar. Sua tia Naninha, ex beata da casa de caridade de Santa Fé, em Bananeiras, saudosa do “meu pai padre Ibiapina” e sua avó materna Ursulina Soares da Câmara Fernandes Pimenta, as três moravam em sua casa na chácara do Tirol.

Todas as manhãs, vovó, com sua bengala de ébano, relíquia do fausto esvaecido, ia vagorosamente ver as “meninas”, acomodadas em quarto especial. Aí ficava horas, sentada, conversando, ressuscitando da morte os entes e as coisas desaparecidas. Foram as minhas camemas, tudo para elas era o passado imóvel e presente.⁹⁷

Histórias ouvidas na meninice registradas por Gustavo Barroso e José Carvalho, no Ceará, por Teófilo Braga em Portugal, por Aurélio Espinosa na Espanha, contadas por suas tias e por suas velhas amas.

Na distância do tempo ainda ouço essas vozes miraculosas, no mesmo timbre de outrora, evocando episódios impossíveis, animais fabulosos, virtudes miríficas, todo um esplendor de um mundo maravilhoso cuja palavra da ressurreição é sempre a mesma, era uma vez. Eram histórias que ensopavam a minha imaginação, espalhando a ideia fundamental de força, de bondade, de piedade, de grandeza.⁹⁸

Histórias coma a do boi aruá, das maracanãs e do bacurau, onde o boi aruá só podia ser derrubado pelo vaqueiro orgulhoso quando este proclamou a necessidade do auxílio de Deus. São histórias que evocam a valentia e, acima de tudo a fé, como diz os versinhos:

Fazendeiro! Fazendeiro!

Deus, primeiro,

Tu em segundo

E o boi por derradeiro!⁹⁹

⁹⁶ RAMOS, Arthur. Estudos do Folk-Lore: Definição e Limites – Teoria da Interpretação. 2º edição. Revista RJ. P.178.

⁹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Tradição Ciência do Povo. Op. Cit. p142-143.

⁹⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. O Boi Aruá. Natal. A República. 10 de janeiro de 1934. P08.

⁹⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit. p.08.

Nas histórias de maracanãs, essas salvavam todos os bichos, ameaçados pelos caçadores, porque, a conselho do macaco, fingem-se folhas de árvores. A história do bacurau, onde Deus mandava um anjo pagar as suas dívidas na terra é, segundo Cascudo, uma obra prima de espontaneidade, de pureza, de naturalidade, de bondade, de piedade. É um regresso as fontes profundas da emoção e da simplicidade.

O rememorar dessas histórias ouvidas na infância remetem esse sujeito de discurso a um mundo maravilhoso, povoado de homens fortes, bravos, de cabras valentes e de donzelas indefesas, um mundo onde ele um dia foi príncipe, “o príncipe do Tirol”, um mundo onde os conflitos eram resolvidos por um passe de mágica dos mitos, do domínio do intemporal, do sagrado, da indiferenciação entre natureza e sociedade, mundo dos patriarcas rurais. Elas (essas histórias) implicavam num exame permanente da consciência do indivíduo, que se voltaria para si mesmo, para as suas dobras quase invisíveis, para torná-las então visíveis ao olhar perscrutador da onipotência divina.¹⁰⁰

Criei-me, pois, num ambiente favorável ao simpatismo. Vez por outra releio as páginas que meu pai gostava, tantas ocasiões já li, em voz alta para que ele ouvisse, são histórias de um tempo que não existe mais e que me fazem viajar para o tempo no tempo, numa época airosa e fina em que os homens possuíam um coração dentro da cabeça e não um granito dentro do coração, um tempo de sonhos e de esperanças.¹⁰¹

Eram histórias que tinham por função petrificar valores, manter a ordem, legitimar a autoridade e a hierarquia, que diziam as maneiras como é preciso conduzir-se, ou seja, a maneira como o sujeito deve constituir a si mesmo como sujeito moral, agindo sempre em referência aos elementos prescritivos que constituem os códigos.¹⁰²

São histórias saborosas, dá uma saudade sem fim, ressuscitando as mortas fisionomias das velhas contadeiras de estórias, as sherazades analfabetas e humildes, as mães pretas devotadas.¹⁰³
(...) nos meus anos de curumim-assú, nas várzeas e tabuleiros de Campo Grande. As narrativas das derrubadas, correria no carrasco e na caatinga, as vozes fantásticas que o fazendeiro percebe na rapidez do voador e as justifica como cantos e rumores de pássaros e animais, as festas do macaco, vinte detalhes, tudo isso me ensinaram a altura da sensibilidade, discreta, equilibrada, limpa de exageros, importantíssimo na minha infância de menino patrício e de minha formação mental.¹⁰⁴

¹⁰⁰ BIRMAN, Joel. A Desconstrução da Filosofia do Sujeito. In: Entre o Cuidado e o Saber de Si. Ed. Graal. 2000. P84.

¹⁰¹ CASCUDO, Luís da Câmara. Orações e Palestras. Natal. A Repúblicas. 29 de abril de 1939. P12.

¹⁰² FOUCAULT, Michel. O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si. Op. Cit. p211.

¹⁰³ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta diurna. O câncão e a raposa. Natal. A República. 05 de outubro de 1938.

¹⁰⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. O Boi Aruá. Op. P08.

Cascudo teve uma infância rica e glamorosa, todos o chamavam de “O príncipe do Tirol”, porque era o morador e seu pai o proprietário da mais bonita residência que havia na cidade do Natal naquele período. O imóvel era um imenso espaço verde onde eram promovidas várias manifestações artísticas, como os saraus onde recitavam autores europeus e brasileiros, notadamente os parnasianos. Cascudo viveu a maior parte da sua infância nesse “castelo”, foi lá que conheceu e conviveu ainda criança com gente ilustre da política e das artes, damas e cavalheiros do Império, verdadeiros aristocratas. Esse relacionamento com os outros, que são pessoas cujas subjetividades foram constituídas nessa sociedade rural e católica, o influenciaram em sua auto constituição de si.

A residência na campina da ribeira (sic), era a mais espaçosa de natal (sic). O quintal valia chácara. Imensos jambeiros sombreavam ampla área onde realizavam piqueniques os sócios da “Associação dos empregados no Comércio” (...) meu pai mandara despejar debaixo dos jambeiros toneladas de areia branca dos morros. Ali se movimentou minha casa de madeira, armada sobre rodas. Meu pai e seus amigos enchiam-me de presentes, trazidos do Sul ou mandados vir da Europa. Um desses Valentim de Almeida, deslumbrou-se com vinte caixas de soldadinhos de chumbo, de Nuremberg. O Industrial Delmiro Gouvêa mandou para mim uma estação ferroviária, com toda aparelhagem mecânica, inclusive o triângulo de reversão. Um mundo colorido e vistoso girando automático.¹⁰⁵

Seu pai, coronel Francisco Cascudo, disponibilizava na época de um capital financeiro e, portanto, simbólico, bastante significativo. Cascudo era visitado por pessoas importantes e também ganhava muitos presentes, na maioria importados da Europa. Foi uma idade de ouro para Cascudo, período que ele lembra com saudade

Grande importador da Alemanha meu pai era surpreendido com lembranças delicadas. Uma fábrica de Hamburgo ou Bremer mudou 2.000 espelinhos de bolso com meu retrato, vez por outra vejo um sobrevivente, já oxidado, relíquia de gente velha. Jamais manobrei velocípede, carro, bicicleta, podia cair e machucar-me.¹⁰⁶

Toda a mobília da casa era aristocrática, representando exatamente a subjetividade de seus proprietários e de seus visitantes.

Meu pai murou-se de balaústres, instalou-se confortavelmente com a mobília que pertencera ao senador Pedro Velho, de Jacarandá entalhado, sofás imensos e cadeirões fofos, dignos de saias balão, para a sala de entrada.

¹⁰⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit. p55.

¹⁰⁶ Idem, ibidem. P55.

Salas de visitas pintadas a óleo, com grinaldas e florões, tal qual um palácio no tempo da monarquia, e era assim que era considerada uma residência aristocrática de senhores feudais, pelo espanhol Rafael Fuster. Novas ampliações para empregados. Árvores de frutas raras, um técnico italiano para podar os cajueiros e mangueiras... Tetos forrados em fundo de masseira, lustres de cristal. Dois salões de jantar. Nove criados, moinhos de vento “cata-vento” como se dizia, girando aos alísios, garantindo água encanada. Grandes banheiros resplandecentes. Mosaicos belgas em toda extensão territorial.¹⁰⁷

São móveis e imagens, que reportam Câmara Cascudo a sua infância. Infância pensada por ele como um “paraíso perdido”, infância tida como matéria prima para a fabricação de um mundo novo, infância como “ponto zero” de um processo de desenvolvimento ou de formação. Eram objetos que levavam esse sujeito a um dos momentos de sua vida que ele mais gostava de narrar, qual seja, o período de formação de sua subjetividade católica e patriarcal em uma sociedade onde os lugares sociais estavam bem delimitados, os valores morais tinham consistência como os próprios móveis de jacarandá, que eram feitos para durarem uma vida inteira. São determinados objetos, determinadas imagens, escolhidos por Cascudo como “vestígios da memória” e instituídos enquanto “documentos biográficos”, que pretendem narrar uma trajetória de vida, a constituição de sua subjetividade.¹⁰⁸

A subjetividade católica é mais uma vez ressaltada quando Cascudo fala da bondade do pai e de sua mãe, ambos faziam caridade e ajudavam a todos que necessitavam, seu pai é tido em suas narrativas como um grande benfeitor, homem ilustre de uma bondade sem tamanho. Sua mãe, por exemplo, em 1915, na “vila Cascudo” no Tirol ornamentou uma árvore de natal para os pobres unicamente com os brinquedos de Cascudo. É uma ideia de caridade e de bondade, que com o surgimento da sociedade moderna, segundo o discurso tradicionalista, vai desaparecendo. As subjetividades vão se tornando cada vez mais individualistas e utilitaristas.

O quarteirão paralelo, a Avenida Rodrigues Alves, era quase todo de meu pai. No ângulo com a avenida Apodi, presenteou o monsenhor José Alves Ferreira Landim o terreno necessário para a construção da capela de Santa Teresinha do Menino Jesus, hoje matriz, onde nenhuma inscrição discreta rememora a generosa dádiva... mesa farta, serviço de copa interminável. Hóspedes ilustres e visitantes eminentes cuja nominata silencio (...) meu pai amava a dispensa repleta de preciosidades italianas espanholas e portuguesas (...) fundou-se assim o Principado do Tirol com toda a hierarquia aristocrática, reuniões mensais com “frios” requintados. Meus primeiros artigos e livros nasceram nesse clima. Essa era uma vila que promovia encontros culturais. Tenores, barítonos, sopranos, pianistas, declamadores,

¹⁰⁷ Idem, ibidem. P56.

¹⁰⁸ Ver DELGADO, Andréa Ferreira. A Rede de Memórias e a Invenção de Cora Coralina. Op. Cit. p.168.

artistas em excursão, exibiam-se na vila Cascudo. Sob as árvores de sombras, piqueniques, serenatas, violões famosos, tertúlias, improvisações. Dessa vila Cascudo planejou-se muita festa vitoriosa e não mais repetida, bailes elegantes e mesureiros, Tea-Tango, Five-ó-clock, noite japonesa, fantasia, assaltos familiares, pesquisas culinárias. Perto do largo portão da Rodrigues Alves, o estábulo de vacas holandesas, a estribaria do meu cavalo Cossaco.¹⁰⁹

Todo esse mundo não resistiu às mudanças trazidas pela emergência da sociedade burguesa, do capitalismo, desse mundo cada vez mais utilitário, do particularismo e dos negócios. As subjetividades dos que viviam neste castelo não estavam preparadas para conviver com essas mudanças, e o resultado na maioria das vezes foi a falência material e até mesmo o suicídio. Câmara Cascudo lamenta e lamenta muito a falência material de sua família, e o que mais lhe magoou foi a falta de ajuda dispensada a seu pai, pois segundo Cascudo, esse era um homem generoso que não merecia ter ficado na penúria. A crise dos códigos sociais tradicionais traz uma sensação de desamparo, de abandono, de desproteção, diante da força ameaçadora do dinheiro. “Meu pai hipotecara todo aquele mundo por 30.000\$ e não pode saldar a dívida, executada, não recebeu, nem solicitou auxílio de ninguém.”¹¹⁰

Não era só a sua residência que tinha ar aristocrático, essa pompa se refletia na própria maneira de Cascudo se comportar e de se vestir. Amigos e biógrafos falam de sua elegância e o descrevem como um rapazola esguio, elegante, de família aristocrática que esnobava pelas ruas de Natal, passeando a cavalo ou dirigindo um Ford de “bigode”, dez dos que existiam na cidade, era cortejado e atraído por outras moças de sua geração que o chamavam de “Príncipe do Tirol”. Era um garoto charmoso, de monóculo, chapéu de palha e bengala da Índia, gostava de galanteios e dos costumes em voga, luvas, *pince-nez*, sobrecasaca, chapéus e gavetas inglesas, perfumaria francesa, lenços portugueses, couros e sapatos italianos, charutos de Havana, cerveja alemã, conhaque Marell, frequentava banquetes e teatro.¹¹¹

Resolvendo suas lembranças, Cascudo sempre fala de seu passado patriarcal, fausto, cheio de recordações nobres, e cheio de orgulho, principalmente dos objetos, que também são objetos que ajudaram a constituir sua subjetividade, pois todos traziam um significado. Ele lembra, por exemplo, do velho álbum de família, um símbolo da aristocracia rural.

O álbum de família dos meus país, era pesado e rico, com capa de tartaruga, orlado de ouro. A bengala de seu pai que carregava todo uma simbologia de

¹⁰⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit. p62/63/64.

¹¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara, O Tempo e Eu. Op. Cit. p64.

¹¹¹ OLIVEIRA, Gildson de. Op. Cit. p214.

masculinidade, de virilidade nessa sociedade de dominação masculina ...e mais de sessenta anos o debutado Eloy de Souza trama do Egito uma bengala de cana da Índia para meu pai. Comprara no Cairo, bambu de bengala, airoso e leve, terminado a curva num botão de lótus. Acompanhou muitos anos a meu pai, completando a elegância do brim branco e do chapéu do Chile sombreando-lhes os lindos olhos azuis na face severa e nobre de senador romeno. Homem da aristocracia rural, para ele a bengala não significaria adorno ou fútil atributo de falso apoio, mas, valeria um auxílio, uma companhia, uma arma para a defesa pessoal, um símbolo fálico.¹¹²

Nessa sociedade os símbolos representados também nos objetos são passados de pai para filho, como no caso da bengala:

Quando me fiz rapaz a bengala veio para mim, flamante e nova. Fui para o Rio de Janeiro com ela. Fez sucesso na rua do Ouvidor e na Avenida Rio Branco, examinada, elogiada, invejada. Monteiro Lobato notou-a no São Paulo de 1922. Ainda passeou na minha mão de estudante.¹¹³

De sua vida aristocrática, Cascudo preservou apenas alguns objetos que significavam ou que diziam as maneiras de ser e de se comportar nessa sociedade de outrora e um repertório de lembranças através das quais manteve acesa a esperança, através da escrita de si, de restabelecer a antiga situação de fausto e de prestígio, e garantir assim um espaço de domínio sobre o tempo e sobre as coisas. A bengala e o álbum suntuoso são remanescentes de um período áureo, de todo um estilo de vida dessa sociedade. O fato de Cascudo lembrar objetos de luxo, deslocado de seu ambiente original, expressa a lembrança e o reviver de sua antiga condição social.

Câmara Cascudo partilhou com intelectuais de sua época traços biográficos semelhantes. Como muitos foi menino rico, envolvido com o universo feminino e com o universo religioso, possuidor de estigmas físicos e sociais, e rapaz pobre quando o pai perdeu tudo o que possuía e ficou decadente do ponto de vista político e econômico, tendo que interromper seus estudos no Rio de Janeiro onde cursava à Faculdade de Medicina e se matricular na Faculdade de Direito do Recife (1924-1928), conseguindo se sustentar, nessa instituição, graças ao seu capital simbólico de relações sociais, tendo oportunidade de aí estar no momento de ebulição do Movimento Regionalista e Tradicionalista¹¹⁴, encabeçado por

¹¹² CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e Eu. Op. Cit, p.86

¹¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit. p186.

¹¹⁴ Movimento Regionalista e Tradicionalista era um movimento de caráter cultural, social, artístico e político, destinado a resgatar e preservar as tradições nordestinas. A produção cultural artística dos intelectuais pertencentes a esse movimento (os regionalistas e tradicionalistas) foi fazendo com que a região Nordeste deixasse de ser um espaço em branco, uma superfície lisa, para ir se tornando um espaço inscrito, escrito, visto, dito, lido, reconhecido. Ver: ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e Outras Artes. Op. Cit. p131.

Gilberto Freyre, que foi fundamental para à constituição da ideia de Nordeste, do qual se tornou membro e representante no Rio Grande do Norte.

Esse discurso, ou seja, o discurso tradicionalista, veio a instituir “verdades” para a sua região, verdades sobre um Nordeste sacro, cultural, folclórico, artesanal, cuja cultura era ainda sacra e o povo ingênuo e infantil, que não são legitimadas apenas pela vivência, mas porque são ditas, lidas, ouvidas e vistas. Para os intelectuais regionalistas, “o regional era um desfile de elementos culturais raros, pinçados como relíquias em vias de extinção diante do progresso.”¹¹⁵ Para tanto, funda-se o Centro Regionalista do Nordeste em 1924 que:

Se propunha a exercer viva ação intelectual e social uma vez congregados em seu meio os elementos, que se exprimia na defesa de nossas coisas e das nossas tradições, no aproveitamento delas como motivo de arte no desenvolvimento dos interesses do Nordeste, região cujas raízes naturais e históricas se entrelaçam e cujos destinos se confundem num só.¹¹⁶

Nesse sentido, o discurso regionalista, do início do século passado, significou uma tentativa de afirmação nacional a partir da existência de sua própria diversidade, onde se encontraria a nacionalidade “autenticamente brasileira” com sua cultura folclórica e tradicional, demonstrando, assim, um saudosismo por um tempo que se fora, e uma crítica às práticas burguesas que vinham se estabelecendo principalmente nas cidades e, logo depois, difundidas na zona rural.

É, portanto, na Faculdade de Direito do Recife que esse “intelectual regional” o “representante do Nordeste” começa a ser forjado, como nos diz Albuquerque Jr:

Este é o local destinado à formação superior bacharelesca, das várias gerações desses filhos de abastados rurais (...) esta instituição se constituía em lugar privilegiado para a produção de um discurso regionalista e para a sedimentação de uma visão de mundo comum (...) era aí que figuras influentes em nível nacional, trocavam ideias acerca de política, de economia, de cultura e de artes. Esta instituição funcionava como centro intelectual de aglutinação, em torno de temas políticos e econômicos, que ultrapassavam os limites de suas províncias ou estados, notadamente a partir do momento em que o declínio traz a sensação de marginalização em âmbito nacional.”¹¹⁷

É dessa época, ou seja, década de vinte, quando Cascudo era ainda um estudante de direito no Recife, o artigo intitulado “A Bengala de Gilberto Freyre”, no qual apresenta a bengala usada dandianamente por Freyre como símbolo do seu estilo de ironia com que

¹¹⁵ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz De. Op. Cit. p142.

¹¹⁶ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. Op. Cit. p.138.

¹¹⁷ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Op. Cit. p.140.

exercia, em seus artigos dos anos 20, a crítica de ideias e de costumes num Recife empenhado em modernizar-se, isto é, derrubando árvores seculares, destruindo arcos e sobrados coloniais, substituindo becos por avenidas de todo incompatíveis com o sol inclemente dos trópicos, e com que enfrentava um paraibano, Joaquim Inojosa, querendo repetir no Nordeste as “papagaiadas” da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Inojosa foi um dos primeiros intelectuais a repercutir o movimento modernista paulista em Pernambuco, defendendo a necessidade de se criar um Brasil preocupado com o contemporâneo e não se detendo na contemplação das glórias passadas. Gilberto Freyre zurzia a bengala de sua ironia contra essas “tolices” e era apoiado pelo então estudante de Direito, Luís da Câmara Cascudo.¹¹⁸

Sua subjetividade também se constituiu aí nessa instituição. A Faculdade de Direito do Recife era naquele período, década de vinte, a instância suprema no campo da produção acadêmica nesta área do país, concentrando inúmeras funções políticas e culturais no interior do sistema de ensino, ocupando posição hegemônica por força de sua contribuição à integração intelectual, política e moral dos herdeiros de uma classe de proprietários.¹¹⁹

Os membros dessa instituição eram na sua maioria católicos, incluindo professores e alunos. Como diz Clóvis Bevilacqua, naquela época, ou seja, primeiras décadas do século XX, o catolicismo invadiu a Faculdade e enquanto os lentes iam ouvir os sermões de Frei Espirito Santo, metidos nas roupas da confraria de São Pedro, os rapazes fundavam a Irmandade do Bom Conselho, faziam uma procissão solene, com a assistência do diretor e do reverendíssimo bispo diocesano, e a transferência da imagem para à ordem terceira de São Francisco. Rituais religiosos que marcaram a vida e a memória histórica da Faculdade, “omissa em coisas do ensino”, diz Bevilacqua, “que pormenorizou naquela cerimônia religiosa, um zelo meticoloso, um tom beato, que eu cheguei a pensar que aquilo era uma crônica de convento e não um trecho de nossa vida escolar.”¹²⁰

Nas suas relações com a sociedade civil, com as famílias que frequentava, no comércio, em toda parte, que não fosse a academia, ou casa de acadêmicos, o estudante desde o primeiro ano recebia o tratamento de doutor, e gozava de incontestável prestígio, como pessoa pertencente a uma casta aristocrática: a aristocracia da inteligência e do saber, que por não ter base real, nem por isso deixaria de ter influência no meio social.¹²¹ Câmara Cascudo queria ter o título só por prestígio, para não ser chamado de “Seu Cascudinho”. Era o que a

¹¹⁸ OLIVEIRA, Gildson de. Op. Cit. p202.

¹¹⁹ MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no país. Op. Cit. p35.

¹²⁰ BEVILACQUA, Clóvis. História da faculdade de Direito do Recife, 2ª edição. Brasília. INL. 1977. P229.

¹²¹ Idem, ibidem p300.

mãe dele dizia, conselho que dá ao próprio filho expressando assim uma subjetividade marcada por valores patriarcais.

Meu filho eu tenho dois pedidos a lhe fazer quando você sair de casa. Primeiro só case quando puder sustentar sua mulher. Segundo, faça um curso superior, curse uma Universidade. Eu não quero que lhe chamem de ‘Seu Fernando’, como o senhor da mercearia, tenha uma vida universitária, mesmo que você não siga sua profissão, lute por um diploma superior.¹²²

Esse simbolizava o ingresso nas carreiras ligadas ao trabalho político e intelectual. Ser bacharel na sociedade patriarcal era sinônimo de saber e mais que isso era ter autoridade sobre os demais, pois, representava um lugar social privilegiado, ocupado por aqueles que, ao receber o diploma achavam que pertenciam a uma “casta” superior à qual se destinava a direção do país. O que fazia supor que, na hierarquia do saber o bacharel ocuparia o topo, por isso, ter um título acadêmico significava muito para esses jovens pois impunha respeito, dava prestígio, como afirma Saldanha:

O bacharel foi um tipo destacado na sociedade patriarcal, ele compunha junto com o sacerdote, os senhores patriarcais, a elite dessa sociedade (...) ser bacharel significava ter acesso a obras novas, do mesmo tempo tendo experiência em leituras latinas, teológicas e jurídicas. O bacharel possuía sem dúvida uma mente conservantista, pelo traço dogmático dessas leituras latinas.¹²³

Nos diz Bevilacqua, que nas primeiras décadas do século XX, a maioria dos estudantes era idealista e republicana, mas alguns não se desprendiam da influência de suas famílias, e se faziam correligionários dos partidos monarquistas militantes,¹²⁴ como Cascudo, que após terminar seus estudos em Recife, funda um jornal monarquista em Natal, em plena década de trinta, chamado de “Embaixada Universitária Monarquista”, que tinha como principal objetivo elogiar o período monárquico e seus representantes. Instalando ainda, o “Centro de Cultura Social Conde d'Eu”, que segundo ele, tinha a finalidade exclusiva de analisar o estado de coisas que se instalara com a República, a observação dos problemas atinentes ao desenvolvimento da Pátria comum, e de reunir notações para um regime que integrasse o Brasil em suas tradições de paz, mas a finalidade principal era criticar a República.¹²⁵

¹²² Ver OLIVEIRA, Gildson. Câmara Cascudo. Um Homem Chamado Brasil. Op. Cit. p61.

¹²³ SALDANHA, Nelson. O Pensamento no Brasil. Rio de Janeiro. Editora Forense. 1978. P39.

¹²⁴ BEVILACQUA, Clóvis. Op. Cit. p.301.

¹²⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. Embaixada Universitária Monarquista. Natal, A República. 01 de julho de 1933. P06.

As suas amizades começam a se solidificar nessa instituição. A amizade tida, portanto, como um dos dispositivos que produz lugares de subjetividade.¹²⁶ É nesse período que ele entra em contato e sedimenta amizades com futuros políticos, eruditos, folclorista, e líderes do Movimento Regionalista como Gilberto Freyre, o pintor Lula Cardoso Aires que materializava em sua arte um Nordeste tradicional, patriarcal, folclórico, de um espaço harmônico, colorido com saudade de um tempo de sinhas e iaiôs, um espaço de sonho, de reminiscências. Pessoas como o poeta Ascenso Ferreira que elaborava em suas poesias um Nordeste sacralizado, da tradição, dos valores, da hierarquia.¹²⁷ Como afirmava Cascudo:

Ascenso foi o primeiro no Brasil a incluir no seu recitativo um trecho musical popular, um refrão, um trecho de embolada como impressão sonora de cor e ambição local. Com cana caiana novamente o Cosmorama se ascende para o desfile das figuras eternas. Passam xangôs e torés, cavalos-marinhos, coivaras de São João, engenhos de açúcar, casas grandes, sonhos, danças negras, misticismo, alucinação, saudade, quebranto. Tudo passa ao embalo dum ritmo de redes de tapuaranas, erguidas nos caibros da latada, ao clarão da lua cheia. Ali vivem morenas de cabelos cacheados, águas do Capibaribe molhando muralhas esquecidas, palmeiras mortas, Megaípe soberba, marcha de trens, trotes de bichos, carreiras de mulas-sem-cabeça, roncões de lobisomem. Revive até um ascendente de Ascenso, fazendeiro do brejo da Madre de Deus que, nos domingos de missa puxava a espada e bradava aos ares limpos dos dias festivos: “Quem não acredita em Nosso Senhor Jesus Cristo, apareça!”¹²⁸

Em Cana Caiana, Cascudo diz lembrar esse Nordeste, que fixava a sonolência sensual de outrora, no tempo generoso dos banguês que davam barões imperiais:

O ferreiro malhando no topo das baraúnas...
 Nas lombadas da serra o sol é de lascar...
 Nem uma folha só fazendo movimento!
 -Nana! Ô Nana!
 -Inhor!
 -Chega me abanar...
 Pouco à pouco, porém vem um frio lento.
 Trazido pelas mãos de moça do luar...
 Que gozo nos coqueiros acarinhados pelo vento!

¹²⁶ Ver ORTEGA, Francisco. Estilística da Amizade. In: Retratos de Foucault. BRANCO, Guilherme Castelo e PORTOCARRERO, Vera (orgs). NAU. 2000.

¹²⁷ Ver, ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. Op. Cit. 126.

¹²⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Ascenso Ferreira – Cana Caiana, Natal. A República. 09 de fevereiro de 1934. P.06.

-Nana! Ô Nana!

- Inhor!

-Chega me esquentar.¹²⁹

São intelectuais que tem em comum o pertencimento às famílias ligadas ao latifúndio, à aristocracia, que começavam a passar por um doloroso processo de desterritorialização com o avanço da modernidade e, portanto, a aceleração da implantação de relações sociais tipicamente burguesas, em detrimento da sociabilidade e de subjetividades tradicionais, enfim, o que Freyre chamou de crise da “aristocracia patriarcal”.¹³⁰

Cascudo é um apaixonado pelas recordações, é apaixonado por um estilo de vida no qual sua subjetividade foi possível, ressuscitando lembranças, reconstituindo, com os elementos da saudade, os castelos, os nobres, os valores do passado, vencidos pelo tempo. Rede de memórias que possibilita mapear a constituição de sua subjetividade patriarcal e católica, as tecnologias, os mecanismos que o possibilitaram se constituir enquanto sujeito moral, e enquanto sujeito de discurso.

Tendo, portanto, sido constituído nessa sociedade patriarcal e vendo sua dessacralização, ele parte na tentativa de barrar essas mudanças com um discurso de saber/poder sobre o que ele chamou de cultura popular e nomeou de nordestina.

¹²⁹ Idem, Ibidem. p.06.

¹³⁰ Ver: ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e Outras artes. Op. Cit. P.120.

3 A EMERGÊNCIA DA MODERNIDADE E O CHOQUE COM UMA SUBJETIVIDADE RELIGIOSA DENTRO DE UM MUNDO QUE SE DESSACRALIZA

O sertão perdeu seus contadores. A vida transformou-se. As rodovias levam facilmente as charangas dum para outro povoado. As vitrolas clangoram os foxs de Donalson e de Youmans. As meninas que conheci espiando os “home” por detrás das frixas das portas, reclusas nas camarinhas, dançando a meia légua de distância do par, hoje usam o cabelinho cortado, a boca em bico-de-lacre, o mesmo palavreado das tango-girls do Aero Club e Natal Club. O sertão descaracteriza-se. É natural que o cantador vá morrendo também. (...)

Onde anda a lembrança desses contadores insolentes de inspiração e bêbados de alegria natural? Quais são os mestres da cantoria de agora? Preto-limão, Serra Azul, Bernardo Nogueira, Inácio da Catingueira, Chico Barroza, Romano da Mãe d’Água, Serrador, não deixaram herdeiros no trono humilde em que dominavam o sertão, harmoniosos das caatingas? Nada mais resta dessa literatura oral, preciosa e milionária de curiosidade, senão registros literalizados? Toda essa seiva borbulhante que perfumou dois séculos de vida livre e bárbara, secou para sempre a nascente puríssima?

Nós nunca lembramos oficialmente desta riqueza que se está acabando. Há um sorriso superior de homem imponente, desdenhoso e sábio, quando ouve a frescura dos versos sertanejos. Pobre superioridade, triste desdém, misérrima sabedoria.

O cancionero satírico, o cancionero lírico do sertão, ainda esperam seu codificador (...) o sertão exige uma existência inteira voltada ao seu amor, ao cuidadoso perpassar de seus anais escritos nos versos alados das modinhas, dos martelos sonantes e nas carretilhas fulminantes.¹³¹

Luís da Câmara Cascudo

É como práticas e valores prestes a morrer que Câmara Cascudo vê a cultura do sertão, um sujeito que passou a vida inteira a amar essas coisas mortas e a tentar evitar seu desaparecimento. O discurso do folclore e da etnografia que ele representa parece falar de um tempo morto, de uma sociedade que se quer prolongar, que se quer petrificar na folha branca do papel, uma sociedade onde ele era um príncipe, “o príncipe do Tirol”, herdeiro de um trono imponente, hierárquico, aristocrático, onde seu pai e sua mãe eram o rei e a rainha e os demais a “plebe”, uma sociedade de valores sagrados, da honra, da força, da valentia, da hierarquia.¹³²

Câmara Cascudo viveu num período entre o que Freyre chamou de sociedade patriarcal e uma sociedade que caracterizou ora como individualista, ora como industrial ou como burguesa. Segundo Albuquerque Jr, a sociedade patriarcal marcada pelas relações escravistas de produção, pela estrutura monárquica de governo, pelo predomínio de valores

¹³¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Viajando o Sertão*. Natal. Imprensa Oficial. 1934.p38

¹³² Ver ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *O Morto Vestido para um ato Inaugural*. Luís da Câmara Cascudo e a Invenção histórica da ideia de Cultura Popular Nordestina. 2000.

rurais e católicos, pela hierarquia entre os grupos sociais e entre as relações de gênero, por formas de sociabilidades e sensibilidades identificadas com o campo começa a sofrer um processo de decadência onde a República, a abolição da escravidão e a crise na economia açucareira foram vistas pela oligarquia agrária como processos que ameaçaram irreversivelmente a ordem, a autoridade e a hierarquia social. As tradições, os valores e os códigos sociais foram paulatinamente sendo substituídos por uma nova ordem, a ordem burguesa, baseada em tendências consideradas pela elite agrária como niveladoras, desorganizadoras e dessacralizadoras.¹³³

Dessacralização, fragmentação, despedaçamento, dilaceramento de corpos, de subjetividade, de identidades, de territórios, são palavras, segundo o discurso tradicionalista, que melhor caracterizam o período moderno, que melhor caracterizam essa sociedade que emergia nas primeiras décadas do século XX, e que como um furacão chegou destruindo valores, hierarquias, discursos sacralizantes, o que fez com que muitas subjetividades desse período comessem a vivenciar uma complexa transformação, marcada sobretudo por um sentimento de instabilidade.

O rompimento e a progressiva desintegração de velhos modelos de subjetividades, a quebra de hierarquias à muito cristalizadas, a desintegração de valores sacralizados provocou uma reação por parte da elite patriarcal, a que menos conseguiu se adaptar a essas mudanças, pois eram subjetividades católicas que entraram em choque com um mundo dessacralizador, e, portanto, começaram a questionar esse estado de coisas e a divulgarem a modernidade e o progresso como tendências que não faziam parte e/ou não combinavam com nossa história política, e por isso um perigo a própria ordem da nação. O mundo dos patriarcas paternais estava em ruína, e Cascudo, como podemos perceber, fazia parte desse mundo. Então, enquanto sujeito/erudito pertencente a esse mundo, como evitar que isso viesse a ocorrer?

A abolição da escravidão significou para o discurso dessa elite agrária uma quebra nas hierarquias sociais, possibilitando assim uma espécie de “nivelamento social”, onde as pessoas, pelo menos, teoricamente gozariam dos mesmos privilégios. Contra essa suposta igualdade, Cascudo vai se manifestar, afirmando que dentro da sociedade escravista as relações entre “civilizados”, como ele mesmo coloca, e o negro eram perfeitamente pacíficas, marcadas muitas vezes até pela amizade. Para esse sujeito, o negro era tido como

¹³³ Ver ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino no Brasil. (1920-1970)*. Págs. 23-24-25.

companheiro dos filhos dos patrões nos serviços do campo, do gado e até padrinho de ioiôs, padrinho dos filhos dos patrões.¹³⁴

Sujeito de visão aristocrática, Câmara Cascudo acreditava que essa possível igualdade entre os homens e entre homens e mulheres era uma ilusão, já que as hierarquias sociais estavam estabelecidas em função da “capacidade de valores individuais”, e para ele, o “Homem Branco”, representado pelo colonizador europeu, era sem dúvida a “raça forte”, “superior”, que conseguiu desbravar os mais longínquos cantos desse Brasil vencendo assim todos os obstáculos, portanto, essa hierarquia (do homem branco sobre os demais, homem sobre a mulher) era, para ele, algo natural.¹³⁵

O negro era na colônia portuguesa um servo, na acepção de servir, de ajudar, ligados pelo liame do afeto, da compreensão sexual. Falando de um senhor de engenho, ele diz, era dono de escravos e amigo íntimo deles todos, padrinho de casamento de mulatos.¹³⁶

Os costumes doces que existiam nas velhas famílias patriarcais tornavam os escravos em verdadeiras personalidades domésticas, espécie de irmãos pretos. A vida no campo trazia a solidariedade espiritual pela contínua identidade no trabalho.¹³⁷

Uma visão de um homem da classe dominante, de subjetividade católica que coloca e/ou vê os senhores como pais que abençoavam aqueles que pacientes e resignados trabalhavam para seus ioiôs, e que eram capazes de uma dedicação comovente. Nos diz Vainfas, que essa forma de ver a escravidão é característica de uma visão cristã sobre a escravidão, já que esses sujeitos viam ou propunham, que, para “glória de Deus e da hierarquia social, a conversão da escravidão num modelo de família cristã, onde senhores escravos fossem como pais e filhos, desse modo, estabilizaria à hierarquia social.”¹³⁸

Albuquerque Jr também nos diz que o advento da República significou o acesso ao mundo da política por camadas da sociedade antes excluídas, e significou também necessidade de ampliação do espaço social para inclusão de novos grupos sociais que emergiam com crescente influência e poder como: os industriais, os operários, a classe média, surgidos todos do processo de urbanização e industrialização, processos vistos pela elite

¹³⁴ Ver por exemplo suas actas diurnas. Artigos escritos por Câmara Cascudo no Jornal A República sobre figuras importantes. Sobre personagens comuns, sobre territorialidade e sobre manifestações consideradas por ele como populares e nordestinas e que marcaram o Rio Grande do Norte e principalmente a cidade de Natal nas primeiras décadas do século XX.

¹³⁵ Ver: CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia dos Mitos Brasileiros. Livraria José Olympio. Editora. 2ª edição. Rio de Janeiro. 1978.

¹³⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta diurna. África. Natal. A República. 22 de fevereiro de 1934.

¹³⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta diurna. A Rua Koster. A República. Natal. 07 de março de 1933.

¹³⁸ VAINFAS, Ronaldo. Ideologia e Escravidão. Os Letrados e a Sociedade escravista no Brasil Colonial, Petrópolis. Vozes. 1986. P114.

agrária como os principais agentes que ocasionaram a perda progressiva de valores, sociabilidades e subjetividades ditas patriarcais.¹³⁹

A abertura de espaços para a população que antes se via excluída, a busca da “emancipação humana” fazia parte do projeto positivista e liberal, o que provocou uma crise na sociedade patriarcal, implicando profundas mudanças nos estilos de vida de homens e mulheres. Dessa forma, não era só a estrutura econômica dos senhores patriarcais que vinha se desfazendo, mas, também uma forma de vida baseada no seu poder de mando, o nome do coronel como homem de poder, lentamente deixava de significar alguma coisa, já que todos os indivíduos passariam a gozar de certa igualdade, rompendo assim com a hierarquia social onde o senhor, o patriarca, estaria no topo, o que levou a um processo de dissolução de velhas instituições e antigos costumes.

Essa quebra nas hierarquias provocou protesto por parte daqueles sujeitos cujas subjetividades foram formadas na sociedade patriarcal e que nesse momento veem seu espaço sendo invadido por novos discursos e sujeitos que põe em xeque uma ordem há muito estabelecida.

Com o início do século em que vivemos, quando a guerra de 1914 e a crise e as revoluções que vieram depois criaram essa nova idade de provocações sem conta e de condições excepcionais de tremores, dificuldades e choques permanentes, - finir la douceur de vivre - o que entrou a preocupar e a absorver as gerações com responsabilidades na vida pública dos países foram as proporções desmedidas a que atingira a liberdade, leia-se igualdade, produzindo mal-estar e desequilíbrio, uma vez em que o excesso é sempre prejudicial, e extraem elasticidade gerando situações imprevisíveis e perigosas (...) é indispensável e urgente, portanto, por um freio à “licença”, hipertrofia de todos os direitos individuais, forma em que degenerará a liberdade, em que se dissolve as instituições e os costumes e em face da qual se encolhem, tímidos os tentáculos sem força das leis, gerando um ambiente propício a todas as aventuras.¹⁴⁰

As primeiras décadas do século XX, surgem como um período em que se proliferaram por toda a sociedade discursos sobre a igualdade, (igualdade da mulher em relação ao homem, igualdade de todos perante a lei) sobre a liberdade (de comércio, de manifestação e de pensamento) sobre a fé na inteligência humana, na razão universal, possibilitada, é claro, por uma educação baseada na ciência. Eram discursos como discurso liberal, o discurso positivista, o discurso feminista e o discurso comunista que pregavam pela sociedade que só através da razão, ou seja, de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento, as pessoas se libertariam das irracionalidades do mito, da religião, da

¹³⁹ ALBUQUERQUE, Jr. Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino no Brasil. Op. Cit. p27.

¹⁴⁰ N/A. Dois Conceitos Antagônicos. Natal. A República. 16 de março de 1931. P08.

superstição, e até mesmo do uso arbitrário do poder, representado na sociedade patriarcal pela Igreja Católica e pelos senhores rurais.

Portanto, são discursos que os tradicionalistas não veem com bons olhos pois falam de um “surto igualitário”, da “dessacralização do discurso religioso”, da “quebra de hierarquia social e de gênero” do “solapamento do direito de propriedade”, o que levaria a uma dissolução da família e da figura dos antigos senhores, cada vez mais rebaixados e tratados como se fossem pessoas da mesma igualha por qualquer trabalhador do eito. “As pessoas passariam a ser vistas como possuidoras de direitos e deveres sociais, protegidos por uma legislação e não mais como pessoas que possuem direitos e deveres em relação a uma pessoa hierarquicamente definida como superior”.¹⁴¹ Como diz Cascudo:

Essa inquietação móvel (...) faz ir desaparecendo a consciência dos fundamentos tradicionais da sociedade regular (...) o indígena de escola e batismo será funcionário público, não ficará na monotonia da aldeia que o branco desencantou. Filho de lavrador será industrial, mandando o herdeiro para a burocracia ministerial.¹⁴²

Outro artigo do mesmo período diz:

As graves perturbações e os complexos problemas que assoberbam os povos é intranquilizam os espíritos, nos dias atuais, tiveram a sua origem com a civilização industrial e as imensas consequências dela resultante sobre as diversas categorias humanas (...) a civilização industrial é responsável pela hipertrofia e mecanização da vida, pelas dificuldades do presente. Não podemos negar o Império que tem exercido sobre um mundo apossado, utilitário e egoísta, quase sempre esquecido de sua finalidade super-humana, todo o amontoado confuso e disforme de concepção de uma filosofia materialista de que o nosso século está cheio, criando essa atmosfera de polemica, de revolta e de insatisfação pública que é bem a sua marca (...) nessa época das massas todos podemos calcular o valor e a expressão das elites, do pequeno número verdadeiramente informado de uma sã compreensão da existência e dos problemas eternos, pelo repúdio aos falsos dogmas das falsas ideologias, encarando o Brasil dentro da sua realidade, da sua tradição, das constantes da sua história, e influindo assim, sobre o maior número de pessoas no sentido de uma unidade moral e espiritual, a única possível de produzir no país um clima de serenidade, de ordem e de paz, indispensável à civilização e ao bem estar coletivo.¹⁴³

Esse é o sentimento vivido por essa elite que se vê desterritorializada frente a essas mudanças, mudanças trazidas pelo fim de uma sociedade escravista que solapa lugares tradicionalmente reservados para a elite e a plebe, como diz Cascudo, e para homens e mulheres. Período (fim do século XIX e início do século XX) que marca a passagem para o

¹⁴¹ Ver ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino no Brasil*. (1920-1970).

¹⁴² CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: imaginações e notas de um professor de província*. Reimpressão. Natal. EDUFRRN. 1998. P61.

¹⁴³ N/A. *O Estado Moderno e as suas elites*. Natal. *A República*. 07 de março de 1931. P04.

que Foucault denominou de *scientia sexualis*¹⁴⁴ ou seja, o momento em que há a passagem de uma sociedade da sanguinidade, em que a identidade do sujeito era passada pelo nome da família patriarcal, para uma comandada pela sexualidade. As pessoas que tinham antes à sua identidade de gênero definida na família, resultando nos papéis de mulher ou de homem, passaram a ser definidas também por suas práticas sexuais, conquistando de certa forma uma decisão cada vez mais pessoal sobre si. Sem deixar de ser, no entanto, limitada por códigos sexuais também cada vez mais rígidos. O sexo passou a ser um lugar de verdade do sujeito onde todas as suas práticas passaram a serem descritas, analisadas, vigiadas e punidas.¹⁴⁵

Nesse sentido, o comportamento das mulheres vai sendo paulatinamente alterado com a emergência do movimento feminista, que se empenhou em desnaturalizar a ideia do feminino enquanto apenas o “outro do homem”, observando que a divisão hierarquizada do mundo os dos corpos são efeitos do poder instituinte, e como tal, são passíveis de dissolução. Segundo Foucault, somos julgados, condenados, classificados. Obrigados a desempenhar tarefas destinadas a um certo modo de viver ou morrer em função de discursos verdadeiros que trazem comiso efeitos específicos de poder. Desta maneira a desnaturalização se faz a partir da própria noção de práticas discursivas, onde o alvo é a decodificação do regime instituído que produzem verdades, verdades que são legitimadas e subjetivadas pelos sujeitos. Nesse momento, o alvo a ser desconstruído/desnaturalizado era o discurso tradicional e conservador da sociedade patriarcal.¹⁴⁶

A emergência desse discurso, ou seja, o discurso feminista e a sua aceitação por parte da maioria das mulheres, faz com que elas comecem a buscar o nivelamento com os homens e que comecem a questionar a distribuição hierárquica dos papéis sociais e de gênero tido até aquele momento como natural, o que põe em perigo a própria organização da família, que para o discurso tradicional era um dos pilares de sustentação da sociedade patriarcal. A mulher segundo esse discurso, nascera para ser mãe, educadora dos filhos e para rezar pedindo proteção à sua família, tal qual fora suas avós, suas tias e suas mães, como eram suas esposas. Para Cascudo, “a felicidade integral da mulher só viria com a plenitude da

¹⁴⁴ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. 1 – A Vontade de Saber. Rio de Janeiro. Edições Graal

¹⁴⁵ Ver: ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino no Brasil*. (1920 – 1970), Projeto Mimeografado.

¹⁴⁶ SAWIN, Tânia Navarro. Quem tem medo de Foucault: Feminismo, Corpo e Sexualidade. In: *Retratos de Foucault*. Págs. 141 a 155. Ver também: FOUCAULT, Michel. *Soberania e Disciplina*. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1995. P180.

maternidade, com todos os calores afetivos e transformadores.”¹⁴⁷ Para esse sujeito o destino da mulher era o casamento, a maternidade, a vida doméstica e religiosa.

Lamentando essas mudanças, Câmara Cascudo coloca:

As minhas alunas não se resignaram a limitações domésticas de mães de filhos e donas de casa. Voaram para as repartições, autarquias. Essa inquietação móvel faz ir desaparecendo a consciência dos fundamentos tradicionais da sociedade regular.¹⁴⁸

O discurso patriarcal e católico lamenta o fim da família tradicional, como sendo o fim do lar e a emergência do individualismo, mas estes discursos masculinos das elites do Nordeste, no começo do século XX, parecem lamentar mais ainda o fim dos papéis tradicionais de chefe de família e dona de casa. Um discurso onde ser mulher, ser “feminina” era essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podiam funcionar como sinais de virilidade.¹⁴⁹

Nas marchas dos negócios públicos a mulher mais inteligente achar-se-á sempre deslocada e, se ela insistir em querer trocar o lar pela praça pública, se quiser ostentar energias varonis impróprias do sexo, desnatura-se, deixa de ser mulher, é um virago.¹⁵⁰

A busca do nivelamento com os homens seria, na visão de Cascudo, o fim da própria instituição familiar, que só se sustentaria com homens e mulheres ocupando lugares distintos e hierarquicamente bem definidos.

As mudanças de comportamento atribuídas as mulheres, trazidas pela vida urbana e pelo mundo que se modernizava, parecia ameaçar a dominação masculina de forma insuportável para homens que teriam sido educados numa ordem patriarcal, cujas subjetividades foram formadas pelo discurso do catolicismo.¹⁵¹

Trabalhando a crise da sociedade patriarcal, Albuquerque Jr, nos diz que esse é um período em que começava a se sentir o predomínio da sociabilidade urbana sobre a rural a medida que a cidade vai se sobrepondo ao campo, pois na economia já se percebia as atividades industriais se sobreporem às atividades agrícolas. Na política os grupos sociais

¹⁴⁷ CASCUDO, Luís da Câmara, ontem:imaginações e notas de um professor de província.Natal. EDUFRN, 1968.p60

¹⁴⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Ontem: imaginação e notas de um professor de província. Natal. EDUFRN. 1998. P61.

¹⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Op. Cit. P116.

¹⁵⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. Antologia de Pedro Velho. Natal. Departamento de Imprensa. 1954. P32

¹⁵¹ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Op. Cit. P43.

começam a preencher cargos que compunham a burocracia estatal, cargos antes ocupados pelos grupos rurais. A cidade passa a instituir valores, a difundir ideias voltadas para o novo, o moderno, o artificial, enfim a alterar de maneira significativa a sensibilidade, as sociabilidades e as subjetividades das pessoas, onde o discurso higienista propagava por toda a sociedade a necessidade de uma mudança de comportamentos, principalmente no que diz respeito a higiene pessoal, limpeza dos ambientes, casas e ruas.¹⁵²

O discurso higienista sob a tutela do Estado passa a intervir de maneira significativa na vida social, com o propósito de cuidar da população. Esta se torna, na modernidade, o verdadeiro objeto do Estado, que passa a exercer seu poder permanentemente na vida social, com programas de saúde pública, moradia decente, instituições médicas, etc. O que Foucault vai chamar de “tecnologia política dos indivíduos.”¹⁵³ A sociedade presenciava assim uma racionalização das práticas sociais ligada a uma tecnologia política, o que para Cascudo significou uma descaracterização desse espaço tradicional, perdendo aquele ar de província, onde os costumes eram mais aceitos e onde a vida passava solta, leve e devagar.

As cidades de agora pretendem divulgar a imagem do conforto, higiene, ostentação simétrica duma arquitetura ornamental, ordenada, imponente, as calçadas interminais e largas, os estabelecimentos novos, faiscando mostruários atraentes, a iluminação estonteante e múltipla, provocam uma reação nos costumes modernos, rotineiros, apagados de ambição exibicionista. Proibiu-se o trânsito das pessoas descalças, na amplidão da avenida, agora só se tolerava o traje, requinte, elegância. O maltrapilho, o desleixado, o filósofo, foram hóspedes intolerados, não passeavam, transitavam.¹⁵⁴

O Estado moderno procurou, assim, implantar seus interesses servindo-se de dispositivos formados por um conjunto de práticas discursivas e não discursivas¹⁵⁵ que passaram a regulamentar o comportamento dos indivíduos, abolindo condutas inaceitáveis como, por exemplo, a embriaguez, andar descalço pelas ruas, cuspi-las, gritar palavras “de baixo calão”, de dormir ou descansar nas escadarias dos prédios, perdendo, assim, um

¹⁵² ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Op. Cit. P.55.

¹⁵³ São técnicas e/ou práticas agenciadas pelo Estado Moderno que dão forma concreta a uma nova racionalidade política e a um novo tipo de relação ente o Estado e o indivíduo. Ver: FOUCAULT, Michel. Tecnologia Política dos Indivíduos. In: Coleção Ditos & Escritos, Foucault: Ética, Sexualidade e Política. Manoel Barros Mota (org.). Forense Universitária. Rio de Janeiro. P.301 a 318.

¹⁵⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Ontem: imaginação e notas de um professor de província. Op. Cit. P51.

¹⁵⁵ Jurandir Freire Costa nos diz que as práticas discursivas que reforçam no nível do conhecimento e da racionalidade as técnicas de dominação do Estado frente a população, são criadas a partir de saberes disponíveis – enunciados científicos, concepções filosóficas, figuras literárias, princípios religiosos, etc. – que são articulados segundo as táticas e os objetivos do poder. Já as práticas não discursivas são formadas pelo conjunto de instrumentos que materializam o dispositivo, como técnicas físicas de controle corporal, técnicas de organização arquitetônica do espaço, etc. Ver: COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma Familiar, 3ª Edição. Rio de Janeiro, Graal. 1989. P.50.

precioso tempo de trabalho produtivo, e produzindo novas formas de comportamentos, novas sociabilidades e, conseqüentemente, novas subjetividades, enfim, uma nova disciplinarização dos corpos era exigida para se viver na cidade moderna, o que fez com que aquela vida de descanso e preguiça só possível na sociedade patriarcal ficasse para trás. Já não era possível circular livremente nas ruas, parar despreocupado nas esquinas e bares, morar e trabalhar no mesmo espaço, bater papo nas calçadas, num cenário onde as serenatas haviam cumprido a função de preencher as noites dos boêmios, como Câmara Cascudo, encantando aqueles que permaneciam em casa, como Dona Dahlia, sua esposa, sendo a janela o elo de ligação entre dois mundos: o do lar e o da rua.¹⁵⁶

A cidade provinciana passa a ser desterritorializada, privada de suas significações precedentes e territorializada segundo a conveniência burguesa. A modernidade estava tornando a vida superficial, rápida, racionalizada e a cidade moderna representaria exatamente isso.

(...) as cidades mortas, as vilas de relógios parados, cadeiras na calçada, roupa caseira na rua, modificaram os lentos hábitos pacatos com o aparecimento das pracinhas jardinadas.

(...) a rua Doutor Barata era povoada de famílias. Hoje é exclusivamente comercial. A noite dava o direito às cadeiras na calçada, das prosas de porta em porta, os namorados olhando de longe, plantados como postes de iluminação na esquina, bilontre ando, como se dizia.¹⁵⁷

Eram condutas que caracterizavam as cidades provincianas antes da reordenação espacial imposta pelo Estado através de seus dispositivos de normalização. Por isso, o espaço público e o espaço privado eram invadidos pelo sentimento de nomadismo, onde os sujeitos passaram a não mais possuir um espaço e um tempo próprios. As velhas residências, casa grande, solar de tradição doméstica, que eram entidades vivas, que tinham fisionomia, linguagem, personalidade, recantos povoados pelas recordações existenciais, que representavam para a sensibilidade patriarcal um antepassado, são dessacralizados pela modernidade que trouxe a instabilidade, que trouxe a fugacidade da vida e o anonimato na morte.

¹⁵⁶ MENEZES, Lená Medeiros de. Rio de Janeiro: Pereira Passos e as Posturas Municipais (1902-1906). In: SOLLER, Maria Angélica e MATOS, Maria Izilda S. (orgs) A Cidade em Debate. São Paulo. 1999. P.117.

¹⁵⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. Seu Maranhão. Natal. A República. 31 de janeiro de 1940.

Nascendo numa maternidade, vivendo num apartamento, falecendo numa casa de saúde, por metonímia, o contemporâneo independia do ambiente usual. O arranha-céu multiplica a circulação exterior. O doce lar jamais se torna íntimo. O alojamento não se impregna de tradição, o ocupante é um hóspede vitalício, as paredes não testemunham sucessos nem história (...) não é casa, residência, mansão, mas um armário domiciliar, um cômodo confortável, a máquina de morar de Lê Corbusier.¹⁵⁸

A cidade e a casa moderna surgem, aos olhos desse tradicionalista como espaços vazios, na qual a subjetividade longe de se cristalizar, está o tempo todo se dissolvendo, na qual longe de construir uma vida, se morre, porque esse é um período no qual já não possível estabelecer relações duradouras com as outras pessoas. Relações como as de amizade, de generosidade, de caridade estavam, segundo o discurso tradicionalista desaparecendo e, por isso se morre, e se morre anonimamente numa casa de saúde, pois não há mais aquela preocupação com uma morte bem-acabada, como havia na sociedade patriarcal. Nem a vida nem a morte são na cidade moderna pessoais.

Enquanto que na sociedade Patriarcal, a casa grande expressava a própria solidez de poder e de fortuna das famílias que nelas habitavam. Casas que possuam uma distinção verdadeiramente heráldica, como a casa de Cascudo, onde ele passou maior parte de sua infância, na avenida Jundiaí com Apodi, “O Principado do Tirol”, com telhados derreados que davam um delicioso ar de aconchego patriarcal. Na modernidade há toda uma verticalização urbana representada pelos arranha-céus compostos de cubículos destinados à vida particularista das novas famílias burguesas. Cubículos à lá Lê Corbusier do qual falou Cascudo, um arquiteto francês considerado um dos grandes heróis da modernidade por ter transportado seu fascínio pela técnica, pela velocidade e pelo movimento para seus projetos arquitetônicos, transformando as casas em uma “máquina para a vida moderna”, que buscava, acima de tudo, a utilidade, a racionalidade do espaço privado, casas que Cascudo chamou de “latas de sardinha”.¹⁵⁹

Com o desenvolvimento rápido dos interesses, estamos morando em latas de sardinha, sem dez palmos de jardim, em quatinhos que estremecem quando os caminhões passam, as velhas residências são divididas em duas ou três casas.¹⁶⁰

Essa artificialidade, essa contingência, não está só na sua arquitetura dos ambientes, mas no que tem dentro desses ambientes. Preocupação ressaltada por Gilberto Freyre, que

¹⁵⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: imaginações e notas de um professor de província*. Op. Cit. P.236-237.

¹⁵⁹ HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. Edições Loyola. São Paulo. 1993.P.42.

¹⁶⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: Imaginações e notas de um professor de província*. Op. Cit. P231.

lamentava essa tendência durante a primeira fase do regime republicano e que se acentuaria com o “progressivismo, de substituir-se por novidade de duvidoso valor e precário gosto, os móveis e objetos antigos e belos que junto com o couro escuro e a prata portuguesa davam dignidade às melhores casas brasileiras”.¹⁶¹ Objetos que traziam uma história de família, como o álbum de fotografias da família de Cascudo feito de casco de tartaruga e orlado de ouro e a bengala de cana da Índia, que foi de seu pai, passada posteriormente para ele, com a qual ele se exibia em Natal e em São Paulo são, na modernidade, esquecidos, substituídos por objetos mais modernos, menos duradouros, facilmente quebráveis, que não trazem história nenhuma, não trazem recordações, são instáveis, representando, assim, as subjetividades modernas. São produtos anônimos, sem herança, sem passado e sem futuro.

A fabricação do supérfluo é a característica contemporânea, comparo a residência do meu pai com a minha e a dos meus filhos. A espantosa técnica das coisas desnecessárias e agradáveis de ver, repletando as salas, armários, prateleiras. A indústria internacional do falso souvenir. A viagem deleitosa desdobrando o instinto aquisitivo desperdiçador. Os processos publicitários determinando a despesa improdutiva. Colecionadores de puerilidades graciosas, leques, bonecas, rendas, caixas de fósforos e de cigarros. A cultura do inútil, o homem perdeu a noção do suficiente.¹⁶²

O discurso urbanista queria as cidades menos sujas de velhice e mais brilhantes de modernidade, processo que não poupou nem mesmo as igrejas consideradas velhas, de arquitetura antiburguesa, porque não combinavam com a nova cara das cidades e deviam ser demolidas. Eram projetos preocupados cada vez mais com o embelezamento exterior, e que fizeram com que a arquitetura perdesse a alma dada pela tradição. Muitos dos monumentos foram desprezados como feias velharias ou vergonhosos arcaísmos, por uma burguesia que se modernizava. Um mundo que se tornava cada vez mais distanciado do passado e da tradição, o que causava revolta nesse tradicionalista. Protestando contra o processo de demolição das velhas Igrejas, que significava também o próprio descrédito e as mudanças pelas quais passava o discurso religioso naquele momento, Cascudo escreve sobre a demolição da Igreja de Arez, erguida no século XVII, pelas missões jesuíticas do Rio Grande do Norte, na cidade e no município de igual nome.

A matriz do secular aldeamento já vivia nos albores do século XVIII, não pode e não deve cair testemunhando o abandono da nossa Fé e a ignorância do nosso patriotismo. A sentinela da brasilidade naquele vale de esmeraldas

¹⁶¹ FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Op. Cit. P102.

¹⁶² CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: Imagens e notas de um professor de província*. Op. Cit. P128.

é o terrão que sonorizava o ar, nas badaladas do ângelus. Aí se rearticulam passado e presente, numa continuidade de esperança e de caridade. Isso não é apenas uma reafirmação de consciência religiosa, mas uma atitude de nacionalismo vertical, amparar com os auxílios da nossa vontade a velhice imponente da Igreja de Arez, depoimento do espírito na manhã do Brasil colonial.¹⁶³

Falando sobre uma visita feita a Salvador:

Andei melancolicamente num largo imenso, molhado, frio, com altos pisos que são alcançados pelas escadinhas de madeira, exteriores numa visão inesperada, das vias napolitanas. Aí se erguia a Sé, a velha, a discutida, a derribada Matriz onde a História se fixou, secularmente. Para destruírem a Sé foi preciso encher os ouvidos com cimento armado (...) era o imperativo do progresso, o mesmo progresso que mastigou os Arcos e a Igreja do Corpo Santo no Recife, e devorou o altar mor da Matriz de Serra Negra, no Rio Grande do Norte. Durante meia hora, para lá e para cá procurei o progresso justificativo do sacrifício da Sé. Chuviscava. O progresso estaria recolhido dormindo. Não o encontrei. Disseram-me que ninguém substituíra o bimbilhar dos sinos desaparecidos, tocados a matina quando o Brasil amanhecia. Progresso! Quantos crimes cometidos em teu nome.¹⁶⁴

Não eram só as velhas igrejas símbolos da religiosidade do povo que estavam sendo deixadas para trás, esquecidas, mas até mesmo os santos, os velhos santos de madeira feitos a mão e que demoravam dias para ficarem prontos, que ampararam e levaram sossego a tanta gente também estavam desaparecendo, sendo substituídos por outros, cuja fabricação se dava nos modos industriais e em série, eram, portanto, mais modernos. Cascudo percebe essas mudanças como um processo de desenvolvimento burguês violento que estava mudando as condições de trabalho e destruindo habilidades tradicionais.

Um ponto melancólico é substituição dos santos de madeira pelos santos de gesso e de massa. Os velhos santos primitivos, feios e leais, cem anos mantendo a fé e a esperança naqueles povoados que se tornaram cidades, ficam relegados a um plano inferior, apeiados dos altares, numa capitis diminuto injustificável. Onde andam os santos de madeira? Devem ser centenas? Não vi nenhum. Um trabalho de madeira é sempre um esforço pessoal, direto, próprio. Fique feio ou deslumbrante, o caso é que um produto da inteligência humana, sem o auxílio da máquina poluidora. Um trabalho de gesso ou massa sempre bonitos, é sempre resultado frio da máquina, produto igual, monótono em sua beleza, sem o calor da mão, rude ou apta, mas sincera.¹⁶⁵

¹⁶³ CASCUDO, Luís da Câmara. A Igreja de Arez. Natal. A República, 14 de novembro de 1939. P12.

¹⁶⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Conversando a bordo do Rodrigues Alves. A República. 13 de julho de 1931. P03.

¹⁶⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. Viajando a sertão. Natal. A República. 05 de junho de 1935. Página 04/05.

A modernidade, segundo esse discurso tradicionalista, também vinha acabando com o encanto e os mistérios da natureza, como diz Albuquerque Jr:

Os homens das cidades já não amavam as árvores, já não podiam dispor de uma árvore centenária para venerar, árvore como símbolo da própria família, que viram nascer e deram sombras a todas as suas gerações, que foram testemunhas de muitas brincadeiras infantis e viram partir tristonhos muitos enterros.¹⁶⁶

O propósito do discurso urbanista nesse período era dominar a natureza e criar uma nova paisagem, só que agora com concreto. Uma espécie de “destruição criativa” que visava levar ao extremo as consequências das inovações técnicas, pois só através disso se podia garantir o progresso humano.¹⁶⁷

Não sei de onde herdamos esse furor arborescida. Não há reformas ou remodelações urbanistas que não custe a vida de centenas de árvores (...) em Natal, o machado atirou para o fogo todas as nossas árvores tradicionais. Caíram todos os gameleiros, tamarineiros, tatajubeiras, castanheiras e mangabeiras, sem substituição.¹⁶⁸

Nesse sentido os protestos de Cascudo, a respeito da falta de arborização na cidade de Natal na década de vinte, nos mostram claramente seu sentimento a respeito dessas mudanças. Essas alterações na paisagem representava um desprezo crescente em relação ao passado e uma preocupação crescente com o futuro. A melancolia diante desse presente manifesta-se com nitidez no discurso de Cascudo, discurso de tristeza e de lamento frente a constatação de que a cidade provinciana ia desaparecendo.

Há dias andei visitando os velhos logradouros de Natal. Em quase todos minha meninice perseguiu pássaros e brincou cirandas. Ofereci-me uma tarde de recordação e de saudades. Rever o Natal que ainda alcancei lento, com seus bondes puxados a burro, o lagamar da Campina, a feira do Passo da Pátria, o apito sem fim das fábricas de tecidos. Uma visão nova contristou-me. Natal está se despovoando completamente de suas árvores. A cidade não tem mais aquele ar rural e rústico. Os parques Augusto Severo e André de Albuquerque estão, com licença da palavra, calvos e melancólicos. O sol na peneira das árvores enche de luz todo o espaço que conheci sombrio e delicioso. Só nos resta a praçuela João Maria, com seus baldaquinos de esmeralda que são aparados geometricamente em linhas artificiais e a la garçone (...) são parques modernos, limpos, cortadas pelas mil vias tornadas acessíveis, mas sem a função precípua, natural e lógica dos recintos das terras tropicais.¹⁶⁹

¹⁶⁶ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. OP. Cit. P63.

¹⁶⁷ HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. Op. Cit. P36.

¹⁶⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. Pela rearborização da cidade. Natal. A República. 19 de agosto de 1938.

¹⁶⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. Em nome das árvores. Natal. A República. 23 de março de 1939.

Os urbanistas retificam as cidades, tornando-as artificiais, ameaçando assim o que tinha de tradicional e patriarcal. Contudo, nesse processo de modernização não são só as árvores que estão em vias de desaparecer, personagens que também compunham a paisagem das cidades provincianas também iam desaparecendo. Eram, como diz Cascudo, “os donos da rua”. Figuras tradicionais que marcaram a vida das cidades, que contavam uma história de costumes, valores, tradições, tidos, portanto, pelo discurso tradicionalista como elementos de conservação social, mas que na modernidade são colocados ou enclausurados em um local especial que dê conta de assegurá-los longe da sociedade racionalizada. Esse é o período (na modernidade) em que a loucura passou a ser vista como doença mental, fazendo parte das espécies patológicas, por isso, esses corpos que perambulavam pelas vias públicas passaram a ser vistos como loucos pelo discurso médico burguês e, portanto, a serem classificados, vigiados e consequentemente enclausurados/internados.¹⁷⁰

A modernidade identificada com o ideário burguês de disciplina, institui limites onde proibir faz parte de sua estrutura, por isso, extirpa das ruas esses tipos tão singulares e significativos descaracterizando a cidade colonial, provinciana, como nos diz Cascudo:

Com o advento da modernidade, a cidade de Natal perdeu suas antigas figuras de todo dia. Os donos da rua estão morrendo. Estevinho dos ovos, andando rápido, chamando penosas às galinhas e “senhoras Peruas, para não desrespeitar a mãe de ninguém”! “Doutor João, que fora imperiá Marinhêro, Xixina, pálido, de olhos amarelos, pornográfico diluvial. Camarão, incapaz de dizer nome feio porque punha a mão na boca ao pronunciá-lo. Chiquinho-Cadê-Fufu”, usando de apito para responder a importunação da “molecoreba”, “Paulinho”, com uma pedra embrulhada para atirá-la em quem o apodasse “maluco”! “Marianinha”, pescador morenã, cujos gritos incluíam o quarto-de-tom, espalhando aos berros notícias pelo bairro da Ribeira. “Simoa” exibindo o sexo nas assuadas.¹⁷¹

Eram homens e mulheres que perambulavam pelas vias públicas, vistos, portanto, como vadios, pobres, devassos, libertinos, profanadores que faziam o divertimento de todos. Cascudo fala de tipos como “sobejo de Cação” processado em 1912, “Doce de Coco” de miolo mole e fala suja, “Victor Lafosse”, o maior mentiroso da cidade, francês que se dizia primo legítimo de sua alteza o Conde d’Eu e o importante Felix Alves Gomes Barbosa de Lima e Sousa que endoidou com o apelido de “Felinho Cocô”. São vidas de mulheres e homens que vão se tornando “infames” pelos discursos do poder e que atraíram sobre si, sobre

¹⁷⁰ Ver MACHADO, Roberto. Arqueologia, Filosofia e Literatura. In: Retratos de Foucault. 1993 Págs. 11 à 24.

¹⁷¹ CASCUDO, Luís da Câmara. Ontem: Imagens e notas de um professor de província. Op. Cit. P180.

suas vidas medíocres, sobre defeitos, afinal, bastante ordinários, o olhar do poder e o estereótipo de sua cólera. A nova moral burguesa não suportava a presença desses corpos no espaço público.¹⁷²

Há também um outro personagem e um ambiente muito lembrado por Cascudo em suas narrativas e que marcaram na cidade do Natal na época de sua infância. Era o “Sêu Maranhão com sua Botica”. A farmácia era uma de suas saudades infantis.

Era a farmácia típica, a Botica legítima, com banquinho tradicional para a espera das receitas, o pequeno balaústre de madeira separando as prateleiras dos fregueses, o escritório alta, envernizado o de escuro, com os dois jarrões cheios d'água colorida, um azul e um vermelho. Ali residiam os grandes desejos dos meninos do meu tempo. Ficavam lá no fundo empilhados, montes de almanaques, folhetos, toda uma literatura de propaganda farmacêutica, com retratos, desenhos, fotografias, charadas e anedotas. Nós vivíamos cirandando a farmácia pedindo ou furtando os almanaques sob o olhar impassivelmente amável do Seu Maranhão. A cidade ia crescendo, modificando-se e Seu Maranhão dentro da farmácia com os dois jarrões coloridos ia ficando para trás, para trás de um tempo e de uma mentalidade social que não tinha vagar e sensibilidade para ajudar a velhice daquele soldado do bom-combate, caridoso, prestativo e sorridente.¹⁷³

E a Feira no Passo da Pátria, tida por ele como uma reminiscência viva, constituía o supremo sonho recalcado de todos os meninos do seu tempo.

Era uma feira noturna, com seus tabuleiros de gulodices, pé-de-moleque, doce-seco, alfenins, farinha de milho e de castanha, coisas proibidas e anunciadas por nós. Ali estavam as pilhas de esteiras, balaies, cestas de louçarias dos barreiros, jarras, potes, gados de barro, minúsculos e horrendos que não trocaríamos pelo encanto técnico dos brinquedos mecânicos alemães. Ali estavam as bonecas de pano, bruxas do passo, garapa de cana, frutas silvestres, carne de sol, peças de corda, um montão disparatado, pitoresco e sugestivo, iluminado pelas chamas oscilantes e rubras das lamparinas de folhas flandres. Era a zona dos valentes, capadócios, rascôas ínfimas que apareciam, aos olhos da inocência e do desejo, como Laís e Frinéas deslumbrantes. Ali rodavam os soldados do batalhão, com barretinas de dois bicos, o facão batendo nas penas, metendo a ordem e garantindo a desordem, embarcações robustos e sime-ébrios, marinheiros de fala atravessada e olho de xexéu, gozando as cenas inesperadas daquele recanto tropical. Ainda cedo a feira era visitada por gente séria e alta, fazendo compras, depois das oito horas ficava mais movimentada, mais sedutora, mais perigosa, com a vinda dos empregados depois que o comércio fechava, praças do exército, meninos fugidos do colégio ou da fiscalização paternal, creadinhas que andavam em ritmo sincopado, mendigos cantando vozes de pregão, cheiros confusos, luzes vermelhas, alegria, rumor, perturbação. Feira do Passo”!¹⁷⁴

¹⁷² FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: O que é o Autor? Lisboa. Vegas/Passagem. P01.

¹⁷³ CASCUDO, Luís da Câmara. Seu Maranhão. Acta Diurna. Natal, A República. 31 de janeiro de 1940.

¹⁷⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Passo da Pátria... Natal. A República. 17 de fevereiro de 1935. P03.

O discurso de Cascudo é um discurso de lamentações, uma visão saudosa e ao mesmo tempo tristonha em relação ao passado, demonstrando assim todo um mal-estar com o presente, com a própria História, com o fluir do tempo, descobrindo, assim, a historicidade das coisas, seu caráter passageiro e mutável que deixa uma sensação de vazio, de vácuo. A tônica do período moderno e o despedaçamento, o caos, a fragmentação que vai desintegrando toda uma ordem existente onde o que resta são apenas lembranças e a possibilidade de eternizar essas lembranças através da escrita.

Escrever para não morrer, pensava Cascudo, para não deixar que sujeitos como “Seu Maranhão” fossem esquecidos, para não deixar que espacialidades como a “botica” e a “Feira do Passo”, fossem deixados de lado, para não deixar que sua própria existência fosse desprezada/despedaçada, por isso Cascudo escreve e escreve muito, só autobiografias ele produziu quatro, sem falar nos mais de cem livros escritos por ele sobre personagens como “Seu Maranhão”, sobre lugares como a “Feira do Passo”, sobre manifestações culturais que nomeou de populares e nordestinas.

A escrita para Cascudo tinha como função “parar o tempo”, “bloquear o trabalho do esquecimento”, “fixar um estado de coisas”, imortalizar a morte.¹⁷⁵ Contudo, surge a questão: Será que a escrita impede a morte? Será que essa prática garantiria ao sujeito que escreve e as coisas sobre as quais ele escreve a imortalidade? Como pensavam os gregos, cujas epopeias eram destinadas a perpetuar a imortalidade do herói, ou como pensavam os árabes, cujas narrativas tinham como motivação, tema e pretexto, não morrer e como pensava o próprio Cascudo quando escrevia sobre sujeitos, territórios, e quando escrevia sobre si próprio? Nos diz Foucault que a escrita (na modernidade) se torna um trabalho de morte contra a morte, pois está sempre tentando manter a morte distante e, quando faz isso, quando tenta recuar a morte ela se volta sobre si mesma se transformando em um espaço de repetição, uma experiência limite, que tenta ludibriar a morte, mas que só pode existir baseando-se nela.

Nesse sentido, escrita e modernidade em Foucault significam a elisão do sujeito, da consciência, do vivido, do tempo, da memória, pois a medida em que o sujeito escreve para não morrer, ele só apressa mais ainda seu desaparecimento.¹⁷⁶ E é o que acontece com Cascudo, e com todos os sujeitos e lugares que ele tenta imortalizar, todos morrem, são tragados por uma sociedade marcada pela finitude.

¹⁷⁵ Ver DELGADO, Andréa Ferreira. Op. Cit. P163.

¹⁷⁶ Ver FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Op. Cit. P268. Ver também MACHADO, Roberto. Arqueologia, Filosofia e Literatura. In: Retratos de Foucault. Op. Cit. Páginas 1 à 24.

O discurso de Câmara Cascudo é um discurso de um homem cuja subjetividade fora forjado na sociedade patriarcal e católica, que busca a imortalidade de antigas subjetividades, de antigas territorialidades, a imortalidade desse espaço urbano de características provincianas, por isso, ele reclama do predomínio dessa sociabilidade urbana, modernizadora, dessacralizadora, racional, artificial, sobre a rural.

Os meus alunos do sertão agreste não voltaram as terras nativas. Os “formados”, plantaram-se nas cidades. Para eles, o exercício da profissão no interior é uma fase penitencial, suportável pela esperança paradisíaca. O problema da fixação do trabalhador no campo é, para mim, a necessidade de inculcar-se uma consciência rural. Contudo, inadmitem as compensações da serenidade que o progresso está esmagando com cimento, motor e burocracia.¹⁷⁷

Esse desprezo a terra e ao sentimento de família teria nascido, segundo Albuquerque Jr, “do próprio desprezo das novas gerações em relação à vida no campo, seduzidos pela cidade e a delicadeza de suas formas de vida, indício de uma nova sensibilidade, de uma nova subjetividade anti-patriarcal.”¹⁷⁸

A cidade na modernidade passa a ser vista por esses jovens como um lugar em que eles teriam uma relativa liberdade para agir como queriam e para se tomar o que queriam, longe do olhar perscrutador dos pais, dos familiares, dos vizinhos, do padre, pois a cidade moderna os tomava sujeitos anônimos. Para essas pessoas “havia algo de libertador na possibilidade de representar uma multiplicidade de papéis, de produzirem fantasias e disfarces.”¹⁷⁹ O que não significa dizer que esses sujeitos não fossem vigiados, pelo contrário, eles agora estariam sob a vigilância do “poder disciplinar” que passou a realizar um controle detalhado e minucioso dos corpos, gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, buscando não reprimir esses corpos, seu objetivo não era expulsar os sujeitos da vida social, e sim gerir suas vidas, controlá-los em suas ações para que fosse possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades, como diz Foucault, “é o diagrama de um poder que não atua no exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seus comportamentos, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista.”¹⁸⁰

¹⁷⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit. P57.

¹⁷⁸ ALBUQUERQUE, Jr. Durval Muniz de. Nordeste: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino no Brasil. (1920 – 1970) P63.

¹⁷⁹ HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. Op. Cit. p17.

¹⁸⁰ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: O nascimento da prisão. Petrópolis. Vozes. 1987. P139.

O “poder disciplinar”, marca do mundo moderno, poderia até passar despercebido e dar a impressão de que os corpos gozavam de total liberdade nessa sociedade racionalizada, mas isso ocorre porque os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social, o poder não está lá como algo a ser percebido, “mas funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa e que não existe exterior possível, limites ou fronteiras.”¹⁸¹ O poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.

Sob o olhar do poder disciplinar vão se formando novas subjetividades pautadas no discurso científico, racionalizador e dessacralizador, onde a educação que por muito tempo estava nas mãos da Igreja começava a ser questionada. Isso ocorre devido a todas essas transformações no sistema estatal e na sociedade de modo geral. Machado nos diz que, “as mudanças de regime ao nível dos mecanismos gerais e dos efeitos de conjunto na sociedade passam a investir em instituições como a escola”¹⁸², por exemplo, transformando-a numa maquinaria de governamentalização que se coloca, esse momento, a serviço do jogo do Estado, isso se dá, porque o mundo estava mudando e por isso a educação segundo o discurso racionalista, burguês, também deveria mudar, pois o que estava agora em jogo era o utilitário, o que dava lucro, os negócios, aquela educação vivida por Cascudo não servia mais. “A própria decadência de setores tradicionais da economia levou a percepção que à educação no Brasil não se fazia a par com os avanços técnicos e científicos que estavam surgindo”.¹⁸³

Por isso, afirma Foucault:

Foi na modernidade que a escola se organizou enquanto instituição capaz não apenas de gerar novos saberes, novas subjetividades, mas também de funcionar como um lócus de acontecimentos acessível ao controle e a aplicação de novos saberes, principalmente de preparar as pessoas a viverem num estado governamentalizado.¹⁸⁴

Há, portanto, um deslocamento da educação que foi retirada da tutela da Igreja e passou a funcionar monopolizada pelo Estado.

Segundo o discurso positivista, era preciso estabelecer uma educação que sustentasse ou desse suporte ao capitalismo industrial e ao tipo de sociedade que lhe correspondia, ou seja, a sociedade burguesa, por isso, a Igreja que por muito tempo fora responsável pelo ensino dos homens e mulheres dessa sociedade dita patriarcal, a principal instituição segundo

¹⁸¹ MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória Arqueológica de Foucault*. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1981. P190.

¹⁸² Idem, *Ibidem*. P191.

¹⁸³ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino no Brasil*. Op. Cit. P65.

¹⁸⁴ Ver VEIGA-NETO, Alfredo. *Educação e Governamentalidade Neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades*. In: *Retratos de Foucault*. BRANCO, Guilherme Castelo e PORTOCARRERO, Vera. Rio de Janeiro. NAU. 2000. Páginas 85 à 120.

o discurso tradicionalista, formadora de subjetividades pautadas na moral, na fé, no respeito aos valores, à família, as hierarquias sociais vai sendo substituída pelo Estado, à medida em que a industrialização, a urbanização, enfim, o progresso faz com que surjam problemas relacionados com a economia, problemas financeiros, comerciais e técnicos. Como afirma Albuquerque Jr:

Surge a percepção de que a educação proporcionada pela Igreja não preparava os jovens para a nova realidade econômica e técnica que ia se afirmando no país, não preparava subjetividades que convivessem com o mundo utilitário, do particularismo e dos negócios. Isso fez emergir intensas campanhas em torno da reforma do ensino, principalmente por parte dos positivistas, que viam na educação a base para a formação das novas elites dirigentes do país.¹⁸⁵

Há nisso tudo um inter cruzamento entre o indivíduo e a população. Foi na combinação dessas duas superfícies que se instituiu todo um novo conjunto de práticas sociais de modo a dar novas configurações a algumas antigas instituições, como a escola, por exemplo, pois é produtora de subjetividades. Ela é, nesse período, a instituição que mais se destaca nessa e para essas transformações sociais. Isso se dá porque essa instituição, segundo Veiga-Neto:

Trabalha em três níveis, criação, aplicação e difusão de novas tecnologias. A escola é o lócus onde novas tecnologias são tanto inventadas quanto aplicadas, ela é, além disso, a instituição que mais precocemente se encarrega de “capturar” os indivíduos e disseminar tais tecnologias.¹⁸⁶

É na modernidade e através de todos os seus dispositivos de saber e de poder que começa a surgir toda uma profunda e vigorosa discussão por parte do discurso racionalista sobre os assuntos educacionais que abrangia uma tomada de posição diante do que chamavam de “precárias condições do sistema escola então existente”. Isso porque as novas formas de organização social e política exigiam a abertura para um novo desenvolvimento econômico, político e cultural.

O discurso positivista acreditava que laicizando a educação, retirando o ensino da tutela da Igreja, conseguiria solucionar os problemas do Brasil e, portanto, promover essa abertura para o capitalismo industrial. A ideia era buscar uma certa potencialidade que desse lucro e fizesse com que a sociedade capitalista funcionasse em plena capacidade, é por isso que os mecanismos de poder, instituídos pela sociedade burguesa provocam transformações significativas. Transformações que visavam o corpo, que insidiam no próprio sujeito. O corpo

¹⁸⁵ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Op. Cit. P68.

¹⁸⁶ VEIGA-NETO, Alfredo. Op. Cit. P189.

passou a ser colocado na ordem do discurso burguês para ser aproveitado ao máximo, como coloca Foucault em *Vigiar e Punir*, o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar” para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. O Estado moderno através de seus dispositivos disciplinares, apoiado em grande parte por instituições como a escola, passa a formar os indivíduos. Seu discurso incide sobre seus corpos, tomando-os ao mesmo tempo como objetos e instrumentos de seu exercício.¹⁸⁷

Contudo, um dos primeiros questionamentos do discurso positivista contra os mecanismos de poder da sociedade patriarcal e do discurso religioso dizia respeito aos direitos políticos das pessoas. A ideia era, combater a abstenção eleitoral bem como todas as fraudes que corrompiam e viciavam o exercício do voto. Acreditavam que a construção da nação se daria por meio de uma educação baseada na ciência, no pragmatismo e, portanto, na dissolução das hierarquias patriarcais. Afirmavam que era uma luta contra a aristocracia dos que sabiam ler e escrever pois, o analfabetismo no Brasil oferecia, segundo o discurso burguês, condições desoladoras, que a vontade nacional se substitui pela vontade de uma minoria insignificante que fala, vota e determina. Alfabetizar seguindo o modelo positivista significava, para esse discurso, proporcionar a aquisição de direitos políticos, quando era, na verdade, uma luta contra os antigos valores patriarcais e contra a Igreja.¹⁸⁸

Segundo o discurso liberal dessa sociedade moderna e burguesa, o combate aos valores dessa aristocracia e da Igreja só seria possível através de uma educação positivista pois eles só se sustentavam graças à “ignorância popular”, fruto da “falta de patriotismo” e da “ausência de cultura prática ou de formação técnica”. Acreditavam que às dificuldades por que passava o povo seriam resolvidas por uma mudança nos valores, nas sociabilidades, nas subjetividades, seriam eliminadas por via da educação técnica, formadora do caráter e das forças produtivas.

Os empecilhos à formação de uma sociedade aberta encontram-se na grande massa analfabeta e na pouca disseminação da escola secundária superior, privilégios de uma pequena elite aristocrática, e no monopólio da Igreja na sociedade patriarcal, isso impedia o alargamento na composição das elites bem como o necessário processo de sua circulação.¹⁸⁹

¹⁸⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. P153.

¹⁸⁸ NAGLE, Jorge. *A Educação na Primeira República*. In: *O Brasil Republicano: Sociedades e Instituições*. (org) Boris Fausto. Vol. III. Difel: RJ-SP. 1978. P261.

¹⁸⁹ Idem, *Ibidem*. P264.

Era o que a sociedade burguesa buscava, isto é, gerir todo um pessoal em favor de novos modos de produção econômica, novos estilos de vida que fossem capazes de suplantar o anterior.

Com isso, o Estado Moderno começou a questionar os limites do poder da Igreja e, conseqüentemente, do poder patriarcal e seus privilégios, por isso, passou a limitá-lo, dissolvê-lo, pulverizá-lo, através de uma nova “mecânica de poder”¹⁹⁰, com procedimentos específicos, instrumentos totalmente novos e aparelhos bastante diferentes como, um quadro de professores especializados e disciplinas técnicas. A ideia do discurso positivista era provocar uma profunda alteração dos padrões em que se sustentava a chamada escola tradicional baseada em valores católicos, por novos valores baseados agora no discurso racional, novos princípios que fundamentariam a organização do ensino, novos modos de relacionamento entre professor e aluno, novos métodos que se apoiariam mais nos corpos e seus atos do que em valores como fé, moral, família, amizade.

A contratação de professores estrangeiros, por parte do Estado, dá início a essa nova mecânica de poder, pois visava a formação de um quadro técnico especializado em ciência, que ajudasse na formação da subjetividade de uma elite cada vez mais identificada com valores capitalistas e que, por isso, deveria ser instruída sob métodos científicos, para poderem ficar a par das instituições e das conquistas de um mundo moderno. “Acreditavam que os jovens deveriam ser capazes de compreender o meio social em que estavam vivendo, capazes de colaborar eficaz e conscientemente na direção da vida social burguesa”.¹⁹¹

O discurso positivista passou a formar as subjetividades desses jovens e não mais o discurso sacralizador da Igreja. Esta que por muito tempo fora formadora das subjetividades patriarcais começa a perder espaço para o discurso científico. Escolas como a do Padre Guerra, que por muito tempo foi núcleo irradiador da sabedoria sertaneja em toda região do Seridó, onde de longe vinham rapazes em procura do padre que ensinava gratuitamente e ainda hospedava os alunos pobres. Escola como o Externato Sagrado Coração de Jesus das irmãs Guilhermina e Maria Emília, que influenciaram de maneira significativa na formação da subjetividade de muitas gerações, inclusive na de Cascudo, estavam em vias de desaparecer. A modernidade não admitia essa educação que visava a moral, a fé, o amor e a bondade, como dizia o discurso tradicionalista.

¹⁹⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. (org) Roberto Machado. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1979. P187.

¹⁹¹ MICELLI, Sérgio. *Op. Cit.* P84.

Contra esse discurso pedagógico racional, Cascudo sujeito cuja subjetividade foi sendo formada sob a égide do discurso sacralizador da Igreja, protesta, afirmando:

Não compreendo instruções sem educação, e a educação sem moral. As orientações filosóficas que divorciam a ciência de fé, a moral do social, trouxeram a laicidade para a educação, o que vale dizer: tornaram-na ateia. Os efeitos dessa orientação tem sido os mais desastrosos. O caos social em que a maioria dos povos se encontra não é mais do que as consequências da falta de moral religiosa das massas notadamente das classes cultas, das classes alfabetizadas.¹⁹²

A moral é uma obediência à lei de Deus. Educam-se as crianças nesse critério – o temor da justiça divina! É a fonte da noção do Bem e do mal. O Estado foi lentamente substituindo Deus no tocante às ordenações normativas, e o que era pecado passou a ser infração aos códigos.¹⁹³

O surgimento de educadores profissionais formados em escolas especializadas, fez com que professores como as irmãs Guilhermina e Maria Emília, como dona Totonia Cerqueira e Pedro Ivo não se sustentem mais nessa sociedade urbana e industrial, o que provocou a substituição de um modelo educacional humanista baseado em valores católicos aristocráticos por um outro de natureza científica. Cascudo lamentou muito esse processo de desterritorialização pelo qual estavam passando esses antigos mestres patriarcais. Falando desses sujeitos, ele diz:

Desses professores (...) cuidadosos, exigentes, de moral rígida, pautando a vida pela cadencia dos versos do lácio, veio a herança das escolas paroquiais dos vigários coládios (...) professores que dedicavam toda uma existência à educação. As condições econômicas pediam pouco. Os mestres mais abastados teriam apenas um pequeno sítio nos arredores da vila. A aspiração intelectual se limitava a profissão, considerada por todos, superior e distinta. O professor era o “letrado”, o consultor gramatical ditando os documentos que ultrapassariam as fronteiras do município. Ninguém era apontado com maior cultura, nem dotes mais elevados de sabedoria. Os filhos, educados numa escola difícil de trabalho e de procedimentos, eram conhecidos, identificados e queridos como pertencendo a uma dinastia que se fizera ilustre no halo divino da inteligência. A esses esquecidos e desaparecidos mestres, devemos altas e sadias noções de dever, respeito, seriedade e honradez. Eles, na hora da morte, bem poderiam aplicar a si mesmo as palavras de São Paulo:- Combati o bom combate, guardei a fé. E não há epitáfio mais bonito da vida de um professor.¹⁹⁴

¹⁹² CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. Reabertura solene das aulas de religião. Natal. A República. 20 de abril de 1939.

¹⁹³ CASCUDO, Luís da Câmara. Prelúdio e Fuga do Real. Natal, RN. Fundação José Augusto. 1974. P33.

¹⁹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. O Primeiro mestre de latim em Caicó. Natal. A República. 03 de setembro de 1938.

O ensino da Igreja vai sendo substituído pelo ensino científico, aonde o professor vai paulatinamente deixando de ser aquele amigo dos pais, pessoa de casa, como dizia Cascudo, para se tornar um profissional no sentido moderno do termo com cursos e especializações. Seu papel muda totalmente nessa nova sociedade marcada por novos jogos de poder.

O professor possuía autoridade porque exercia profissão independente, sem superiores mandões e perturbadores. Cada um manobrava o seu modo de ensinar, castigar, premiar. Participava da família do aluno. Era “ouvido e cheirado”, consultado e atendido. Botava a benção aos discípulos que o saudavam, reverentes, nos fortuitos encontros. Podiam barbar e casar, o velho mestre merecia obediência e acatamento. O respeito não se esgotava e prescrevia com a maioria do estudante. A autonomia didática impunha a consciência da responsabilidade e da compostura. Um professor não podia dar o mau exemplo, useiro em copo, baralho, nome feio, sereneiro, rabo-de-saia. Desmoralização inconcebível. Naquele tempo o professor ensinava “modos”, maneiras, comportamentos na sociedade.¹⁹⁵

As descobertas da nova “psicopedagogia” inverteram, no ensino, o papel do aluno e do professor. “O professor que falava para o aluno ouvir, que pensava pelo aluno, que aferia toda classe pelo mesmo nível intelectual e a julgava capaz de acompanhá-lo com o mesmo aproveitamento”, aquele que era sinônimo de autoridade, há de ser substituído, segundo o discurso racionalista, burguês, pelo “professor que ouve o que o aluno diz, que considera como unidade psíquica, sob o ponto de vista intelectual, moral, volitivo”¹⁹⁶ ensinando o aluno não mais nos preceitos da religião onde aprendiam a valorizar os costumes e os valores de uma sociedade patriarcal rural e católica, mas dando-lhes agora toda uma base científica.

Há nesse momento, a passagem de uma instrução aristocrática, bacharelesca, que visava apenas a formação mental do aluno para a educação moderna. Nessa educação burguesa havia todo um investimento na formação integral do homem, onde, como já foi dito, o corpo não poderia ser desperdiçado, corpo tornado instrumento de trabalho e da política, o que Foucault vai chamar de biopolítica, ou seja, o surgimento de um conjunto de estratégias políticas agenciadas pelo Estado, pela escola, pelo direito e outras ciências para atuarem sobre a vida, que tinha por objetivo a produção de comportamentos, de subjetividades, de identidades ditas modernas. Processo que, aqui no Brasil se inicia nesse período, ou seja, primeiras décadas do século XX que se intensifica nos anos seguintes.¹⁹⁷

¹⁹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: imaginações e notas de um professor de província*. Op. Cit. P88/89.

¹⁹⁶ NAGLE, Jorge. Op. Cit. P284.

¹⁹⁷ Ver FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis. Vozes. 1987.

Essa nova mecânica de poder, observada na sociedade moderna, também obliterou disciplinas que no Império eram fundamentais como a “História Sagrada” e “Doutrina Cristã”, que são substituídas por disciplinas mais técnicas como História Natural e Higiene, Aritmética Comercial e Escrituração Mercantil.¹⁹⁸ Tirar a educação das mãos da Igreja significava romper com essa hierarquia, significava destituir a Igreja de seu papel de educadora, de construtora de subjetividades. Assim, para dar conta de toda a multiplicidade observada no jogo da sociedade moderna, foi necessário a emergência desses novos saberes, dessas novas disciplinas, cruciais para o bom governo do Estado.

Nessa nova política educacional e com o surgimento desses novos saberes, dessas novas disciplinas, devia ser dada toda a preferência aos processos objetivos e práticos de ensino, “procurando desenvolver o espírito de observação, verificação e de crítica dos fatos, educando a inteligência, não como mero armazenamento de noções, mas ensinando o aluno a aprender por si mesmo, fazê-lo observar, experimentar, executar, pô-lo em contato direto com a realidade”¹⁹⁹ saindo do mundo sacralizado, sobrenatural, para um mundo racionalizado onde o importante estava na observação, experimentação e execução.

Toda essa reforma no ensino destituindo a Igreja dessa função, laicizando a educação, é algo que visa à constituição de subjetividades modernas, racionais, dessacralizadas, mais em dia com o mundo dos negócios. A ideia era substituir o religioso pelo técnico racional na discussão e solução dos problemas. Era o homem destronando Deus da explicação do mundo.

Diante disso, começa a se perceber uma crescente desvalorização do discurso religioso por parte das camadas superiores da sociedade, a elite burguesa. A Igreja, que por muito tempo foi uma presença dominante na vida intelectual do país, começa a sofrer transformações que se encaminhavam para o que parecia ser uma espécie de nivelamento social.

Com a proclamação da República, realizou-se a separação entre a Igreja e o Estado onde o decreto de janeiro de 1890, foi considerado uma afronta a maioria católica da população, pois introduziu a liberdade religiosa e privou a Igreja Católica dos privilégios que havia gozado até então como religião oficial do Estado, tendo que se adequar a seu nivelamento com outras instituições e práticas religiosas como: o protestantismo, o espiritismo e as religiões africanas, como nos diz Moura:

¹⁹⁸ NAGLE, Jorge. Op. Cit. P269.

¹⁹⁹ Idem, Ibidem. P284.

Ele (o decreto) dava lugar a um estado não confessional, em que o nome de Deus era riscado dos atos públicos, o catolicismo nivelado às seitas protestantes minoritárias no mesmo regime de liberdade religiosa, os símbolos religiosos afastados de todos os edifícios públicos (..) tudo isso figurava um regime liberal que tinha sido claramente condenado pelo magistério oficial da Igreja.²⁰⁰

Esta não consegue se encaixar na nova ordem de coisas que se está implantando no país, na visão de Moura, “a Igreja Católica no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, não parece preparada para enfrentar com êxito as transformações sociais, políticas e econômicas que se anunciavam.”²⁰¹

O saber moderno se instaura, portanto, nas lutas, nas estratégias, nas táticas contra o poder do discurso religioso do catolicismo. A verdade na modernidade passa a ser a verdade dos discursos científicos, e emerge exatamente em meio a esse embate de forças. São relações de poder que provocaram algumas mudanças, mudanças que abalaram profundamente o prestígio da Igreja, com o reconhecimento e a obrigatoriedade do casamento civil, laicização do ensino público, secularização dos cemitérios.

Eram pontos considerados ofensivos, por parte dos católicos aos direitos da Igreja, o que fez com que rejeitassem esse novo estado de coisas, e que tomassem em seu favor as mais nítidas posições como: condenação do liberalismo e do estado não-confessional, revalorização da tradição religiosa católica e da piedade popular.²⁰²

Essas relações de poder provocaram mudanças no próprio clero, na medida em que uma parte do clero se romaniza e se liberaliza, tende também a se urbanizar e elitizar. O clero do interior ou das cidades mais provincianas não deixa de estar presente junto ao povo, mas entre o homem do povo e o padre, a distância se acentuava do ponto de vista cultural desde o momento em que a formação intelectual do segundo se faz de acordo com padrões romanizantes e que a sua posição política se identifica com as do grupo que detém o poder.²⁰³ Padres como o “Padre João Maria” tanto lembrado nas memórias de Cascudo e que marcou sua vida e sua religiosidade. Padres que iam as casas das pessoas, que eram considerados como um ente querido da família, estavam se acabando, e os outros que iam surgindo possuíam uma subjetividade mais em dia com o mundo moderno.

Era, portanto, o fim dessa Igreja patriarcal, estava ficando para trás um tempo onde até a figura dos padres era outra, como afirma Albuquerque Jr:

²⁰⁰ Op.CitP284

²⁰¹ MOURA, Sérgio Lobo de. E ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República. In: O Brasil Republicano: Sociedades e Instituições. (org.) Boris Fausto. Vol. III. RJ – SP. DIFEL. 1978. P325/326 e 329.

²⁰² Idem, Ibidem. P238.

²⁰³ Idem, Ibidem. P329.

Estava ficando para trás mais um símbolo daquela sociedade de machos, os padres gordos, bonacheirões, rodeados de sobrinhas, com um grande número de filhos, chefes de clã, líderes políticos, pessoas da família, capazes de, rapidamente, trocar a cruz pelo clavinote na defesa de sua parentela e de seus interesses”.²⁰⁴

Padres, como o Padre Amaro, sempre lembrado por Cascudo em suas narrativas pela sua valentia e coragem.

Padre Amaro, capelão, mereceu as Ordens Imperiais de Cristo, da Rosa o mérito militar, valente, arrebatado, impetuoso, excelente cavaleiro. Terminava uma missa no Paraguai quando o acompanhamento foi inopinadamente atacado, com a cruz processional de prata maciça e pesada, espatifou a cabeça de dois inimigos, usando-a como tacape ou clava. Uma vez no Caicó, numa fazenda amiga, alguém elogiava a indocilidade de um cavalo, sem pensar no Padre Amaro, referindo-se ao sexo feminino, o fazendeiro concluiu: esse cavalo não é para saia montar! Imediatamente o sacerdote pulou em cima da sela e dominou o animal, apesar dos saltos e corcoveios. Apeiando-se entre palmas, declarou: eu uso saia do lado de fora!²⁰⁵

As famílias faziam questão de ter o seu padre, modelo de virtude e de saber como o padre João Maria, da família de Cascudo. O padre representava o doutor nato da sociedade de então, e por isso todos ambicionavam ter um parente que sabia a ciência da salvação e também a ciência da vida. O padre era considerado duplamente como sacerdote e doutor. Era o Cristo vivo da família, “tudo isso estava bem dentro da formação e da tradição da sociedade brasileira de regime patriarcal na qual o bacharel e o padre eram figuras essenciais.”²⁰⁶ “Tudo isso era a formação do próprio povo”, diz Gilberto Freyre, “ser difícil na verdade, separar a brasileiro do católico”. O catolicismo teria sido o cimento que deu unidade a essa sociedade.²⁰⁷ É mais um elemento da subjetividade destes homens que se vê desterritorializado nesse momento de grandes turbulências onde uma nova governamentalidade estatal se instaura.

A Igreja de atriz principal passa a função de coadjuvante do Estado na ordenação da sociedade. O Estado utiliza a instituição religiosa, infiltra nela seus critérios, domina-a com sua proteção, destina-a a seus objetivos. Como diz Moura:

A Igreja na Primeira República aparece como numa Instituição ao mesmo tempo estanha e necessária. Estranha porque ela se encaixa com dificuldades

²⁰⁴ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino no Brasil*. Op. Cit. P43.

²⁰⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: imaginações e notas de um professor de província*. Op. Cit. P111/112.

²⁰⁶ PEREIRA, Nilo. *Conflitos entre a Igreja e o Estado no Brasil*. Recife. Editora Massangana. 1982. P121.

²⁰⁷ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Imprensa Oficial. Recife. 1966. P32.

na nova ordem de coisas que se está implantando no país, necessária porque é um valioso instrumento na manutenção da ordem, que sacraliza e abençoa aos olhos do povo.²⁰⁸

Este era o sintoma de toda uma ordem se desfazendo.

Foucault nos diz que cada sociedade tem seu “regime de verdade”, sua “política geral de verdade”, isto é:

Os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instancias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, as maneiras como se sancionam uns e outros, as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade, o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.²⁰⁹

Na sociedade moderna percebemos claramente a instauração de um novo regime de verdade. Enquanto na sociedade patriarcal o regime de verdade que a sustentava centrava-se na figura do patriarca com seu poder de mando, e na Igreja, com seu discurso sacralizador, na modernidade surge um novo regime de verdade “centrado” no discurso científico sob a tutela do Estado e em todos os dispositivos e instituições que lhe dão suporte, como escola, prisão, hospitais, o discurso médico, o discurso jurídico, o discurso pedagógico. O que provoca a dessacralização de todo um estilo de vida, de toda uma sociedade, marcada por valores morais e por hierarquias bem definidas.

Diante disso, dessa destituição da Igreja enquanto formadora de discursos de verdade, ela, encontrava dificuldades para acolher as mudanças provocadas pela instauração de uma sociedade burguesa capitalista, pois:

Discurso do liberalismo afastou-a de suas posições chaves tradicionais como assistência aos doentes, aos pobres e o ensino, que se encaminhavam cada vez mais para a autonomia leiga e difundia a ideia de que, no conflito que opunha a ciência à fé, a ciência, isto é, o progresso, seria inevitavelmente o vencedor.²¹⁰

Essa inversão nos mecanismos de poder que regiam a sociedade patriarcal, e que tinham como matriz operacional o modelo de soberania, assentados na figura de Deus, dos pais, dos padres, dos professores, na sociedade moderna encontram-se inoperantes diante da necessidade de se governar o corpo político e econômico de um mundo que se industrializava. O dispositivo disciplinar do Estado apoiado em grande parte pela escola irá deter o controle sobre o corpo individual e os dispositivos de regularização social apoiados pelos discursos

²⁰⁸ MOURA e ALMEIDA. Op. Cit. P332.

²⁰⁹ FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Op. Cit. P12.

²¹⁰ MOURA e ALMEIDA. Op. Cit. P333.

médicos, jurídicos, urbanistas, higienistas, irá deter o controle sobre a população, onde o discurso religioso é posto de lado.²¹¹

Com esse golpe a Igreja perde significativamente o seu prestígio diante de uma parte da sociedade. A burguesia emergente, ou parte dela, não vê mais o discurso religioso como algo que dá conta da verdade do mundo, ela se volta, nesse momento, para a ciência que teria capacidade de prova e que por isso daria conta da verdade, encontrando assim no Liberalismo e no Positivismo os substitutos para a visão de mundo proposta pelo catolicismo, como nos diz Moura: a elite burguesa brasileira encontraria nessas ciências uma síntese filosófica que justificava a sua atitude política e social. Diante disso Igreja não é mais vista como uma fonte possível de legitimação do poder do Estado, mas, como uma força política contrária aos interesses do Estado e da sociedade.²¹²

O acontecimento de maior grandeza dos últimos tempos, O fato de que Deus estar morto, ou seja, o fato de que a fé no Deus cristão despojou-se de sua plausibilidade, já lança suas primeiras sombras na Europa. Um número ínfimo de pessoas tem a vista suficientemente apurada para perceber semelhante espetáculo (...) agora está minada a fé que era a base, o apoio, o solo alimentador de tantas coisas.²¹³

A emergência dessa sociedade marcada pela “morte de Deus”, coma proclamou Nietzsche, e pelo surgimento do cientificismo como razão explicadora das coisas, traz consigo a dessacralização das subjetividades, das identidades, mostrando que elas são situacionais e mutáveis, o que provoca angústia, e até mesmo desespero nesse nosso tradicionalista. Luís da Câmara Cascudo descobre um mundo num perpetuo vir a ser, sem verdades fixas às quais ele possa se agarrar, sem pontos de apoio, pois percebe qu, “já não estava em casa, seguro, sob o manto divino que o protegia, o mundo moderno é o da morte de Deus.”²¹⁴ Diante do descrédito religioso, da morte de Deus, Nietzsche declara:

O mundo voltou a tornar-se infinito, no sentido em que não lhe podemos recusar a possibilidade de se prestar a uma infinidade de interpretações. Voltamos a ser dominados por grande calafrio; mas quem terá vontade de divinizar logo a seguir, novamente à antiga moda, esse monstro do mundo desconhecido? De começar a adorar o desconhecido como o “ser desconhecido”? Oh, temos muitas possibilidades de interpretar esse

²¹¹ Ver FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Op. Cit.

²¹² MOURA e ALMEIDA. Op. Cit. P283.

²¹³ NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. Editora Martin Claret. São Paulo. 2004. P181.

²¹⁴ MELICH, Joan-Carles. A palavra múltipla: por uma educação (po) ética. In: Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Jorge Larrosa (org). Belo Horizonte: Autêntica. 2001. P272.

desconhecido sem a necessidade de que sejam divinas interpretações, temos muita traquinice, estupidez ou loucura de interpretação, sem contar com a nossa própria, a nossa maneira humana de o fazer, por demais humana, como sabemos.²¹⁵

Contudo, Deus e as divinas interpretações, ainda se faz necessário para pessoas cujas subjetividades foram formadas na sociedade patriarcal como os iletrados que não tiveram acesso à educação institucionalizada e que, portanto, não estão a par das transformações trazidas pela ciência, e que ainda transmitem os seus conhecimentos através da oralidade e uma parte da elite e intelectuais que mesmo tendo acesso à educação e as transformações científicas, são filhos de uma sociedade tradicional e conservadora, a sociedade patriarcal, que cresceram sob a égide do discurso religioso, discurso esse que influenciou de maneira decisiva na produção das subjetividades desses homens e mulheres que estavam presenciando a sua sociedade sendo dessacralizada pelos discursos científicos, vendo seus valores sendo solapados pela modernidade. Essas pessoas ainda consideram o discurso religioso como merecedor de credibilidade, e um desses sujeitos é Luís da Câmara Cascudo. Ele mesmo coloca:

Cristo resolve tudo. Nós o matamos porque nos afastamos d'Ele. A ausência de Cristo é a deificação do Homem "sapiens", quando apenas é "loquens". E precipitamo-nos uns sobre os outros, interesse sobre interesse, com todas as armas da violência, do medo e da mentira. Devemos, sobretudo, buscá-lo.²¹⁶

Cascudo se expressa no desejo de querer, a todo custo, alguma coisa segura, é ainda um desejo de apoio e de suporte, pois a modernidade surge aos seus olhos e de muitos, aqueles cujas subjetividades foram formadas sob a égide do discurso religioso como um mundo na qual se perderam as "seguranças protetoras", onde já não ficava mais nada no lugar, onde tudo é instável, onde não havia nenhum fundamento no qual se agarrar. E qual a solução? Para esses sujeitos seria o retorno do homem a Deus, só esse Ser supremo conseguiria tirá-lo desse caos em que estava emerso. Onde está Deus? É a pergunta que Cascudo faz para todos que vivem nessa sociedade, considerada por ele, turbulenta e afirma:

O homem deve retomar seu sagrado título de próximo dado pelo Filho de Deus que mandou amá-los como a nós mesmos. Esse mandamento, sozinho, isolado, solitário, em sua grandeza, em sua compreensão n'alma política dos homens, resolveria todos os problemas da terra, queimada pela guerra bruta

²¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. Op. Cit. P222.

²¹⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. A Procura de Cristo. Natal. A República. Outubro de 1934. P12.

Felizes os que procuram e encontram a Jesus Cristo, não com os olhos enevoados pelas sombras da morte, mas em plena maturidade gloriosa, olhos ainda húmidos e límpidos, na claridade do meio-dia vital.²¹⁷

Cascudo parece se portar como o insensato, de Nietzsche,

Aquele louco que acendeu uma lanterna em plena luz do dia e desatou a correr pela praça pública gritando incessantemente. Procuo Deus! Procuo Deus! Procuo Deus! Mas como havia ali muitos daqueles que não acreditavam em Deus, o seu grito provocou grandes gargalhadas. Perdeu-se, como uma criança? Dizia um. Estará escondido? Dizia outro. Terá medo de nós? Terá embarcado? Terá emigrado?... Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com seu olhar. Para onde foi Deus? Exclamou... vou lhes dizer! Nós o matamos, você e eu! Somos nós o seu assassino (...) O insensato calou-se depois de ter pronunciado essas palavras e voltou a olhar para seus auditores: também eles se calaram, e o fitavam com espanto. Finalmente atirou a lanterna no chão, de tal modo que se partiu e se apagou.²¹⁸

Mas Cascudo, diferente do insensato, não desiste, a sua esperança de uma ressacralização social continua, pois, tenta de toda forma, encontrar Deus, encontrar o sagrado nesse mundo dessacralizado, seja com memórias, seja com escrita, ou até mesmo militando em um movimento político cujo principal objetivo era a ressacralização da sociedade.

Essa falta de estabilidade vivenciada por esse sujeito em um mundo, ou melhor, em uma sociedade sem “segurança ontológica”, fez com que Cascudo olhasse para trás com nostalgia, procurando reviver com memórias e escrita, aquela vida de seu povo, de sua infância, aquele mundo onde Deus dizia as coisas cabendo aos humanos apenas interpretá-las. Nesse sentido, é que Cascudo passa toda a sua fase adulta indignado por sua condição social de um simples funcionário público, e elogiando quem não o era, quem conseguiu viver até a morte como um patriarca. Ele relembra o tempo toda a vida de velhos duros, retos, “brabos”, aristocráticos, generosos, cristãos, tal qual seu avô, seu pai e amigos de seu pai que conheceu na infância como Felipe Ferreira da Silva, proprietário do engenho mangabeira.

Com ele desapareceu um verdadeiro dinasta, o homem povoador, glorioso na perpetuação da raça, incontável, enorme, prolífero, cristão. A todos se estendia o amor do patriarca, sentindo as cólicas de um bisneto e as batalhas financeiras de um filho. Imensa oiticica, dava agasalho e fruto, sombra e carinho aos homens de todas as caravanas. Por isso seu nome ficou no sangue de cem famílias e no coração daqueles que viram e privaram com um dos últimos varões de Plutarco.²¹⁹

²¹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. A Procura de Cristo. Op. Cit. P12.

²¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. Op. Cit. P115.

²¹⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. Felipe Ferreira de Mangabeira. Natal. A República. 07 de julho de 1934.

Homens como o Barão do Ceará-Mirim.

Grande trabalhador, enamorado dos canaviais, educou os filhos com o lindo vício desse amor em linha vertical. Todos possuíram e trabalharam o vale. Nenhum fugiu ao passado. Nenhum emigrou. Nenhum chegou a ser funcionário público. Os dois filhos, José Félix e Xandu, ricos, inteligentes, influentíssimos, sempre se dispensaram de deputações e chefias de grupos. Foram na acepção senhorial do vocábulo, senhores de engenho.²²⁰

As figuras mais nobres da lavoura antiga extinguíam-se todas. Eram modelos de subjetividade que estavam ficando para trás, sendo substituídos por novos modelos de conduta, hábitos, costumes, pois seus descendentes não conseguiam mais atualizar esse modelo de subjetividade. As terras passam a pertencer à homens que não as amavam como os velhos senhores. É o momento do declínio social de muitas famílias, inclusive a sua, onde perde título de “O Príncipe do Tirol” para se tornar um simples funcionário público, encontrando aí a única saída, aproveitando-se de seu capital simbólico, para conseguir se manter pelo menos nos setores médios da sociedade. Mas esse não é um lugar muito aceito por ele, por isso, reclama muito de sua vida e de sua atividade que não é bem remunerada.

Numa improvisada e breve refeição jagunça, João Neves, Couto e Eu, conversamos sobre o problema da vocação e a imposição econômica de ganhar o pão com o abandono, parcial ou total, da imposição verdadeira, de impossível rendimento para a subsistência pessoal (...) João Neves queria fazer História Social, Ribeiro Couto poesia e romance. Eu, cultura popular brasileira em suas origens formadoras. E éramos profissionais noutras atividades. Depois eles partiram para funções deslumbrantes, e eu segui minha vida de professor, até 1996, na alegria provinciana, triste e feliz.²²¹

Mas, apesar de tudo, os amigos o elogiavam e ele se auto elogiava de não ter sido, jamais, concorrente de ninguém, de nunca ter pleiteado as coisas ambicionadas por eles, funções políticas ou administrativas, de ter se imposto por um trabalho de meio século inteiramente a margem da vida pública. Norte-rio-grandense para obter o pouco que lhe deram, como deram a tantos, quando na verdade ele só conseguiu se sustentar nessa sociedade graças ao seu capital simbólico de relações sociais. Como diz Gildson de Oliveira:

Foi Consultor-Geral do Estado, nomeado prelo ex-governador Dinarte de Medeiros Mariz, que disse a ele em um testemunho de seu elevado espírito público e humano: você está nomeado consultor, mas não precisa ir lá. Dentro de três meses eu lhe aposento. Nomeou e aposentou, para que

²²⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. O Barão do Ceará-Mirim. A República. 23 de novembro de 1939.

²²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. O Tempo e Eu. Op. Cit. P218.

Cascudo não parasse as suas pesquisas e tivesse uma velhice menos sobressaltada.²²²

O Estado surgiu para esse sujeito, e para os demais intelectuais tradicionais do Nordeste, com o declínio político e econômico de suas famílias, como uma garantia de conseguirem, senão barrar o processo de mudança em curso, pelo menos diminuir suas consequências ruinosas.²²³

Vivendo como funcionário público, Cascudo reclama da falta de atenção, nessa sociedade burguesa, dada ao erudito, pois esse também é o período em que emerge a figura do intelectual em detrimento a do erudito, como nos diz Albuquerque Jr:

Entre fins do século XIX e meados do século XX um outro lugar de sujeito, um outro modelo de identidade começa a surgir no Ocidente para nomear aquele que se dedica ao trabalho de produção de sentidos, de produção de símbolos, as atividades do pensamento e das artes, esta figura é a do intelectual²²⁴.

O erudito, era um sujeito que transitava por diferentes áreas do conhecimento, e que de certa forma tinha uma grande responsabilidade diante da sociedade, pois influía diretamente sobre o povo. Era um sujeito preocupado com problemas universais, habituado a trabalhar no “exemplar”, no “verdadeiro e justo para todos”, daí a ligação com a Igreja, e também a necessidade de ler uma grande quantidade de livros, para poder circular por diversos campos do saber, como Cascudo que se dizia professor, jornalista, escritor, musicista, etnógrafo, folclorista, antropólogo, historiador e romancista. Esses sujeitos vão sendo substituídos pelo intelectual, que tem como principal característica a especialização em uma determinada área de campo do saber e com obrigações de resolverem problemas também específicos. Essa substituição, da figura do erudito pela do intelectual, se deu devido a emergência de problemas técnicos-científicos na ordem política e econômica com a instalação da sociedade burguesa e do capitalismo industrial.

Essa dessacralização social provocada pelo mundo moderno fez com que o erudito passasse por uma desterritorialização subjetiva. A respeito disso, Franco coloca: “... no Império havia ordem intelectual, pois, os políticos eram juristas e escritores, homens tementes a Deus; com a República os intelectuais passaram a ser desprestigiados e substituídos pelos supostos técnicos e por representantes de outras tendências que não são intelectuais”. Para ele, a civilização só podia ser orientada e determinada pela ação do espírito. “Nada de céticos, mas

²²² OLIVEIRA, Gildson. Câmara Cascudo, Um Homem chamado Brasil. Op. Cit. P45.

²²³ Ver MICELLI, Sérgio. Intelectuais e Classe Dirigente no País. (1920-1945). DIFEL: São Paulo – Rio de Janeiro. 1979.

²²⁴ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento do Ocidente contemporâneo. Barcelona. 2002 (Mimeo).

também nada de técnicos no poder, o poder aos intelectuais que tenham fé, pois eles são homens de visão sintética e panorâmica, com o hábito de ideias gerais”.²²⁵

Esse desprestígio pelo qual estavam passando os eruditos, essa tendência, na modernidade, para a técnica e não para a cultura, segundo Cascudo, provoca uma desordem moral e espiritual e faz com que o homem fique preocupado apenas com o dinheiro, com o progresso e deixe de lado os valores do espírito.

O pesquisador (leia-se erudito) é visto pela maioria como um idiota que prefere ter um livro sujo de letras de que um livrinho limpo de cheques. O homem prático está convencido de que ele sozinho constrói a nação, de que sem eles éramos um casebre, reinando a fome, onde o proprietário não ouviria o choro dos filhos famintos porque vivia olhando as estrelas e contando as penas das asas dos beija-flores.²²⁶

Diante disso, Cascudo fala da dificuldade nas primeiras décadas do século XX de se fundar uma associação que reúna os eruditos.

As respostas timbram modestamente pela recusa. Quase toda gente tem um pavor a ser um estudioso. O título de literato chega a ser pejorativo, uma verdadeira delícia é ver o riso superior e desdenhoso com que se ouve falar da necessidade duma cooperação erudita nestas terras amáveis do Rio Grande do Norte. Com vinte anos, apenas, de avanço econômico o Rio Grande do Norte retrogradou uns dez intellectualmente. Nós do Rio Grande do Norte estamos com a glória sinistra de constituirmos uma exceção em todo o Brasil. Somos jornalistas, poetas, artistas, músicos, bacharéis, médicos, cronistas, que tem a mais estranha e insólita de todas as atitudes humanas: - o horror ao pensamento, a ação intellectual, aos labores imateriais do espírito, ao estudo desinteressado, subjetivo, na dignidade do homem (...) aqui fica alto e forte, o meu brado de angustia e de vergonha por não ter minha terra nenhuma sociedade que represente o esforço mental dos meus patrícios em todo o esplendor de sua criação. Appêlo, na velha e eterna fórmula divina, para os homens de boa vontade, elles ainda constituem a garantia e a perpetuidade dos valores da intelligência, pairando sobre tudo e sobre todos no mundo.²²⁷

Câmara Cascudo é um erudito, portanto, é um homem dentre os vários homens que se veem desterritorializados, não apenas em crise econômica e declínio político, mas sobretudo em crise existencial e que, portanto, se agarra às tradições que descreve com patriarcais até porque foram as tradições de uma sociedade onde sua subjetividade foi possível, sociedade de

²²⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippe de. (org) Elite Intelectual e Debate Política nos anos 30. Editora da FGV: Rio de Janeiro. 1980. P177.

²²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. Paulo Barreto Maranhão. A República. 17 de julho de 1934. P06.

²²⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Necessidade de uma cooperação intelectual. Natal. A República. 11 de novembro de 1934. P3.

seus pais, de seus avós. Por isso ele lamenta o fim dessa sociedade de modos aristocráticos onde as distâncias e as hierarquias sociais eram bem nítidas, onde havia a distinção, a pompa e as boas maneiras.

Ainda em 1925, algumas mocinhas do Sertão e agreste iam passas uns tempos com as famílias-de-tratamento, aprendendo as Maneiras. Saber entrar, estar e sair. Constituía o comportamento, as exigências elementares da Cortesia, bases fundamentais da polidez social. As maneiras defendiam o trato, o jeito, os costumes. Maneiras sinônimo de Modos. Moças e rapazes não podiam adivinhar as regras da cortesia, senão praticando-a na revelação do Trato familiar, esses primeiros princípios já não se incluem mais entre nossa sociedade.²²⁸

Para Cascudo o cinema seria um dos grandes responsáveis por nossas mudanças radicais nos costumes, difundindo principalmente entre as mulheres e as crianças toda uma cultura norte-americana, obliterando, assim, valores sociais e morais.

As crianças mal-educadas, essas sim em dez minutos provam quatro séculos de vitória sobre o indígena, o rio, a mata, a solidão e o deserto. Ruidosas, palpitantes, sacodem as frases como pedradas, parecendo viver em minutos, anos de vibratibilidade nervosa. Mal-educadas no sentido comum, a mal educação real, o desrespeito, a obscenidade, a grosseria, a estupidez, a sujeita moral. Que elemento educador dirige essas crianças que se portam mal? Nos cinemas aprendem a ciência do murro, do empurrão, a valentia do bandido, o beijo sem fim do herói que salva a mocinha, sempre órfã de mãe, os livros infantis que eles amam, traduções de folhetos norte-americanos, reflete orientação idêntica, monotonamente apontando que o murro é a solução e tem direito quem dispara primeiro o revolver.²²⁹

Podemos perceber claramente novas subjetividades que vão se formando sob o signo do particularismo, muito diferente dos valores em que a subjetividade de Cascudo foi formada, aqui não há moral patriarcalista, a ideia difundida pelo catolicismo de saber perdoar o próximo, e a mãe/mulher está ausente, ela que na sociedade patriarcal unia a família e ensinava aos filhos boas maneiras, decência e ordem. É por isso, que para esse sujeito de discurso as crianças deviam ouvir eram as histórias contadas pelas mães pretas, as “Sherazades analfabetas”, deviam crescer em contato com a poesia popular e com o folclore, evitando o cinema e se dedicando às brincadeiras infantis e ao catecismo.

De alguns anos para hoje os EUA constituíram o mercado produtor, saturando as imaginações infantis com aventuras mirabolantes, domínios de força mecânica, nomes arrevesados (...) desenhos, temas, mentalidades, fins, tudo era pouco brasileiro e antinacional, determinando uma mística para

²²⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: Imaginações e notas de um professor de província*. Op. Cit. P53.

²²⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Crianças mal-educadas*. Natal. A República. 25 de setembro de 1935. P08.

elementos sugestivos, inteiramente alheios aos nossos. Até os álbuns de desenho para colorir são vendidos com modelos alienígenas. Parece que o Brasil não tem abundância material de temas que merecessem constituir assuntos para o lápis e os olhos das crianças brasileiras.²³⁰

Enquanto folclorista Cascudo lamentava mais ainda a crescente desvalorização das manifestações populares da cultura como o bumba-meu-boi, o mamulengo, o fandango, o pastoril e Lapinhas, o São João, a Chegança, que foram sendo urbanizados e deformados, perdendo assim toda autenticidade.

Desaparecem dos nossos hábitos o cotejo tradicional dos reis. Nunca mais Natal ouviu a doce cantilena recordadora do velho bom tempo... No Rio de Janeiro os reis tinham fama. Melo Moraes Filho, o grande tradicionalista observava apresentações seculares, mantidas realmente noutros países e que nós, ao invés de prestigiar e defender, fazendo uma campanha de ridículo, matando muitas das características do Folk-Lore nacional.²³¹

Essas mudanças representavam a opção da elite burguesa por uma nova forma de viver que consagrava outros valores que, segundo Menezes... “foram importados como mercadorias na lógica do moderno capitalismo ocidental”²³². Dessacralizando a velha ordem patriarcal e consagrando uma nova ordem burguesa no cotidiano das cidades, com a pretensão de torná-las civilizadas, e civilização para essa elite não combinava com tradição, com folclore, com festas populares.

Essa ruptura com a tradição, levado a cabo pelo Estado moderno, fez com que Cascudo e outros sujeitos criassem uma rede discursiva cujo objetivo era tecer velhas práticas que deveriam ser mantidas na região. Esses outros sujeitos são os intelectuais representantes do Movimento Tradicionalista, que partilhavam entre si essa desconfiança em relação as mudanças, essa tentativa de construir uma identidade regional, de resgatar valores tidos por eles como sagrados, como a moral, a fé na religião católica, o amor à família, a valorização das amizades, eram valores que faziam parte de suas subjetividades, valores formados na sociedade dita patriarcal.

Câmara Cascudo tenta, com seu discurso de folclorista e etnógrafo, eternizar práticas culturais, valores morais, discursos sacralizantes que, segundo ele, estavam morrendo porque perdiam espaço para uma nova ordem social, a ordem burguesa.

²³⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. Euclydes e Grandes figuras do Brasil. A República. 20 de setembro de 1940. P08.

²³¹ CASCUDO, Luís da Câmara. Tirar os reis. A República. Natal. 06 de fevereiro de 1935. P06.

²³² MENEZES, Lená Medeiros de. Op. Cit. P119.

Caracterizada pela forma republicana de organização, por tendências que considerava igualitaristas de relações entre classes, etnias e gênero, pelo declínio de valores rurais e católicos e pela emergência de valores pautados no discurso racional, por formas de sociabilidades e sensibilidades mais em dia com o mundo moderno, urbano, cosmopolita, cujas subjetividades foram se tornando individualistas, particularistas e utilitaristas.²³³

O aburguesamento da sociedade marca a trajetória de um deslocamento de poder com a adoção por parte do Estado de políticas voltada para a desintegração da velha ordem escravista e a consagração de uma nova forma de pensar e de se comportar. A sociedade burguesa estava muito mais preocupada em se “civilizar”, no dizer de Gilberto Freyre, muito mais interessada numa “reeuropeização” do que em bumba-meu-boi, em pastoril, em São João, em Chegança.

Cascudo vivencia e lamenta todas essas mudanças, lamenta mais ainda essa falta de atenção dada ao folclore, a cultura, por isso, na tentativa de reagir a essas mudanças, falando das manifestações culturais do Nordeste, através de seu discurso de saber/poder que Cascudo inventa tradições, pois só assim “garantia a perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados”, ameaçados por esse viver à francesa:

O trabalho de inventar a tradição assumiu grande importância no final do século XIX e início do século XX, exatamente porque essa foi uma época em que as transformações políticas, sociais e econômicas implicavam uma perda da identidade com o lugar e rupturas radicais com todo sentido da continuidade histórica.²³⁴

Diante disso, diante dessa fragmentação social e com medo de perder sua suposta identidade regional e pessoal é que Câmara Cascudo passou a construir uma visibilidade e uma dizibilidade para seu povo e sua cultura através do que chamou de cultura popular e que nomeou de nordestina. Estudo esse que se deu através da captação, da coleta de materiais referentes à sociedade rural, patriarcal e pré-capitalista do Nordeste. Ele constrói, assim, um Nordeste através da rememoração da infância, da sua infância de menino doente, de menino rico, de menino solitário. Infância vivida no senão e também no principado do Tirol em Natal, numa sociedade onde predominavam formas de relações sociais agora ameaçadas. Para esse estudioso o folclore “serviria para revelar a existência da região, seria o repositório de mm

²³³ Sobre essas mudanças, ver: *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino no Brasil (1920-1970)*. Onde Durval Muniz de Albuquerque Júnior explica que a modernidade foi vista como tendo trazido um maior nivelamento social ao Nordeste e onde todas essas mudanças passaram a ser tratadas como alarmadas pelas elites locais (ver, por exemplo, a obra de Gilberto Freyre, *Ordem e Progresso*) por representar o fim de um mundo patriarcalista.

²³⁴ HAVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Op. Cit. P247.

inconsciente regional recalcado, seria a expressão da mentalidade popular, e esta por sua vez da mentalidade regional.”²³⁵

Diante dessa “negação do passado” como diziam os tradicionalistas, por parte daqueles que tinham os olhos voltados para a Europa e que glorificavam sua forma de viver, Cascudo coloca:

Nós do Nordeste possuímos o bumba-meu-boi, incorporando temas deliciosos de melodias cheias de encanto inesquecível: mas, possuindo desprezamos como recreação imbecil e torpe esse bailado popular envergonhamo-nos de ter aplaudido e assistido um bumba-meu-boi. Meu Deus, elogiar o bumba-meu-boi? Heresia nacional. O bumba meu boi é um repositório musical inesgotável e um dos mais altos índices de ironia, imaginação e graça do homem brasileiro...²³⁶

À medida que o progresso e a urbanização passam a reordenar os espaços, redesenhando as cidades segundo padrões europeus, essas manifestações culturais passaram também e se tomarem indesejadas no espaço público, pois representavam para a mentalidade burguesa o próprio signo do atraso, reminiscência ou marcas de um período recente da história que eles queriam apagar, qual seja, a escravidão e a monarquia. Os costumes e festas tradicionais passaram a serem combatidas em prol do progresso e muitas vezes responsabilizadas pelo atraso e pelo imobilismo. Nos diz Menezes que:

O delírio por Paris marcou essa época, comportar-se a parisiense era símbolo de requinte (...) dos costumes as construções, dos lazeres ao vestuário, o chique era voltar as costas ao passado, ao peso das influencias portuguesas e africana, para suspirar pela Cidade-Luz e pela construção de uma nova Paris nos Trópicos.²³⁷

Contudo, Cascudo inconformado com essa dessacralização social, que estava provocando essas mudanças nos valores, nas sociabilidades e nas subjetividades não se cansava em afirmar que as verdadeiras raízes nacionais estavam em manifestações culturais como o fandango, o bumba-meu-boi, a lapinha, enfim...

No riquíssimo folclore brasileiro é que se há de melhor estudar a história da nossa terra, o início do nosso berço étnico, toda a evolução da nossa raça, todo o ciclo da nossa música, da nossa poesia, do nosso lendário, do nosso ritual, buscando as influencias que nos vieram de além-mar, revivendo a trajetória dos que emigraram para esta parte do mundo, trazendo consigo o eco festivo das suas violas, o gemido triste dos seus violões, o lirismo

²³⁵ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo. Cortez, Recife, Massangana, 1999. P77-78.

²³⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. Bumba Meu Boi. Natal. A República. 17 de setembro de 1915. P03.

²³⁷ MENEZES, Lená Medeiros de. Os Indesejáveis. Rio de Janeiro. EDUERJ, 1997. P31.

brejeiro e malicioso dos seus lundus, das suas toadas, dos seus sambas... é no folclore que haveremos de encontrar as verdadeiras raízes nacionais.²³⁸

Sob este novo cenário, que é o mundo moderno, a produção discursiva de Luís da Câmara Cascudo, expôs a persistência na sacralização de um espaço em processo de dissolução, como ele mesmo afirmou: “O Nordeste dentro de vinte anos terá perdido 90% de suas tradições populares, terá perdido seus valores, seus costumes.”²³⁹ Esse sujeito de discurso construiu assim “outras espaços” que definiram a sua esperança em sacralizar práticas culturais, sacralizar velhos estilos de vida, subjetividades e sociabilidades ditas patriarcais. Esses “espaços outros” são o que Foucault chamou de heterotopias, ou seja, “lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na instituição mesma da sociedade, e que são espécies de contra lugares de utopias efetivamente realizadas, nas quais os lugares reais (...) são, por sua vez, representados, contestados e invertidos.”²⁴⁰

A construção desse outro lugar, através do que ele denominou de cultura popular e nordestina, pautado em aspectos do passado como forma de contestar e inverter esse presente marcado pela emergência da sociedade burguesa refletiu o medo desse sujeito de não ter espaço nessa nova ardem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo se esvaziar, de ser pulverizado pelos valores burgueses, e garantiria, portanto, sua estabilidade social.

Foucault nos diz que há também as “heterotopias do tempo”:

Onde a ideia é de tudo acumular, a ideia de construir uma espécie de arquivo geral, a vontade de encerrar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de construir um lugar de todos os tempos que esteja ele próprio fora do tempo, e inacessível a sua agressão, o projeto de organizar assim uma espécie de acumulação perpetua e infinita do tempo em um lugar que não mudaria.²⁴¹

A produção discursiva de Cascudo visava construir uma “heterotopia do tempo”, uma espécie de museu onde todos esses valores e práticas que caracterizavam a sociedade patriarcal e que estavam sendo dessacralizadas pela emergência da sociedade burguesa, ficassem resguardadas da corrosão provocada pela historicidade. Esse medo de que tudo viesse a desaparecer é que a cultura nordestina foi construída, em seu discurso, como um espaço fora do tempo, fora desse tempo moderno, capaz de capturar vários recortes do

²³⁸ CASCUDO, Luís Da Câmara. Festa dos Arrais do Folclore. Natal. A República. 21 de março de 1938. P04.

²³⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Folk Lore Norte Rio Grandense. Natal. A República. 21 de março de 1933.

²⁴⁰ FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Coleção Ditos e Escritos III. Manoel Barros da Mota (org.). Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2001. P415.

²⁴¹ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. P419.

passado, como tradições, costumes, lendas, valores, superstições, tornando-os imune à corrosão do tempo e perpetuando-os num presente eterno.

O discurso de Luís da Câmara Cascudo, era presidido, pois, por uma estratégia política: barrar as mudanças, ele estava ligado ao próprio momento de dessacralização de uma região, a região Nordeste, e de um modelo de subjetividade, católica e patriarcal, que se via em perigo. Cascudo escreve a partir do presente, de sua relação com os poderes que o governam, das questões que um grupo social procura necessariamente, e que ele transportou para o passado para tomar distância ou exorcizar os perigos do presente. A escrita de Cascudo significou a tentativa desse sujeito em situar-se, de restabelecer na linguagem um passado, e abrir assim um espaço próprio para o presente.

O discurso de Cascudo fala da construção de outros espaços porque é um discurso onde a morte está sempre presente e a construção desses outros espaços seria o esforço contínuo para mantê-la fora do ciclo da existência, a ideia é exorcizá-la. Morte de pessoas, de monumentos, de paisagens, de relações sociais, de práticas culturais que ele quer salvar ou fazer reviver através do agenciamento de lembranças e reminiscência de infância e da captação de uma grande quantidade de materiais de expressões populares, fabricando, assim, um espaço e uma cultura feitos para resistirem ao tempo, resistirem à história, características, portanto, de uma subjetividade católica em choque com um mundo que se dessacraliza.

Diante de tudo o que foi colocado podemos concluir que Câmara Cascudo é o que Rolnik chamou de um “viciado de identidade” ...

Sujeito que tem horror ao turbilhão das linhas do tempo em sua pele. As vertigens dos efeitos do fora o ameaçaram a tal ponto que, para sobreviver ao seu medo, ele tentou se anestesiá-lo, deixando vibrar em sua pele, de todas as intensidades do fora, apenas aquelas que não ponham em risco sua suposta identidade ou subjetividade.²⁴²

Diante disso, o que fazer contra esses fluxos incessantes nessa sociedade moderna, se se nasce e é de, de certa forma, criado numa sociedade patriarcalista, cuja subjetividade é pautada no discurso sacralizados do catolicismo? Negar esse estado de coisas, procurar um refúgio na escrita, inventar novas territorialidades, e mais que isso, se associar e se tornar líder de um movimento político conservador cuja finalidade principal era a reação ao mundo moderno, a esse mundo dessacralizado, poderia ser uma saída.

²⁴² ROLNIK, Suely. Uma Insólita Viagem à Subjetividade. In: Cultura e Subjetividade: saberes nômades. Daniel Lins (org.). Campinas – SP. Papirus. 1997. P30.

4 A TENTATIVA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO DE UMA RESSACRALIZAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DO INTEGRALISMO

Vimos até agora que a modernidade aos olhos de Cascudo surge como um período de caos, de incerteza, de desterritorialização, de dessacralização de valores, de sociabilidades, de territórios e de subjetividades. Vimos, portanto, que sua subjetividade que se pretendia fixa e estável entra em choque com esse mundo dessacralizado, um mundo em que as subjetividades tendem a ser povoadas por uma cambiante profusão de força e fluxos que vão colocando em cheque seus habituais contornos, o que faz com que as subjetividades patriarcais e católicas, com sua crença na estabilidade e sua referência identitária agonizem, essas identidade locais e fixas desaparecem para dar lugar a subjetividades flexíveis, que mudam do sabor dos movimentos. Porém, existem os “viciados em identidade”, sujeitos que tentam de todas as formas não abandonar as suas referências identitárias, que insistem em manter sua subjetividade intacta, se esquivando de todas as formas dos movimentos intensos, tentando buscar um abrigo onde sua suposta subjetividade ficasse segura, e Cascudo, um sujeito “viciado em identidade” parece encontrar esse abrigo no Movimento Integralista. Contudo, surge a questão: seria possível que esse movimento assegurasse esse sujeito em um mundo estável? O que tinha o integralismo de tão sedutor que fez com que Câmara Cascudo na década de trinta se prenda a ele, como uma forma de fugir desse fluxo cambiante de forças que tentava de todas as maneiras pulverizar essa suposta identidade /subjetividade que ele insistia em preservar?²⁴³

Essa persistência na referência identitária era uma forma de se proteger dessas mudanças que ameaçavam Câmara Cascudo com a possibilidade de se tornar um nada. Sua subjetividade parece ser tomada por uma sensação de ameaça, de fracasso, de despersonalização, e porque não, de enlouquecimento. Segundo Rolnik, “para proteger-se dessa proliferação de forças e impedir que abalem a ilusão identitária, breca-se o processo, anestesiando a vibratibilidade do corpo ao mundo e, portanto, seus afetos.”²⁴⁴ A fuga para o Integralismo seria em Cascudo uma forma de anestesiá-lo esse processo e trazer de volta a ilusão de estabilidade que sua subjetividade patriarcal desenhava, na esperança de assegurar seu espaço existencial, garantir uma memória social e coletiva, enfim, garantir uma ressacralização da sociedade. Mas o que era o Integralismo?

O Integralismo foi um movimento político de caráter fascista que surgiu aqui no Brasil em outubro de 1932, liderado por Plínio Salgado. Um pensamento conservador que exaltava a

²⁴³ RONILK, Suely. Toxicômanos de Identidade. In: Cultura e Subjetividade. Op. Cit. P19 – 24.

²⁴⁴ Idem, Ibidem. P21.

ordem, a disciplina e a tradição bem como o autoritarismo do Estado como síntese das aspirações nacionais. Ele surge, portanto, num momento histórico específico e passa a ser legitimado por sujeitos que estavam vivendo um momento de desterritorialização social e subjetiva. Ele vai sendo instituído por inúmeros discursos, que falam sobre honra, caridade, hierarquia, disciplina, autoridade e ordem, dando, assim, a ilusão de um todo harmonioso, exatamente para se contrapor aos discursos instituídos pela sociedade moderna. É, portanto, um dispositivo discursivo e político inventado, a partir da restauração de valores passados para se construir uma sociedade futuro. Tinha como objetivo, entre outros, o combate ao comunismo e a liberal-democracia. Portanto, sua principal meta era reordenar moral, social e politicamente a sociedade moderna. Suas características principais eram, segundo seus integrantes, o anti-individualismo, a reafirmação do Estado encarnando a coletividade. O espiritualismo católico como princípio de vida em oposição ao materialismo burguês e marxista. Dizia ser contra todas as divisões em classe ou partido. Reafirmavam a nação como realidade primacial e solidária, que deveria unir todos os seus membros dentro da harmonia cristã. Pregavam também uma organização hierárquica da coletividade nacional em todos os seus domínios.²⁴⁵ Segundo Câmara Cascudo:

O integralismo é a fórmula brasileira do Fascismo (...) ele surgiu brasileiro para cumprir seu ciclo histórico, sem deixar de ser um pensamento de todos os povos que se renovam. É uma ideia geral, mas instintiva como a legítima defesa. Vive em todas as partes, mas adquire cambiantes próprias das regiões onde se levanta, como uma afirmativa de fé, ante a matilha troante dos insultadores da Pátria e da religião.²⁴⁶

Era, portanto, um discurso inventado no presente para reagir as mudanças sociais, políticas e existenciais, advindas com o capitalismo industrial.

Nessa procura de Câmara Cascudo por um abrigo seguro, um dos fatores que mais lhe fascinou nesse movimento, ou seja, no Movimento Integralista, foi a figura de seu Líder máximo Plínio Salgado. Num artigo escrito sobre esse sujeito Cascudo deixa claro a sua admiração.

Plínio Salgado, eu o conheci em São Paulo (1921-1922), um encanto de cidade, na época a mais inquieta do mundo. Plínio trabalhava no Correio Paulistano, Plínio lutava na cidade com aquele mesmo ar de serenidade que é apenas uma força maravilhosa de disciplina interior. Plínio, entre outros tipos, creava Juvêncio (o estrangeiro), que nos aclamamos como exemplo do potencial brasileiro. Juvêncio numa cena final estrangula um bando de papagaios de estimação porque os bichos só sabiam cantar em italiano e

²⁴⁵ N/a Província do Rio Grande do Norte (Coluna Integralismo das províncias). A Offensiva. 27 de setembro de 1934. P05.

²⁴⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. Integralismo é cópia? A Offensiva. 18 de outubro de 1934. P02. C07 e 08.

rogar praga em sírio, nem uma palavra em brasileiro, mas não é disto que se trata, também não será senhores burgueses, capitalistas ilustres, comunistas simpatizantes, indiferentes soberbos, ignorantes doutrinários, insultadores de Deus, da Pátria e da Família, investidores de todas as ordens morais e físicas, do INTEGRALISMO que falarei.

O que pergunto é o segredo de Plínio Salgado, brasileiro moço, paupérrimo, sem ser genial, sem casamento rico, sem morar no Martineli, nem viajar em avião, sem jornais, sem ambiente, fundar, dirigir, congregar, multiplicar o mais lindo, o mais inexplicável de todos os movimentos sociais do Brasil, desde 1500.

Porque, francamente dizem uns, ele não tem presença. Dá vontade de lembrar o tamanho de boneca de Nuremberg que possui Dolfuss e insinuar que Hitler não parece nada com o gigante Adamastor. Mas, convenhamos que Plínio não tinha físico, altura, expressão decorativa à Washington Luiz, jeito, para movimentar duzentos mil brasileiros, não tem, acabou-se. Mas, mesmo não tendo como será que ele fez morrer à desdenhosa frialdade destas duas centenas de milhares e as leva para adiante, com um braço para cima e um "Sigma" na manga esquerda?

Não tendo Plínio nem físico, nem altura, nem voz, nem passado (como se Mussolini, Kemal. Salazar explicassem a obra nacional pela projeção de seu pretérito) nem outros valores materiais para empolgar a "grande massa", como justificamos nós a existência de vinte e duas chefias provincianas, trinta jornais e estes 200.000 rapazes cujo número desnorteia a opinião pública, mesmo de quem não a tem?

Podemos verdadeiramente dizer que Plínio Salgado foi apenas o "Esperado", o Homem-Oportuno, o tal que Emerson dizia ser "providencial", e o rude Carlyle rotulava de herói. Plínio Salgado chegou na hora H da revolução nacionalista.

De onde lhe veio a grandeza misteriosa dessa energia incrível que agrupou derredor de si os espíritos mais rebeldes as mentalidades mais diversas, as inteligências mais insubmissas? De onde partiu essa alegria divina de servir, conter-se, amar a disciplina, a renúncia, o desinteresse, cultivar a altivez, coragem, à cordialidade? Como conseguiu Plínio Salgado, com suas mãos franzinas, erguer até as estrelas tantas almas e criar para os brasileiros do "Sigma" esse ambiente de amor, de solidariedade, de sacrifício mútuo, que nunca possuímos e que não seria possível pensando em todas as leis da sociologia, em todos os dados psicológicos do nosso povo? Não é o livro, a palavra, o exemplo, a atitude de Plínio Salgado que nos seduziu e o elegeu perpetuamente nosso chefe.²⁴⁷

Essa admiração de Câmara Cascudo por Plínio Salgado parte primeiramente da ideia de que um homem sozinho nesse mundo turbulento, homem pobre, sem apadrinhamento político, ter conseguido erguer um movimento dessa grandeza. Sujeito cuja subjetividade também estava passando por um processo de desterritorialização e que, mesmo assim, consegue arrebanhar para junto de si, de suas ideias, muitas pessoas, ou seja, outros sujeitos que também se vêem desterritorializados, que não acham espaço nessa sociedade caótica, e que, portanto, viram no Integralismo uma saída para o caos em que estava emersa a sua sociedade. Como nos diz Micelli, "esses intelectuais se engajaram nessas organizações

²⁴⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. O Caso Plínio Salgado. Natal. A República. 01 de julho de 1934. P08.

radicais de direita porque se sentiram preteridos pela coalizão de tuas forças que passaram a deter o controle do Estado”²⁴⁸, eles tentaram reagir às mudanças ocorridas não apenas no campo político, mas em todo campo social e, portanto, existencial. O Integralismo oferecia a esses sujeitos a possibilidade de reviverem ou voltarem a período áureo de suas vidas, pois na sua maioria, “eram descendentes de famílias ostentando um passado político prestigioso no âmbito local, nascidos e criados em cidades afastadas dos principais centros da vida política e cultural, sendo, portanto os que mais se ressentiram com a derrota dos grupos oligárquicos”.²⁴⁹ Sujeitos que estavam passando por um processo de dissolução social e subjetiva, e que, portanto, veem no integralismo a possibilidade de construir novas territorialidades que se assemelhassem ao passado.

Plínio Salgado era visto por, Câmara Cascudo como um homem carismático, de cunho paternalista, que defendia sempre em seus discursos os valores de uma sociedade patriarcalista, conseguindo, assim, destaque diante de outros líderes porque “era e considerado homem de vergonha, de palavra e de fibra”. Portanto, seus seguidores veem nele a pessoa que conseguiria salvar o país e trazer de volta valores que estavam sendo pulverizados pelo Estado moderno.

Plínio Salgado, assim como Câmara Cascudo, eram pessoas que tiveram suas subjetividades formadas sob a égide do discurso religioso do catolicismo, como diz Silva, “Plínio Salgado, além de grande literato e nacionalista da década de 20 e 30, foi um homem de família altamente religiosa, criado sob rígidos valores morais, que tinha definido sua personalidade”²⁵⁰, portanto, esse mundo que surgia ou se apresentava a eles não os agradava, era o mundo burguês, marcado por uma profunda dessacralização social.

A utilização da imagem do líder, surge como um dispositivo discursivo de propaganda do movimento para atender as finalidades políticas do integralismo. Atingir um público receptor, esse era seu objetivo, que se via em crise política, econômica e, principalmente, existencial. A imagem do chefe vai ganhando contornos morais perfilados, pois acreditavam que, “um povo é tanto mais disciplinado, prospero e feliz quanto maior for a sua identificação com o seu chefe”.²⁵¹ Um bom chefe deveria ser como um pai, portanto, ter firmeza, caráter, fibra. Pessoa que deveria saber convencer, advertir, persuadir com sabedoria e bondade. Há,

²⁴⁸ MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no País*. Op. Cit. P58.

²⁴⁹ Idem, *Ibidem* P58.

²⁵⁰ SILVA, Giselda Brito. *A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932 – 1938)*. Dissertação apresentada ao curso de mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1996. P44. É importante lembrar que a autora trabalha a atuação do Movimento Integralista em Pernambuco. Contudo, acredito que as ordens eram as mesmas para todos os Estados, pois vinham de um mesmo chefe, ou seja, Plínio Salgado.

²⁵¹ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Papirus: Campinas – SP, 1986. P48.

nessas características, todo um clima de religiosidade ao envolvendo a figura do chefe, “entre os chefes e os comandados, o chefe se torna o pai e os comandados os filhos, a quem convém proteger. O líder é o disciplinador, o protetor eles dos que pedem justiça, o chefe militar, o fundador do Estado”²⁵² Aqui, o Estado integral.

Plínio Salgado era visto como alguém predestinado, como colocou Cascudo, “de uma energia incrível que conseguiu agrupar derredor de si os espíritos mais rebeldes, as mentalidades mais diversas, as inteligências mais insubmissas” era, para Cascudo, “o Esperado, a pessoa certa para realizar a revolução nacionalista”²⁵³. Nos diz Lenharo:

O caráter predestinado do líder para intervir na história, ganha toda força nesses momentos em que a maioria da população se vê insatisfeita. O líder adquire uma capacidade de corporificar em si os conflitos da sociedade e ser capaz, de desarmar os seus focos geradores de tensão. Fica posto em relevo o dom em posse do líder de instituir e extrair do inconsciente o desejo socialmente contido de realizá-lo.²⁵⁴

Homem de fibra, firmeza, potência, caráter, homem de palavra, temente a Deus, são características que fazem Câmara Cascudo lembrar dos patriarcas rurais que ele conheceu e que conviveu, como o sem pai, coronel Francisco Cascudo, cuja bondade, gentileza, honestidade, honra, coragem e temência a Deus, tanto o fascinavam. Características que remetem esse sujeito de discurso a um período áureo de sua vida, ou seja, a sua infância e a sua adolescência vivida numa sociedade onde os “homens tinham um coração dentro da cabeça”, como ele mesmo dizia, “e não um granito dentro do coração, um tempo de sonhos e de esperanças”. São características que fizeram Cascudo ter essa admiração tão forte por Plínio Salgado, pois via nesse sujeito a possibilidade de atualizar modelos de masculinidade e de virilidade e de reestabelecer sua antiga situação de fausto e prestígio.

Contudo, Foucault nos diz que, “todo discurso possui uma materialidade, uma data, um lugar, uma época, uma instituição”²⁵⁵, portanto, a figura de Plínio Salgado e o seu discurso político, só seduziu esse sujeito, e todos os outros que aderiram as ideias do Integralismo, porque emergiu num período histórico específico, qual seja, a década de trinta do século passado, numa sociedade dessacralizadora, ou seja, a sociedade burguesa. Nos diz Silva que:

Os intelectuais e estudantes que se filiaram ao movimento, estavam insatisfeitos com os resultados políticos, sociais e econômicos da Revolução de 1930 e ameaçados pela agitação social. Esses intelectuais encontrariam nas propostas integralistas uma opção para a crise da liberal-democracia e

²⁵² LENHARO, Alcir. Op. Cit. P64.

²⁵³ CASCUDO, Luís da Câmara. O Caso Plínio Salgado. P08.

²⁵⁴ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P194.

²⁵⁵ FOUCAULT, Michel. Arqueologia do saber. 2ª edição. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1986. P65.

para a ameaça comunista, que ganhavam campo com as manifestações grevistas.²⁵⁶

O discurso integralista foi acionado no sentido de dar segurança e estabilidade a sujeitos que viam a sociedade a qual pertencia ser esfacelada. Era um discurso que dava ênfase a instituições como a Igreja a Família e a Pátria, instituições que durante a sociedade patriarcal eram os seus pilares de sustentação.

Nesse sentido, o mal-estar causado pelo presente, levou muitos sujeitos, dentre eles, Câmara Cascudo, a se filiar ao integralismo numa tentativa de enfrentar a nova realidade social. Como coloca Albuquerque Jr, “a destruição dos territórios sociais, das identidades coletivas e dos códigos de valores tradicionais, provoca, como reação, a criação de territórios mais conservadores”.²⁵⁷ A dissolução de antigos valores, de sensibilidade e de sociabilidades ditas patriarcais, provocou por parte de muitos sujeitos, a tentativa de recolocar os indivíduos em seus lugares, de reordenar a sociedade, pois só assim, conseguiriam repor as hierarquias sociais e de gênero e restaurar antigos territórios existenciais. A ideia do movimento era recuperar a integridade do todo, desse “corpo-uno”, sacralizado que era a sociedade, segundo os integralistas, antes da desterritorialização provocada pelo Estado moderno, através da neutralização das diferenças sociais, políticas, culturais.

Diante disso, Luís da Câmara Cascudo se filia ao movimento em junho de 1933, ano da instalação da A.I.B, no Rio Grande do Norte e já nomeado como chefe provincial.

Passa-se hoje o primeiro aniversário da instalação do A.I.B em Natal, que tantas simpatias desperta e tantas controvérsias tem provocado na explicação de sua doutrina. Está no Rio Grande do Norte confiada a sua chefia ao diretor Luís da Câmara Cascudo que tem multiplicado seus esforços para a difusão dos moços camisas verdes.²⁵⁸

Câmara Cascudo via o regime vigente, ou seja, a liberal-democracia, como algo inviável e, portanto, a necessidade de sua substituição por um “governo forte” que fosse capaz de trazer a ordem e mais que isso de trazer de volta a harmonia social. Portanto, o integralismo surge aos seus olhos, como um “grandioso movimento dotado de um só corpo e de um só espírito, sem divisões de espécie alguma, sem interesses pessoais, o mesmo em toda

²⁵⁶ SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P12.

²⁵⁷ ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. Op. Cit. P123.

²⁵⁸ Notas Integralistas. Natal. A República. 14 de julho de 1934. P06.

parte, no norte, no centro, no sul.”²⁵⁹ O único, segundo Cascudo, capaz de fazer as mudanças necessárias para que a sociedade voltasse ao seu status quo anterior.

Só existem no Brasil um sinal para reconhecemos os brasileiros que estão construindo uma Pátria, na perpetuidade do esforço e do sacrifício. Esse sinal é o Sigma. Brasileiros soltai o volante da “baratinha”, esperai o banho de sol afrodisíaco, deixai o livrinho que o marxista pintou de ouro para vossa ignorância, ausência de raciocínio e clareza de dedução. Vede as ruas, as praças, as estradas, de todo Brasil, cheias de Camisas-Verdes de todas as idades de fé. Ficareis isolado desse movimento único em toda existência política?²⁶⁰

Os intelectuais que nesse momento se engajam nesse movimento, não se contentam apenas em reagir às mudanças ocorridas no campo político, mas são desejosos de restaurar por vias autoritárias antigos costumes que a modernidade vinha acabando, é por isso, que Cascudo utiliza-se do movimento para divulgar suas ideias sobre a sociedade e, de certa, forma demonstrar sua insatisfação em relação ao mundo moderno. Como ele mesmo coloca: “a modernidade, a racionalização, o desaparecimento de antigos costumes, a ameaça das cidades desiludiu os valores morais, a fé, e trouxe a inquietação e a melancolia.”²⁶¹ O integralismo surge na década de trinta como produto reacionário à sensibilidade moderna e, portanto, com capacidade de retirar o Brasil do caos em que a sociedade moderna o colocara.

O que é o Integralismo? Uma phrase curta, profunda e da qual se podem tirar inúmeras conclusões. É um movimento destinado a salvar o Brasil da anarquia e que por isso mesmo exige que todos os que a ele pertencem o juramento solenne de serem fieis a Deus, a Pátria e a Família, noções básicas de ordem social. O Integralismo, portanto, é inimigo de todos quando combatem a religião, bem supremo das nações, e a ideia de Deus onipotente, finalidade última da pessoa humana.²⁶²

A maioria dos sujeitos que fizeram o juramento solene de ser fiel a Deus, Pátria e a Família, e que se afiguravam como inimigos de todos aqueles que combatiam a religião católica, eram sujeitos cujas subjetividades tinham sido constituídas na sociedade patriarcal e sob a égide do discurso religioso, numa sociedade que Foucault denominou de a “sociedade

²⁵⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Porque a A.I.B. concorre as eleições de 14 de outubro. Natal. A República. 14 de outubro de 1934.

²⁶⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. In Hoc sigma Vines! A Offensiva. 11 de outubro de 1934. P02. C07 – 08.

²⁶¹ CASCUDO, Luís da Câmara. Ontem: imaginações e notas de um professor de província. Reimpressão. Natal. EDUFRN. 1998. P169.

²⁶² CASCUDO, Luís da Câmara. Porque a A.I.B. concorre as eleições de 14 de outubro. Natal. A República.

da sanguinidade”²⁶³, onde o sujeito era reconhecido pelo nome da família a qual pertencia, onde a palavra de um homem tinha muita força, mas que se viam nesse momento diante de um novo mundo marcado, sobretudo, pela instabilidade, mundo onde proliferavam discursos, como o médico, o jurídico e o higienista, que passaram a demarcar o sujeito, a dizer por ele, o que ele era. Discurso como o feminista, o comunista, o positivista que estavam mexendo em todo a estrutura social, rompendo hierarquias sociais e de gênero, e solapando antigos costumes, antigos estilos de vida.

Mundo, como dizia Plínio Salgado, em que a “concepção materialista da vida” imperava. Segundo esse sujeito havia em todos os tempos uma discussão entre uma “concepção espiritualista” e uma “concepção materialista da vida”, a sociedade patriarcal se encaixaria nessa concepção espiritualista da vida, enquanto que a burguesa na concepção materialista. Para os integralistas, quando o mundo estava sob os efeitos da concepção materialista da vida, os valores morais e religiosos desaparecem, os únicos que dariam ordem e disciplina a sociedade. Quando isso acontece, a sociedade fica emersa no caos preocupada apenas com a riqueza, com o dinheiro, com valores materiais que provocam uma competição acirrada entre os homens, fazendo com que esqueçam de Deus e de valores como a amizade, de sentimentos como a solidariedade, a caridade, tornando-os cada vez mais individualistas²⁶⁴.

Mundo marcado pela avidez de lucro rápido e fácil de ambição desenfreada, onde a economia tomou-se dura, cruel e atroz. Mundo onde a palavra de um homem não tinha mais significado algum e o que importava era o papel, o que estava escrito. Mundo onde a livre concorrência trouxe a falência de muitos sujeitos como a do coronel Francisco Cascudo, pai do Câmara Cascudo, cuja falta de adequação subjetiva nessa nova lógica capitalista o fez declinar juntamente com as oligarquias da qual pertencia. Falência que fez Cascudo lamentar a vida inteira pois, segundo ele, esse era um homem bondoso, generoso, que acreditando mais na força da palavra do que na força do dinheiro, perdeu tudo o que possuía. Mundo cada vez mais utilitário, do particularismo e dos negócios. Como ele mesmo coloca:

No mundo moderno os homens substituíram o ganho justo e equitativo pelo lucro desleal e anticristão, criando a guerra comercial, numa batalha ininterrupta de competições desonestas. A finalidade humana é, atualmente, obter o mais depressa possível, maior soma de utilidades. Todos os caminhos são limpos e bons desde que levem ao sucesso. A riqueza concentrada nas mãos de uma minoria sempre ávida, domina todos os departamentos da ação individual, sobrepujando a própria dignidade do homem, que imagem e

²⁶³ Ver FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1988.

²⁶⁴ Ver SALGADOS, Plínio. O Que é Integralismo? 3º edição. Schidt. Rio de Janeiro. 1935.

semelhança, criado e mantido por Deus, está aviltado e sujo pelos ídolos que sua ambição criou.²⁶⁵

O retorno a essa “concepção espiritualista da vida” surge, para Câmara Cascudo, via Integralismo. Um movimento que seria capaz de trazer de volta valores como: a piedade, a devoção, a caridade. Capaz de reestabelecer regras de conduta, disciplina e hierarquia. Conseguindo, assim, extirpar a concepção a concepção “materialista da vida” caracterizada pelo individualismo e pelo materialismo burguês. O desejo pela volta de uma concepção espiritualista da vida, que caracterizou a sociedade patriarcal era reflexo da necessidade que esse (s) sujeito (s) sentiam de situar-se em algum lugar seguro, era ainda o desejo de apoio e de suporte nesse mundo (mundo moderno) no qual se perderam as seguranças protetoras. Contudo, isso só seria possível através do retorno do homem a Deus e de recolocação da Igreja Católica em seu lugar de formadora de discursos de verdade.

Assegurar à Igreja Católica dentro da liberdade dos cultos, o posto de preeminência que lhe é devido pela sua atuação no desenvolvimento da civilização a brasileira. Manter a separação da Igreja do Estado, não na base de dissociação, é sim na de uma colaboração a ser regulado em concordata.²⁶⁶

O catolicismo favoreceria um quadro de valores espirituais, enfatizando a solidariedade entre os homens, fortalecendo o significado de pátria e de família, que terminaria com o império do conflito e da desordem. Portanto, a sentido do integralismo estava assentado numa busca pelo espiritualismo católico. Condenando, assim, a liberdade de cultos ocorrida com a proclamação da República através do decreto de 1890, que destituiu a Igreja Católica de muitos setores importantes. “A liberdade religiosa jamais será um bem. Melhor será que todas as almas tenham só um Deus, uma fé, um batismo, uma Igreja, um caminho pera a eternidade.”²⁶⁷

Nesse sentido, o discurso integralista tinha como objeto, alvo, campo de aplicação, ou seja, onde ele desejava implantar e produzir efeitos reais de poder, os mecanismos de poder que regiam a sociedade burguesa. Em suas bases doutrinárias, coloca:

²⁶⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Fatrer Caglin. A Offensiva*. 28 de dezembro de 1935. P03. C01.

²⁶⁶ *Ação Integralista. Bases Doutrinárias – Programa de Ação*. Natal. A República. 09 de julho de 1933. Op. Cit. P09.

²⁶⁷ N/A. *A Igreja e o Estado*. Revista Panorama. Outubro de 1935. P33.

Buscamos a harmonia e equilíbrio entre os gerais interesses da coletividade e o valor da personalidade humana em seus imperativos de dignidade e de expansão, nem a tirania do Estado contra o indivíduo, nem a tirania dos indivíduos contra o Estado.

A família base da estrutura social deve ser amparada pelo Estado em tudo o que favoreça sua unidade, sua estabilidade e sua fecundidade.

Somos por uma nação brasileira, unida espiritual, política e economicamente, cujas finalidades e direitos estão acima dos interesses de indivíduos, de grupos, de regiões.

A propriedade é legítima dentro das restrições impostas pelo bem-estar de todos.²⁶⁸

Câmara Cascudo vê nas ideias integralistas a possibilidade de (re)constituir um novo espaço, onde fosse possível pensar uma sociedade onde haveria harmonia e equilíbrio, onde a família ficasse sob a proteção de um Estado justo e caridoso, onde haveria unidade espiritual e moral. Um Estado integral e harmonioso, através de um retorno aos valores do passado, do seu passado patriarcal.

O integralismo é a concepção completa de nacionalismo sadio e universalismo equilibrado. Uma filosofia para o Brasil. Uma literatura a serviço da Nação. Um direito como emanção natural dos nossos costumes, das nossas restrições, para conter o egoísmo dos interesses individuais. É um movimento preocupado com as origens e com as fontes da nossa civilização, com os elementos formadores dos nossos ambientes sociais, num anseio de velar pelos costumes e pela personalidade do Brasil na sua cristalização anterior as deformações cosmopolitas.²⁶⁹

É, portanto, um discurso que pregava a criação de um futuro melhor longe do materialismo e do individualismo burguês. Futuro que tinha suas raízes fincadas no passado patriarcal e no discurso religioso.

O integralismo surge como uma maquinaria discursiva cujo funcionamento se dava dentro de um jogo de sacralização, de valorização do velho. Velhos costumes, velhos valores, velhas tradições, velhos estilos de vida, velhas hierarquias, velhos discursos, que caracterizava uma sociedade cortesã, cavaleiresca, segura de si, a sociedade patriarcal, que tinha como base moral os valores cristãos do catolicismo. Valores que eram ensinados desde cedo às crianças, pela família, através das leituras, das histórias ouvidas através das mães pretas e das “sherazades analfabetas”, através dos professores, das amigadas, enfim.

²⁶⁸ Ação Integralista Brasileira. Bases Doutrinárias – Programas de Ação. Natal. A República. 09 de julho de 1933. P09.

²⁶⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. O Hitlerismo Invade os Estados Unidos. A Offensiva. 31 de maio de 1934. P03. C03 e 04.

Relações sociais instauradoras de um modelo de subjetividade centrado na ideia de virtude, de moral, de generosidade, de piedade, de força. Diante disso, não era o novo que a maioria desses sujeitos buscavam, pelo menos não era o novo que Câmara Cascudo buscava, pois, o novo para ele era representado pela sociedade burguesa e por todos os discursos que a sustentavam. Esse novo trouxe o caos e a instabilidade como, por exemplo, a falência material do seu pai, portanto, o retorno ao velho era que daria segurança a esse sujeito, a essa subjetividade. O novo nessa sociedade burguesa era representado por todos esses discursos que estavam dilacerando corpos, subjetividade, territórios, sensibilidades ditas patriarcais. E um desses principais discursos era o comunista. Movimento que estava se espalhando rapidamente pelo mundo, pregando a ideia de igualdade e liberdade quebrando, assim, com as hierarquias sociais e de gênero.

Na tentativa de exorcizar esse mal, o Integralismo juntamente com a Igreja, vão afirmar que:

Os que professam o comunismo, entendem que liberdade tem um conceito absolutório, isto é, que permite ao indivíduo uma vontade irrestrita, sem medir a extensão do seu interesse, junto do qual se encontra o interesse de terceiros.

Assim se concluí que no Estado comunista, a liberdade é uma ficção, porque o homem se reduz ao maquinismo, ou seja, se dá a sua transformação uma coisa quer nem se quer se locomove espontaneamente.²⁷⁰

Para os integralistas, o Estado moderno com a proliferação de discursos como o comunista, vinha destruindo o humanismo à medida que iam criando corpos centrados em tudo que não é humano, corpos centrados na máquina, na técnica, dessacralizando, assim, os sujeitos. É um discurso, portanto, que reage a desumanização provocada pelo mundo moderno, burguês, capitalista e utilitarista.

Provem-se, dessa forma, dois erros brasileiros de doutrina comunista. O primeiro é a interpretação teórica, e o segundo, a prática. Em ambas, o conceito de liberdade não atinge a uma formula consentânea com o direito. Na teoria, oferece a liberdade absoluta e, na prática, é também absoluta a sua negação.

Liberdade e comunismo, são, pois, ideias que se chocam, que se contrastam, que não se harmonizam. O regime comunista é um regime de escravidão e que promete, para iludir as massas, numa liberdade impossível.²⁷¹

²⁷⁰ N/A Liberdade e Comunismo. Natal. A República. 23 de fevereiro de 1935. P02.

²⁷¹ Op. Cit. P02.

Para o discurso conservador do integralismo pautado em grande parte no discurso religioso do catolicismo, a ideia de liberdade passava pela noção de hierarquia, pelo respeito à autoridade, tentando assim “evitar” que empregados ficassem em pé de igualdade com os patrões, e que a mulher retomasse seu antigo lugar de mãe e deixasse de buscar o nivelamento com os homens. Para barrarem esse processo de dissolução nas hierarquias sociais e de gênero, o integralismo e à Igreja, pregavam, assim, a necessidade de reforçar princípio de autoridade “porque não pode haver sociedade, e muito menos civilização, onde não houver autoridade, e neste início de século percebemos um esquecimento grave, por parte da maioria das pessoas, desta necessidade”²⁷². Para eles a “ordem natural das coisas” estava entre os que mandavam e os que obedeciam não aceitando, de forma alguma, essa suposta igualdade entre os homens, pois, o excesso de liberdade gerava o caos e a discórdia, e o exemplo estava aí como a liberal democracia.

Para obliterarem esse discurso de igualdade proposto pelo comunismo e também pelo liberalismo, o movimento integralista tentou se aproximar dos trabalhadores adotando soluções práticas. Nos diz Giselda Silva que foi organizado colunas especialmente para tratar da classe operária, pois temiam uma revolução social do operariado, como no caso de Pernambuco da “Coluna Proletária do Jornal Ação Integralista”, cujo principal objetivo era atrair os trabalhadores com promessas de conseguirem suas reivindicações de forma mais segura e séria do que pelas vias comunistas. Para tanto, pregavam o fim da luta de classes e, conseqüentemente, o fim da agitação social que ameaçava a classe proprietária, através de fórmula filosófica que defendia a harmonia social, a partir de uma nova concepção de homem e de universo. Para legitimarem a volta das hierarquias sociais eles diziam: o homem vale pelo sacrifício em favor da família, da Pátria e da sociedade. Vale pelo estudo, pela inteligência (...) o homem e as classes podem e devem viver em harmonia. Dessa forma, aproveitavam para declararem a “falência” da liberal democracia e alertarem as pessoas para os “males” do comunismo²⁷³. É um discurso, pois, que se constrói no medo contra a revolta do pobre.

O sindicato no regime liberal que ainda nos infelicitava, fica reduzido a uma sociedade civil como qualquer outra, transformou-se por assim dizer, numa prisão para a classe proletária e num desmoralizado centro de luta de classes que muito proveito proporciona ao agitador comunista camuflado em defensor das classes obreiras.²⁷⁴

²⁷² REALE, Miguel. Corporativismo e Unidade Nacional. Revista Panorama. Outubro de 1935. P59.

²⁷³ SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P69.

²⁷⁴ Jornal: Ação Integralista. Recife. 31 de agosto de 1934. P05. Citado por: SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P69.

O movimento integralista, passa a instituir sentidos e significados para palavras como: harmonia, hierarquia, ordem, disciplina, legitimado em grande parte pela Igreja, na tentativa de disciplinar os trabalhadores e tornarem dóceis, obedientes e resignados aos efeitos de seu poder. A ideia era a de intervir minuciosamente na vida social, passando a imagem de um movimento que instauraria um Estado protetor de todos, numa tentativa, de estreitar drasticamente o espaço de liberdade das pessoas, principalmente dos pobres e das mulheres. Aí o discurso religioso era utilizado “numa tentativa de apaziguar os humildes, para que não se revoltassem contra os patrões e reconhecessem a sua impossibilidade de melhorar suas condições de ganho”.²⁷⁵

Proclamamos um Estado intervencionista como ordenador e centralizador das atividades, por intermédio da família e da classe organizada, tendo em vista uma justa distribuição dos bens. Proclamamos também a existência natural e espontânea das classes, legítimas polarizações de interesses e aspirações que devem ser integrados, hierarquicamente, no organismo do Estado.²⁷⁶

O Estado, segundo os integralistas, não poderia ficar ausente nessas questões, intervir para coordenar e estabelecer o equilíbrio indispensável à ordem social. E os sindicatos, esta nova força política, sob a ordem liberal, ameaçava transformar-se em núcleo de desagregação e luta contra o poder sendo necessário que houvesse uma intervenção eficaz por parte de um Estado forte que passasse a ordenar os grupos profissionais, transformando-os em meio de governo.²⁷⁷ O sindicato deveria estar atrelado ao Estado, como afirma Reale: “a unidade sindical sob a tutela do Estado formaria um regime no qual os sindicatos proporcionassem às respectivas classes os meios necessários a satisfação de seus interesses, materiais, culturais, morais e espirituais”.²⁷⁸ Pois só assim se restabeleceria a harmonia social, perdida, segundo Cascudo, com o esfacelamento da sociedade patriarcal.

No discurso desse integralista, escravos, senhores e homens pobres apareciam sempre solidários. Para ele as relações entre elite e plebe eram perfeitamente pacíficas foi, portanto, o Estado moderno que provocou uma quebra nas hierarquias sociais e de gênero, possibilitando

²⁷⁵ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P157.

²⁷⁶ Ação Integralista Brasileira. Bases Doutrinárias - Programa de Ação. Natal. A República. 09 de julho de 1933. P09.

²⁷⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippe de. (org.) Elite Intelectual e debate político nos anos 30. Ed. FGV: Rio de Janeiro. 1980. Op. Cit. P45.

²⁷⁸ REALE, Miguel. Obras Políticas: primeira fase – 1931 a 1937. Brasília. Editora Universidade de Brasileira. 1983, P21.

assim uma espécie de “nivelamento social”, onde as pessoas, pelos menos teoricamente passariam a gozar dos mesmos privilégios. Uma ideia de igualdade, que segundo Cascudo, era ilusória já que as hierarquias sociais estavam estabelecidas em função da “capacidade de valores individuais”.²⁷⁹

O Estado integral é filho de tradição e da ordem, colocando os indivíduos na sua legítima função social (...) os indivíduos isolados e desorganizados não constituem elementos de força social. Esta existe apenas na associação dos interesses de cada grupo especializado em uma forma particular de atividade material e espiritual.²⁸⁰

Os integralistas pensavam uma sociedade como um “corpo uno” e sacralizado, onde as partes deveriam estar sempre atreladas a um todo, integradas harmonicamente. Seu objetivo era neutralizar os possíveis focos de conflito sociais, tornando as classes solidárias umas com as outras. Só assim substituiriam a “noção negativa de luta de classes” pelo “conceito positivo de colaboração de classes”.²⁸¹

Trazer para junto de si os operários, esse era um dos objetivos do discurso integralista, para poderem controlá-los, evitando, dessa forma, o perigo das agitações sociais, na medida em que o trabalhador se associando ao movimento teria que obedecer a uma rígida hierarquia que controlaria seu comportamento político e social.²⁸² Provocando uma despolitização da sociedade, principalmente dos trabalhadores e das mulheres, restringindo, assim, suas possibilidades de atuação. Para tanto, a hierarquia deveria ser respeitada, por isso, pregavam que “a nova elite se deverá compor de homens de cultura e ciências, capazes de exercer um domínio natural sobre as massas”.²⁸³ Ou seja, homens que tivessem poder de mando, como os antigos senhores patriarcais, que eram capazes de controlar uma multidão de empregados com o poder da palavra.

O discurso integralista afirmava que o comunismo (e o feminismo), tornava o homem indócil, rebelde à dominação das “minorias superiores”. Fazendo com que eles se imaginassem com os mesmos direitos, capazes de todas as ideias e sem a nítida noção de suas obrigações para com a sociedade a qual pertenciam, como coloca Cascudo, “filho de lavrador será industrial, mandando o herdeiro para a burocracia estatal”. Para ele, essa “inquietação

²⁷⁹ Ver CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia dos Mitos Brasileiros. Livraria José Olympio, editora. 2ª edição. Rio de Janeiro. 1978.

²⁸⁰ SILVEIRA, Alceu da. O Estado e a Nação. Revista Panorama. Outubro de 1935.

²⁸¹ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P22.

²⁸² SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P71.

²⁸³ OLIVEIRA, Lúcia Lippe de. Op. Cit. P40.

móvel fez ir desaparecendo a consciência dos fundamentos tradicionais da sociedade regular”.²⁸⁴

A tentativa era de desmoralizar o discurso do comunismo e propagar pela sociedade que esse era um movimento ameaçador, desordeiro, violento, desumano, que fazia de tudo para conseguir seus objetivos. Que se infiltrava nos lares desorganizando as famílias, e que era capaz até de matar. O comunismo era visto como o inimigo externo, poderoso e ameaçador, que atentava contra a vida das pessoas.

O Brasil cristão deve conhecer de que espécie sinistra é o material de propaganda comunista. Fuzilamento as portas dos templos, gritos contra deus, contra a Pátria, contra a família. A chuva de Boletins pedindo o massacre concentrando a traição imediata todos quanto possuem funções subalternas, indicando as vítimas, apelando para a violência, para o golpe traiçoeiro, para as emboscadas, bem explicou à técnica Marxista.

Sangue, violação, massacre, estupidez e hostilidade. Na pequenina cidade de Areia Branca no Rio Grande do Norte os comunistas escrevem a lista das pessoas que deviam ser sacrificadas e a espalharam.

Contudo, e reação do Espírita acordou sonoramente em todos os cantos do Brasil. A onda vermelha dos sátrapas mongólicas quebrar-se-á no antemural dos Tóraxs integralistas e nenhuma gota manchará a bandeira nacional.

O comunismo poderá ameaçar, matar, metralhar, divulgar sem ensino de morte sob a proteção constitucional, ter seu corpo de elite constituído por funcionários públicos em todos os estados, poderá tudo, menos vencer, dominar nossa terra, nosso passado, nossa tradição. Plínio Salgado levantou a Pátria e ela, estão marchando com os braços para as estrelas e os pés firmes e fortes nus terras nativas.²⁸⁵

A ideia não só de Cascudo, mas da maioria dos integralistas, era a de exorcizar essas ameaças, apagar os sinais da divisão social e do conflito, criar um clima de certeza e esperanças e uma fraternidade estável e duradoura.

O comunismo para o discurso conservador, representado nesse momento pelos integralistas e principalmente pela Igreja, era um movimento condenável que teria que ser extinto não só porque tentava romper com valores tradicionais, como as hierarquias sociais e de gênero, mas principalmente porque pregava acima de tudo o fim das religiões sendo, portanto, ateu. A preocupação dos católicos, segundo Amoroso Lima, era a reforma moral, através da religião, pois era dessa reforma que dependia a regeneração política, social e

²⁸⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: imaginações e notas de um professor de província*. Op. Cit. P61.

²⁸⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Morto da praça da Sé*. A Offensiva. 20 de dezembro de 1934. P02. C07.

cultural da sociedade.²⁸⁶ A Igreja tida, portanto, como a condutora natural das “massas”. Uma instituição capaz de conseguir estabilizar ou obliterar os conflitos sociais.

Como mostra o artigo abaixo:

A Igreja Católica não tem cansado no combate ao comunismo ateu. Além das reiteradas manifestações da Santa Sé, a recente Encyclica “Divini Redemptoris” constituiu formidável condenação do materialismo marxista, porém, muito antes de Pio IX e Leão XIII haviam pronunciado a condenação do comunismo ateu. O próprio Pio XI denunciou muitas vezes com urgente insistência as correntes do ateísmo que cresceu de modo alarmante em 1924, quando a missão de socorro da Santa Sé voltava de países da União Soviética. O Papa, não deixou de pronunciar contra o comunismo, uma alocução especial que se dirigia ao mundo inteiro, nas cinco encyclicas subsequentes de 1924 a 1930 levantou-se contra a perseguição aos fiéis na Rússia e na Espanha (sic).

Na sua recente encyclica “Divini Redemptoria” Pio XV, depois de analisar minuciosamente o comunismo destruidor da religião, da família, e das relações normais entre os homens explica como esse veneno pode penetrar nas massas operárias. É preciso recordar-se pelo abandono moral e religioso em que foram deixados pela economia liberal. O sistema das empresas de trabalho nem mesmo lhe dava tempo para cumprir seus deveres religiosos mais importantes, nos dias de festas não teve cuidado de construir igrejas nas proximidades das usinas, nem de facilitar a tarefa do padre, ao contrário tem é favorecido o laicismo.

Na referida encyclica, O Santo Padre compreende muito bem a evolução hábil realizada pelo comunismo russo. Esse comunismo se mostrou tal qual era em toda sua perversidade, mas bem depressa, ele se apercebeu para atrair as turbas por toda espécie de embuste, dissimulando seus próprios desígnios, sob ideais por si mesmas boas e atraentes. É assim que os chefes do comunismo fingem ser os mais zelosos e propagadores do movimento pela paz mundial. Mas, ao mesmo tempo, provocam uma luta de classes que faz correr rios de sangue.²⁸⁷

O ideal social cristão prometia nesse mundo uma sociedade pacífica e ordenada na qual “o amor leva o forte a proteger o fraco”, nas quais as “consolações da fé compensam os males inevitáveis da qual é herdeira a carne. Entretanto esse ideal social proclamado por Cristo, vive por toda a parte contrariado, em vez de paz temos guerra em vez de amor temos ódio”.²⁸⁸ Isso porque discursos como o comunista, o liberal, o feminista propagavam por toda a sociedade a possibilidade das pessoas de contestarem esse lugar “natural” instituído na sociedade patriarcal, para elas e, portanto, de se libertarem do uso arbitrário do poder da Igreja Católica e dos senhores rurais. Discursos que falam de um “surto igualitário”, da “dessacralização do

²⁸⁶ LIMA, Alceu Amoroso. O problema do trabalho. 2ª edição. Livraria Agir Editora. Rio de Janeiro. 1956.

²⁸⁷ Comunicado da Agência Nacional. O Comunismo Condenado pela Igreja. Natal. A República. 15 de fevereiro de 1938. P10.

²⁸⁸ LIMA, Alceu Amoroso. Op. Cit. P115.

discurso religioso”, da “quebra das hierarquias sociais e de gênero”, do “solapamento do direito de propriedade” e que estavam provocando a dissolução da família patriarcal e, conseqüentemente, o dilaceramento dos laços de solidariedade que caracterizavam a sociedade antes da instauração de um novo regime de verdade centrado na ciência sob a tutela do Estado e em todos os dispositivos e discursos que lhes davam suporte. Daí a necessidade de utilizarem conteúdos teológicos com vistas a sua instrumentalização para solucionar os problemas sociais e políticos existentes. A ideia era instituir um Estado forte, dotado de uma legitimidade sobrenatural. Legitimidade que provinha de Deus e que, portanto, não poderia ser questionada funcionando como escudo religioso contra as oposições debeladas.²⁸⁹

A Igreja, ou pelo menos parte dela, evidenciava a dificuldade em lidar com a realidade capitalista, mecanizada, pois o Estado moderno a tinha afastado de posições-chaves tradicionais, laicizando setores importantes da sociedade que antes estavam sob a sua tutela. Por isso, ela se torna uma grande aliada do integralismo na medida em que percebe a possibilidade de restituir seu antigo lugar de prestígio. “Ela emerge, na década de trinta, como a fonte alimentadora de forças espirituais no embate contra o materialismo”.²⁹⁰ Já que a ciência surge na modernidade como o próprio lugar da verdade, destronando Deus da explicação do mundo o que ia de encontro às ideias integralistas que tinham no topo de suas bases doutrinárias uma visão espiritualista do universo.²⁹¹

No campo espiritual não concordamos com o dogma liberal da separação entre o Estado (laicismo) nem se admite o materialismo do Estado proletário que suprime a Igreja. Defende-se sim a distinção e a cooperação entre o Estado e a Igreja, com equilíbrio e predomínio da religião verdadeira.²⁹²

Daí a grande afinidade dos ideais integralistas com discurso católico pois, ambos se opunham às interpretações materialistas e naturalistas da ciência, as visões laicizantes do positivismo principalmente na educação, quando o Estado liberal destituiu a Igreja desse papel. Até porque era a escola, sob a tutela da Igreja, a principal reprodutora da visão de mundo proposta pelo catolicismo, e que com o Estado moderno passa a divulgar novos valores, rompendo assim com os velhos estilos de vida. Por isso, que para o discurso integralista a educação deveria ficar nas mãos da Igreja.

²⁸⁹ LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Op. Cit. P18.

²⁹⁰ Op. Cit. P156.

²⁹¹ Ação Integralista Brasileira. Bases Doutrinárias – Programas de Ação. Natal. A República. 09 de julho de 1933. P09.

²⁹² Idem, Ibidem.P09

Combateamos o ensino leigo do Estado liberal, o monopólio pedagógico e anti-religioso do Estado proletário, pois a educação deve ser entregue à família, ao Estado e a Igreja, não tendo, porém, o segundo grupo nenhum poder contra os direitos legítimos dos outros dois.²⁹³

Restituir o ensino à tutela da Igreja significava para a maioria dos integralistas, dentre eles Câmara Cascudo, a possibilidade de valores como moral, fé, família, disciplina e a hierarquia, voltarem a reordenar a sociedade. Como ele afirma: “o caos social em que a maioria dos povos se encontra não é mais do que as consequências da falta de moral religiosa das massas e notadamente das classes cultas, das classes alfabetizadas.”²⁹⁴

Colocar a educação novamente nas mãos da Igreja era uma estratégia institucionalizada pelo discurso integralista que visava sobretudo o fim das desarmonias entre trabalhadores e patrões e a restituição da mulher ao lar, já que era a Igreja e a escola as principais responsáveis na reprodução da dominação e da visão masculinas, inculcando nas mulheres uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais. A escola sob a tutela da Igreja serviria como um dispositivo legitimador do discurso integralismo, como coloca Lenharo... “educar o trabalhador e a mulher, de modo a arrancá-lo de sua condição de classe, diluindo-os no corpo nacional fazendo deles pessoas ordeiras e resignadas”.²⁹⁵ E, portanto, um mecanismo estratégico que visava à produção de corpos dóceis, de subjetividades católicas preocupadas com valores morais, onde a mulher deveria voltar sua atenção para o cuidado com o lar, com os filhos e o marido.

Produzir subjetividades ordeiras, harmoniosas, como tentativa de neutralizar um possível questionamento dos sujeitos a respeito de seu posicionamento na sociedade. Ideia de naturalizar relações sociais hierárquicas onde cada sujeito tinha um papel distinto a desempenhar, onde deveriam saber e reconhecer seu lugar, havendo aquele que é responsável pelo poder, pelo domínio, onde acima está Deus, o Ser supremo.

O Integralismo distinguindo., de maneira nítida, o poder temporal e o espiritual, tem de estar particularmente atento, dentro da ordem educativa, dos reclames justos da Cidade de Deus.

Atender a Igreja é inicialmente atender a família, a quem à própria Igreja reconhece direitos primaciais na educação. Em matéria propriamente

²⁹³ Idem, Ibidem. P09.

²⁹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. Reabertura solene das aulas de religião. Natal. A República. 20 de abril de 1934.

²⁹⁵ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P38.

religiosa, do Estado nada mais compete do que prestigiar e auxiliar a ação eclesiástica desejada pelos pais.

Em todos os ramos educativos, sendo fundamental no aluno a sua essência imortal, nada deve vir em prejuízo desse plano superior, é claro, porém, que o Estado pode e deve intervir, em bem de uma justiça maior, no terreno que lhe é peculiar.²⁹⁶

Nessa tentativa de uma ressacralização social o discurso integralista tinha como principal objetivo, recolocar a Igreja Católica na cena política, cultural e social, não apenas como coadjuvante do Estado, mas como a sua principal aliada no trabalho de (re)ordenação moral e espiritual da sociedade.

Embora seja produto de um olhar moderno, o discurso integralista, em Cascudo, tinha um olhar nostálgico em relação à sociedade patriarcal, em que tudo parecia claro, fixo, estável com todas as hierarquias em seus lugares. Era composto em sua maioria por sujeitos que não escondiam o saudosismo por um tempo perdido, a que se fazia necessário retornar, o tempo da fraternidade cristã imperante nas relações sociais, nos valores morais, destruídas pela emergência da sociedade burguesa.

Somos pelo Brasil unido, pelos costumes, pelas tradições, pela família, pela propriedade, pela organização e representação legítima e única das classes, pela extinção dos partidos, pela moral religiosa, pela participação direta dos intelectuais no governo da República.²⁹⁷

A ênfase dada pelo discurso integralista sobre a participação dos intelectuais no poder, pode de ter sido um dos principais fatores que chamou a atenção de Câmara Cascudo. Enquanto erudito, esse sujeito se sentia renegado pela sociedade moderna, tendo que viver como um simples funcionário público, sem a visibilidade que ele achava que merecia ter. A possibilidade de adquirir um posicionamento na sociedade que lhe rendesse prestígio, reconhecimento e porque não um capital financeiro, surge com o integralismo. Fazendo parte desse movimento ele poderia participar diretamente no controle e nas decisões do Estado. Poderia fazer parte de um grupo selecionado de pessoas que se encarregariam de disseminar a “verdade doutrinária do movimento” e que agiriam como mediadores simbólicos entre o Estado e a sociedade. No Programa de Ação da A LB. havia um parágrafo que dizia o seguinte:

²⁹⁶ SILVEIRA, Alceu da. A Escola e a Nação. Revista Panorama. Outubro de 1935. P23.

²⁹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Notas Integralistas. Natal. A República. 30 de julho de 1933.

Ao lado dos diversos órgãos que irão compor o Estado integral, funcionará um conselho integralista constituído por representantes culturais da Nação, científicas, religiosas, artísticas, educacionais, etc., com a ampla função consultiva e fiscalizadora de todos os negócios públicos.²⁹⁸

Ocupar um lugar de prestígio parece que era tudo que Câmara Cascudo queria. Percebemos isso, quando ele fala de sua adolescência e dos conselhos que sua mãe lhe dava, qual seja, o de cursar uma Faculdade, de obter um diploma superior mesmo que não seguisse a profissão, para não ser chamado de “seu Cascudinho”, como senhor de mercearia. Conselho que dá ao próprio filho Luís Fernando.

Cascudo sempre quis ter prestígio, sempre quis ser reconhecido, sempre buscou se diferenciar das outras pessoas. A sua permanência na província explica isso. Passou sua vida inteira no Rio Grande do Norte, com medo de sair e de se tornar um sujeito anônimo, sem rosto, entre a multidão das cidades grandes, o que lhe rendeu o apelido de “provinciano incurável”. Ele queria ter responsabilidade diante da sociedade, influir diretamente sobre o povo. Se ocupar com problemas universais, trabalhar “no exemplar e no verdadeiro e justo para todos”. Ajudando na instituição de um regime de verdade que defendia um Estado harmônico, solidário, espiritual e companheiro do povo. No integralismo os intelectuais agiram como representantes do Estado, com poder para assessorá-lo na obra de ressacralização social.²⁹⁹

O Estado Moderno com seu discurso sobre igualdade e liberdade, discursos que pregavam as mudanças de valores e a “incredulidade na religião católica”, surge aos olhos dos Integralistas como algo que veio solapar o sentimento de moral, de disciplina, de obediência, de hierarquia, negando, sobretudo, a fé em Deus. Esses males que, segundo os integralistas, assolavam a sociedade na década de trinta, são vistos por sujeitos como Câmara Cascudo, como males que dissolvem antigas territorialidades e mais que isso, dissolvem subjetividades.

O discurso liberal estava rompendo com o passado e com os mecanismos de poder que haviam, até então, “dominado” a sociedade destituindo a Igreja desse lugar de autoridade que ela ocupara na sociedade patriarcal. Segundo eles, o que a burguesia queria, era “apagar as lembranças do passado que pudessem servir de obstáculos para os seus rearranjos e recomposições.”³⁰⁰ Essa busca de antigos valores, por parte do movimento integralista, foi vista pelos liberais como algo que ia de encontro as conquistas de um mundo moderno. Os

²⁹⁸ Ação Integralista Brasileira. Bases Doutrinárias – Programa de Ação. Natal. A República. 09 de julho de 1933.

²⁹⁹ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P58.

³⁰⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippe de. Op. Cit. P43.

integralistas passaram a ser vistos como pessoas que retroagiam no tempo. Os políticos de formação liberal não compreendem a nossa linguagem para eles, somos homens isolados no tempo e no espaço. Seja como for, o Integralista é o soldado de Deus e da Pátria que vai construir uma grande nação.³⁰¹ Reagindo ao discurso da liberal-democracia, os integralistas afirmavam:

O Estado Moderno nada mais fez no Brasil que concorrer para a formação e manutenção desse ambiente de agnosticismo e materialidade em que se deterioraram todas as nossas energias espirituais se é que se podem chamar as torrentes de indecisão e feminilidade que fluem obscuramente da nossa alma coletiva, ninguém mais sabe mesmo para onde. Mas esse ambiente não pode deixar de ser favorável aos erros mais grosseiros, e é da essência mesmo do erro a aquisição de qualidades extrínsecas de violência e brutalidade, sempre que se pode desenvolver livre e desimpedidamente. Que estamos, pois, presenciando? Que se está a preparar no seio dessa repugnante confusão?³⁰²

Diante dessas ameaças o integralismo tratou de construir um discurso contra a sociedade moderna pregando principalmente a necessidade de agir para reorganizar o país em ordem. Essa ideia de ordem é muito forte dentro do movimento, ideia essa que está presente até mesmo na forma de seu discurso. A ideia era ordenar o país, a família, os valores, as hierarquias. Nos diz Saldanha que “para o católico (assim como para o integralista) a ordem é o bem máximo de uma sociedade, de uma nação, de um povo. Uma ordem de que decorrem o valor do princípio de autoridade e o repúdio a toda ação revolucionária.”³⁰³

A AIB resume seus pontos doutrinários em quatro afirmativas:

Ordem política, um regime político social, buscado na doutrina integralista, ou nacional corporativista.

Ordem econômica, o regime de economia dirigida no sentido de predomínio social sobre o individual, crítica ao individualismo.

Ordem moral, um regime de cooperação espiritual de todas as forças que defendem a ideia de Deus, Pátria e Família.

Ordem intelectual, um regime de participação de todas as forças culturais e artísticas na vida do Estado.³⁰⁴

³⁰¹ CASCUDO, Luís da Câmara. Notas Integralistas. Natal. A República. 05 de novembro de 1933.

³⁰² SALDANHA, Nelson Nogueira. História das Ideias Políticas do Brasil. UFPE. Imprensa Universitária. Recife. 19968. P272.

³⁰³ Idem, Ibidem. P272.

³⁰⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Notas Integralistas. Natal. A República. 14 de julho de 1934. P05

Ordem como um dispositivo de dominação eficaz no processo de disciplinarização social engendrada pelas ideias integralistas. Ordem exatamente para se contrapor a desordem instalada pelo Estado moderno. O Integralismo, nos diz Oliveira “passa a defender todo um ideal de ordem, trazendo em si o imperativo de integrar a nação, tendo o Estado como ordenador da unidade, do equilíbrio entre as classes, e do desenvolvimento econômico”.³⁰⁵ A ideia era construir uma nova ordem política que recuperasse a totalidade harmoniosa perdida com a emergência da sociedade burguesa. Nos diz Lenharo que:

Enquanto busca a ordem o integralismo opera, no plano discursivo, com a representação de uma “ordem natural”, que move a sociedade por si mesma. O integralismo supõe a concepção de uma sociedade que se vê autossuficiente, capaz de dispor de sua própria organização. Ela se rege pela imagem de um corpo constituído sem divisão, relacionada consigo mesmo em todas as suas partes, soldada por uma aliança de identificação com o poder que a rege, sempre movida pela tendência de homogeneizar o espaço social.³⁰⁶

Harmonizar elite e plebe efetivando uma relação que visava uma obediência irrestrita ao governante. Ambas deveriam caminhar juntas, aquela criadora e dirigente e essa obediente e resignada.

Havia uma outra questão de suma importância para os Integralistas. Estavam vivendo um momento da história em que os discursos tanto da esquerda, quanto da direita enfatizavam, qual seja, o de construir a nação, de buscar uma identidade nacional. A ideia era a de que não havia uma nacionalidade formada, devido aos cosmopolitismos e artificialismos em que a sociedade burguesa emergira. Como coloca Oliveira, “o integralismo retoma a crítica ao artificialismo e a ausência de componentes nacionais da construção do país. A conclusão é de que no país o povo não adquiriu consciência de sua comunidade de interesses e necessidade”.³⁰⁷ Discurso que enfatiza a construção da nação integral contra os cosmopolitismos e defendia suas tradições católicas principalmente contra o ateísmo comunista e contra a igualdade de crenças instituídas pela liberal-democracia.

Plínio Salgado afirmava que diante desse quadro materialista em que se achava a sociedade brasileira, e ameaçava desagregar a nação, caberia ao movimento integralista, o único realmente revolucionário, reorganizar a sociedade brasileira, criar uma nacionalidade autêntica, integrando-a num único Brasil solidário e cristão. Os valores que permitiram criar a nação brasileira são, portanto, sintetizados no lema Deus, Pátria e Família.³⁰⁸

³⁰⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippe de. Op. Cit. P41.

³⁰⁶ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P153. Nessa citação substitui a palavra totalitarismo por integralismo.

³⁰⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippe de. Op. Cit. P42.

³⁰⁸ Idem, Ibidem. P43.

O sentimento de “brasileirismo”, de “nacionalidade brasileira” recebeu um enorme impulso nesse momento, como forma de se contrapor aos modelos de comportamento que vinham da Europa e dos Estados Unidos. A ideia em encontrar as “verdadeiras raízes regionais” que fizesse frente a esse cosmopolitismo esmagador de sociabilidades e que provocasse um sentimento de união a terra, a cultura. Algo que estimulasse o fortalecimento do sentimento nacional. Nos diz Costa que:

Apesar da língua e a religião integrarem a concorrente cultural em favor do sentimento nacional. Mesmo assim, a insistência em que no século XIX e início do século XX o nacionalismo era defendido e exaltado, faz supor que esses dois fatores não foram suficientes para implantar o espírito nacional na sociedade brasileira. A dependência política e econômica, as relações de trabalho e convívio social, as influências vindas da Europa, não permitiram o desenvolvimento do sentimento nacional.³⁰⁹

Mas onde e como buscar o nacional? Essa era a questão. Cascudo reclamava da ausência de componentes nacionais na construção do país. Para ele, essa situação de incertezas, desorganização, de falta de fé, dilaceramento da família, falta amor ao próximo, esfacelamento das amizades eram consequências dessa falta de coesão, ausência de uma consciência verdadeiramente nacional. Como integralista, Cascudo acreditava que o nacionalismo devia ser buscado nas nossas tradições e claro no retorno do catolicismo como razão explicadora de todas as coisas, como sustentáculo da nação, o que faz com que se preocupasse em recuperar ou criar, o que para ele, eram os traços verdadeiramente nacionais, ou seja, a cultura que ele nomeou de popular e nordestina, definida em seu discurso como uma cultura de raiz, a mais autenticamente brasileira, aquela que resistiria ao cosmopolitismo e as estrangeirices. E onde buscar essa cultura? Segundo Cascudo era no interior do país que ela estava, no sertão. Por isso, é que ele passa a estudar o interior do Brasil, mais particularmente, o interior do Nordeste pois era lá que encontraria manifestações culturais autenticamente nacionais.

O folclore brasileiro deve ser encarado com índice de nossa nacionalidade mais autêntica, pelos homens do pensamento do panorama cultural da terra. Eles devem volver suas vistas e ideais para esses caminhos, para essas fontes, que dizem melhor de nós mesmos, da nossa gente, do nosso povo, dos nossos usos e costumes, hábitos e crendices, lendas e superstições.³¹⁰

A cultura popular e nordestina passa a ser o dispositivo que iria dar uma autenticidade a nação, que uniria os brasileiros em torno de um sentimento comum, qual seja, a

³⁰⁹ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Op. Cit. P60.

³¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Acta Diurna*. Folclore no Brasil. Natal. A República. 19 de outubro de 1934.

nacionalidade. Que iria fazer com que os brasileiros se reconhecessem como pertencendo a um mesmo espaço regional, nacional. “Devemos formar um Estado autenticamente brasileiro, estruturado em economia própria, sem deturpações nem mistificações doutrinárias, dentro da nossa cultura, das nossas tradições, do nosso meio geográfico, da nossa realidade.”³¹¹ Uma unidade nacional que fizesse frente aos processos descentralizadores do desenvolvimento capitalista.

Nesse sentido, o Brasil passa a ser visto, por Câmara Cascudo, de dois modos: falta de contato com a realidade brasileira e a cópia de modelos estrangeiros. O verdadeiro Brasil, o autêntico, estaria no interior, no sertão, pois a cidade há muito vinha sendo corrompida pelos valores burgueses, e o discurso religioso também estaria aí, seria encontrado nesse povo, nesse lugar sagrado que era o interior. Lugar sagrado, porque ainda não havia sido corrompido pelos valores burgueses. O Nordeste, passa a ser representado no discurso de Cascudo, como o reino dos mitos, um espaço épico, um espaço sagrado, de uma religião autêntica, a única capaz de orientar a ação do Estado e de, portanto, reorganizar a sociedade. Segundo Cascudo...

O homem esqueceu sua ancestralidade divina e sabe que o anthopopitecus não lhe dará coisa alguma. Ele não pode renunciar a esperança e a substitui pela voracidade, pelo agnosticismo, pela negação, sintomas de sua tristonha humilhação. Nega porque não quer confiar. Não confia porque está cercado de guerras e de inimigos. Guerras e inimigos são consequências típicas de sua desorganização. Desde que o homem escolheu novamente Barrabás, escolheu implicitamente uma via sem fim e sem compensação. Bater-se-á contra si mesmo até morrer. (...) Acima de tudo, antes de tudo, no fim de tudo está Deus. Ele tudo nos deu, terras, rios, florestas, minas, mares, montanhas, inteligência e vontade.³¹²

Assim como o comunismo, o liberalismo também era visto pelos integralistas como o grande mal da sociedade chamado por Plínio Salgado de “o Grande Satã”. O Estado Moderno sustentado por esse discurso passou a intervir de maneira significativa na vida das pessoas, através de uma tecnologia política dos indivíduos, com dispositivos, com práticas discursivas e não discursivas que reforçavam o seu controle sobre a população, destituindo a Igreja e a família de muitas ocupações importantes.

Não é possível resolver nada de definitivo e do seguro dentro da doutrina Liberal-democrática, com a base fictícia das maiorias, com as descontinuidades das administrações e com as dificuldades das orientações

³¹¹ OLIVEIRA, Lúcia Lippe de. Op. Cit. P41.

³¹² CASCUDO, Luís da Câmara. Father Caglin. A Offensiva. 28 de dezembro de 1935. P03. C01.

partidárias, dirigidas para horizontes diferentes, realizando sem intenção possível, uma obra negativa e ruínosa para o Brasil. Só o integralismo constituirá o lar social e político para todos os brasileiros, trabalho estável e perpétuo, porque é constituído pela obrigatoriedade de deveres e pela igualdade de direitos em face aos interesses supremos do país.³¹³

A liberal-democracia era, portanto, o outro mal que deveria ser exorcizado sob o pretexto de evitarem uma suposta desordem pública que viesse ameaçar as estruturas conservadoras sobre as quais tentavam se apoiar. Questionavam o discurso liberal pela desordem em que deixara a sociedade é pela falta de apoio dispensada a maioria da população.

O Estado orgânico, integral é pela proteção da família, defendendo-a dos assaltos capitalistas, que tomando o indivíduo por base da sociedade é capaz de deixar uma família ao desamparo pela execução hipotecária em pignoratícias acobertadas na hipocrisia das leis.³¹⁴

Foi o que aconteceu com a família de Câmara Cascudo, quando moravam no principado de Tirol. Seu pai entra em processo de falência tendo que hipotecar a sua residência na rua Apodi com a Jundiáí, uma das casas mais bonitas que existia na cidade do Natal. Fato que magoou muito esse sujeito, pois seu pai não recebeu ajuda nenhuma, ficou desamparado, abandonado, desprotegido. E o grande responsável por isso era, segundo Cascudo, o Estado liberal, que passou a ser visto pelos integralistas, como o responsável pelo abandono da população e que por isso deveria ser minado. O poder discursivo do liberalismo estava localizado no Estado que, segundo os integralistas, traçou todo um caminho, com técnicas e táticas, com mecanismos de poder que estavam sendo investidos, utilizados com objetivo, sobretudo, de dessacralizar a sociedade, o poder da Igreja e da família. Daí a proposta da A.I.B de pulverizá-lo para fundarem outro que fosse capaz de retomar antigos valores e de recolocar o discurso religioso em seu “verdadeiro” lugar.

Declarar guerra sem tréguas a todos os movimentos que procuram apagar os sentimentos de pátria, como por exemplo o comunismo, que pretende fazer desaparecer as nações, para construir um estado universal, subordinado à Rússia, o que é inadmissível. Também combate a Liberal-democracia, que trouxe a chegada do capitalismo e os partidos políticos que só fazer alimentar ódios, regionalismos, brigas intermináveis e prejudiciais, separando filhos de um mesmo país, da mesma província e do mesmo município.

³¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. Notas Integralistas. Natal. A República. 18 de junho de 1934. P08.

³¹⁴ N/A O Estado integral. Revista Panorama. Outubro de 1935. P30.

Comunismo, capitalismo, liberalismo são, portanto, contrários aos interesses do povo, a sua felicidade, pois criam situações de privilégios, de um lado, e de misérias de outro para determinadas pessoas, sem se lembrarem de que todo tem direito à felicidade.³¹⁵

Os principais inimigos da Nação eram, segundo o integralismo, o comunismo e a liberal democracia, que estavam estilhaçando a imagem de nação, de povo como corpo uno que a Igreja veiculava na sociedade patriarcal. Para extirpar esses discursos que estava dessacralizando a sociedade, era necessário o retomo da fé, da ordem, da autoridade, da disciplina, da obediência, da hierarquia, da solidariedade, retorno esse que só seria possível através de um Estado integral.

Na base espiritual é que a sociedade encontra sua norma de vida, a fundamentação do direito e sua finalidade. Sem o reconhecimento da fonte de todas os direitos - Deus vivo e eterno — que condiciona os deveres em face uma finalidade última, a sociedade não poderá ter ordem, e cavará sua própria ruína, lançando-se ao caos da anarquia e da incompreensão. Na base política deve estar a ordem, esse espírito de ordem civil é reconhecimento de uma autoridade legítima, constante, indiscutível, ineleita, forte, paternal advinda, segundo as leis históricas, naturais de nação. Se a autoridade não é indispensável ou essencial para que exista a sociedade, que lhe é anterior é, contudo, indispensável para que haja ordem social. E isso só será possível com a instalação de um governo forte e integral.³¹⁶

A ideia era a de um Estado protetor e justo capaz de reorganizar a sociedade que estava dividida e conflituosa. E só o integralismo atrelado a Igreja conseguiria reencontrar o caminho da paz e do equilíbrio.

Cascudo vê a sociedade na qual sua subjetividade foi sendo formada, sendo esfacelada pelos valores de uma sociedade liberal. Uma sociedade marcada pela supremacia da concepção materialista da vida, sem religião, sem disciplina. Segundo esse sujeito, o liberalismo estava produzindo uma sociedade cuja única preocupação era a busca da riqueza, disputada selvagememente por todos. Obliteravam a religião, a família, os valores patriarcais, valores onde sua subjetividade foi constituída, “dessa concepção nasce uma sociedade anárquica, baseada apenas no pragmatismo científico, ignorando outros valores.”³¹⁷

³¹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. Porque a A.I.B. concorre as eleições de 14 de outubro. Natal. A República. 05 de outubro de 1934.

³¹⁶ N/A O Estado integral. Revista Panorama. Outubro de 1935. P30.

³¹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Notas Integralistas. Natal. A República. 18 de julho de 1934. P06.

Para a burguesia liberal, governar é arrecadar impostos. Que importa o sofrimento dos homens? Que importa o crescimento constante de classes exploradas ao lado de um pequeno grupo de exploradores? Que importa o acorrentamento da Nação ao capitalismo estrangeiro?

Esse é o dilema que se apresenta à nova geração. Ou seremos capazes de, num gesto viril de mocidade ativa, romper os preconceitos que atravancam o nosso caminho, formar um espírito novo e criador, organizar o Brasil sob bases moral e materialmente sólidas ou sucumbiremos debaixo dos escombros de uma pátria retaliada e miserável.

No campo intelectual, sofremos a invasão de teorias que serviriam para apressar a nossa escravização aos potentados do capitalismo estrangeiro, seja de Londres ou New York (...) a ditadura econômica e intelectual da liberal-democracia é uma monstruosa desvirtuação da nação una.³¹⁸

Para ressacralizar a sociedade, os integralistas acreditavam que, primeiramente, a família teria que ser restituída e reorganizada. Nesse sentido, a mulher deveria voltar a ocupar seu tradicional lugar de mãe, esposa e dona de casa. Tomando medidas práticas para que isso acontecesse o movimento integralista criou uma secretaria chamada de “Secretaria Provincial de Arregimentação Feminina e dos Plinianos”³¹⁹, e fundou o “Núcleo Integralista Feminino”, ambos com o intuito de divulgar as ideias integralistas entre as mulheres. A fundação desse núcleo no Rio Grande do Norte teve como primeira liderança, Dona Dahlia Freyre, esposa de Cascudo.

No dia 12 de outubro de 1934 foi fundada a primeira sessão feminina integralista do Rio Grande do Norte a 21 corrente com vultosa e selecta assistência de senhoras e senhoritas, realizou-se a fundação do Núcleo Integralista Feminino da Cidade, sendo nomeada diretora provisória Dona Dahlia Freyre Cascudo.³²⁰

A participação das mulheres nessa Secretaria se restringia à legitimação de papéis tradicionais, atuando em atividades como educação, onde cuidavam da alfabetização e de cursos profissionais como enfermagem, datilografia, culinária, corte e costura, boas maneiras, contabilidade doméstica e economia doméstica.³²¹ Eram lugares que reforçavam o tradicional papel da mulher como dona de casa, especializada no espaço privado. Eram ocupações que remetiam às mulheres ao lar, a vida privada, ensinando outras mulheres a serem boas mães, esposas perfeitas, obedientes e resignadas.

³¹⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. O Hitlerismo Invade os Estados Unidos. A Offensiva. 31 de maio de 1934. P03. C03 e 04.

³¹⁹ Ver SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P58.

³²⁰ Notas Integralistas, Natal. A República. 23 de outubro de 1934.

³²¹ SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P59.

Enquanto a mulher ficava responsável pelas obrigações que as remetiam ao espaço privado, o homem cuidava de espaços que lhes rendiam visibilidade, e de onde elas eram excluídas como os cargos de chefia (não encontrei nenhum relato falando de alguma mulher como chefe provincial, municipal ou distrital, quando muito chefe de alguma secretaria destinada para elas). Lugar em que a mulher não poderia adentrar, tal qual na sociedade patriarcal. A ideia era recolocá-las em seu devido lugar, de reorganizar as hierarquias de gênero que o discurso do feminismo e o comunismo vinham solapando com suas ideias de igualdade entre homens e mulheres. Nesse discurso, discurso integralista, os espaços estavam organizados no sentido de legitimar a diferença entre os sexos, enquanto os homens continuavam a dominar o espaço público porque um espaço de visibilidade, as mulheres reproduziam no espaço públicos atividades que eram extensões do espaço privado como serviços sociais e educativos.³²²

O Integralismo defende com o ardor a instituição da FAMÍLIA, porque sabe que é da pureza do lar, da sua segurança, que defende o futuro das pátrias. Segurança econômica e, principalmente, segurança moral. Todas as medidas que procuram enfraquecer a família, tem a nossa repulsa, o divórcio, a restrição dos nascimentos, o socialismo pedagógico, a exploração do trabalho da mãe de família fora do lar, não podem ser admitidos³²³

Para os integralistas era preciso combater tudo o que destruíra ou abalava a estrutura familiar. Era preciso encorajar tudo o que favorecia sua unidade, sua estabilidade, sua fecundidade. O divórcio, a busca da emancipação da mulher, seu trabalho fora de casa, estava provocando, segundo Câmara Cascudo, abandono da mãe com relação aos filhos que, conseqüentemente, se afastariam dos valores morais e religiosos. Tornariam-se crianças mal-educadas, como ele mesmo diz... “mal educação real, o desrespeito, a obscenidade, a grosseria, a estupidez, a sujeira moral”³²⁴ e o grande responsável por essa dessacralização familiar era o Estado moderno, que estava provocando a desestruturação da família³²⁵ pois, essa só se sustentaria com a mulher ocupando seu tradicional lugar de mãe, esposa, dona de casa, tal qual fora todas as mulheres de sua família, inclusive sua esposa dona Dahlia. Para esse sujeito o destino da mulher era o casamento, a maternidade, a vida doméstica e religiosa.³²⁶

³²² BORDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Op. Cit. P96.

³²³ CASCUDO, Luís da Câmara. Porque a AIB concorre as eleições de 14 de outubro. Natal. A República. Sexta-feira, 05 de outubro de 1934. P03.

³²⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Crianças mal-educadas. Natal. A República. 25 de setembro de 1935. P08.

³²⁵ Quando falo de família no discurso de Câmara Cascudo estou me referindo ao modelo de família patriarcal.

³²⁶ Ver suas actas diurnas. Artigos escritos no jornal. A República na década de vinte e trica do século passado.

Diante disso, Cascudo pensava num Estado paternalista aos moldes da sociedade em que sua subjetividade fora formada. Sua visão conservadora via a família patriarcal como princípio e modelo da ordem social como ordem moral, fundamentada na dominação absoluta dos homens em relação às mulheres, dos adultos, sobre as crianças e na identificação da moralidade com a força, da coragem com o domínio do corpo.³²⁷

O discurso integralista condenava, assim, todos os outros discursos que tentavam dissolver a instituição familiar.

É preciso conhecer os argumentos de que servem os comunistas no seu combate a ordem social estabelecida, para compreender até que extremos pode chegar a sua capacidade de sofisma. Todos sabemos que um dos pontos preferidos de sua prédica é a destruição da família.

Nenhuma evolução será possível, segundo o comunismo, enquanto a família e o espírito familiar existirem. Ela é uma instituição inventada pela Igreja. É preciso destruir a família.

Vemos aí, realmente de um lado, a negação da família e de outra os motivos dessa negação. (...) o objetivo é muito mais profundo e radical, e o grande inimigo, aquele que tem de ser perseguido, sem tréguas, até o último instante de vida é o amor, pois é ele, afinal que detém a mulher no lar e pode torná-la a adversária do marido quando esta é comunista.

Toda a questão está nisto: arrasar os sentimentos afetivos, superiores da humanidade e, com eles, o amor que é o seu fulcro, e por assim dizer a sua síntese.

Para que a revolução triunfe, proclamam, é indispensável a mulher. Para obter o seu concurso é indispensável tirá-la do lar, destruir nela o sentimento egoísta e instintivo de amor materno. A mulher que ama seus filhos não passa de uma cadela, uma fêmea.³²⁸

Contra todos os discursos que atentavam contra a integridade da família, o discurso do integralismo afirmava que a felicidade do homem estava na família com sua esposa pronta para lhe servir, pois se atuassem como homens elas se exporiam a perder os atributos obrigatórios da feminilidade. A atuação das mulheres nos negócios públicos poria em questão o direito “natural” dos homens às posições de poder, o que já vinha acontecendo na sociedade burguesa. Diante disso, era necessário a invenção de práticas discursivas e não discursivas que restaurasse a separação sacralizante entre homens e mulheres aos moldes da sociedade patriarcal.

Em que consiste a felicidade do homem? Nessas pequenas coisas, tão suaves, tão simples: o afago de uma mãe, a palavra de um pai, a ternura de uma esposa, o carinho de um filho, o abraço de um irmão, a dedicação dos parentes e dos amigos... tirem a família ao homem e fica o animal; façam dele a peça funcionando no Estado o autômato, infeliz rebaixado de sua condição superior. Que afeto, que conforto, que consolação poderá dar o

³²⁷ BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Op. Cit. P105.

³²⁸ N/A. A Ideia comunista de Família. Natal. A República. 09 de março de 1935. P02.

Estado a esse ente-econômico, na hora das grandes aflições, ou na hora da morte...nos instantes supremos não bestam a ciência com toda sua racionalidade, a vida pública, a vida social e a vida coletiva, o egoísmo individualista. E preciso que o coração entre na vida do homem e fale essa linguagem que não é a da compaixão de um estranho, nem de filantropia formalista, nem do amparo oficial, nem de uma absurda socialização de afetos: mas à linguagem profunda das afinidades longamente estimulados e alimentadas, ou seja, a família, o homem não podam transforma-se numa abelha ou um hermita. Ele é o centro de uma gravidade sentimental. O homem e sua família precederam ao Estado. O Estado deve ser forte para manter o homem inteiro e a sua família, pois a família é que crea as virtudes que consolidam o Estado.³²⁹

O Movimento Integralista pretendia também ampliar sua esfera de influência, principalmente junto às pessoas mais pobres, e as responsáveis por isso seria a mulher. Elas passaram, então, a estar junto a outras mulheres, retomando assim a ideia de caridade, valor que na sociedade burguesa e capitalista, segundo o discurso integralista, estavam se perdendo. A respeito disso, Giselda Silva nos diz que essa atitude das mulheres integralistas, fez com que elas comesçassem a ganhar simpatia de várias pessoas, principalmente dos pobres que as viam como assistentes sociais. Além de adquirirem a simpatia dos comerciantes locais que as ajudavam-nas nessa espécie de assistencialismo.³³⁰

Era um discurso que tentava se aproximar dessas pessoas, conseguir sua adesão ao movimento, para poder afastá-las de movimentos como o comunismo.

Falando da participação das mulheres integralista enquanto responsáveis em manter a solidariedade e a integração da família, em Pernambuco, Silva coloca:

As blusas-verdes desta cidade querem mais uma vez levar infância do pobre do Recife, alguma coisa que lhe vá alegrar o coração no dia do nascimento de Cristo. Para feliz êxito de seu desideratum, a aludida secretaria designou 04 comissões para angariar donativos no comércio desta capital, com os quais possa fazer às despesas daquela festa de caridade.³³¹

Toda essa ideia de caridade nos faz lembrar das narrativas de Câmara Cascudo. Este descrevia seus pais como pessoas caridosas, generosas, que ajudavam a todos que necessitavam. Seu pai era tido como grande benfeitor, pois na época em que disponibilizava de um capital financeiro significativo, fazia doações de terrenos para criação de bispados, de

³²⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Triunvirato Provincial do R. G. Norte. Oitava Doutrina Integralista. A Família e a Nação. Natal. A República. 10 de outubro de 1933.

³³⁰ SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P59.

³³¹ Citado por Giselda Brito Silva. Op. Cit. P59. (Retirado do jornal Diário do Nordeste, Recife, 30.11, 1937, P02)

orfanatos, de asilos de mendicidade, e também para a construção de Igrejas. Sua mãe, na época do Natal, reunia todos os brinquedos que Cascudo não mais utilizava e doava para as crianças pobres.

A tentativa de retomar a ideia de caridade cristã faz com que a A.I.B. promova eventos de cunho assistencialista com a ajuda de comerciantes locais. Além disso, as “blusas-verdes” assistiam outras mães dando orientação religiosa e familiar e visitavam creches. Tudo isso, de certa forma chamava a atenção das pessoas, principalmente dos mais pobres, que segundo o discurso conservador foram sendo abandonados pelo Estado burguês. As mulheres reproduziam, assim, o seu tradicional papel de mantenedora da ordem familiar, típico da sociedade patriarcal. Uma ideia de caridade e fraternidade para se contrapor ao individualismo da liberal-democracia e da desarmonia de classe propagada pelo comunismo, que segundo os integralistas, insuflava a desordem e o conflito. Resgatar o espírito cristão de caridade para superar o egoísmo humano e fazer com que as pessoas voltassem os olhos para o próximo.³³²

Só o Estado humano ou cristão restabelecerá a paz e a justiça social, o bem individual e coletivo, o verdadeiro conceito de liberdade e autoridade. Estado em que o regime político seja um misto de democracia, aristocracia e monocracia onde haja ordem e justiça social, autoridade, liberdade e caridade. Rejeita-se tanto democracia liberal do estado burguês como a ditadura de classe do estado proletário.³³³

As mulheres também participavam dos comícios e desfiles responsáveis pela propaganda do movimento, segundo Giselda Silva, “nessas ocasiões elas usavam ‘blusa verde’ e saia branca ou preta de acordo com sua participação hierárquica no movimento. Nesses eventos elas dissertavam sobre o papel da mulher no país, no trabalho e no lar, além de, claro, criticarem o comunismo e a liberal-democracia”.³³⁴ O Movimento Integralista era uma “estrutura de dominação das mulheres”, e que elas próprias subjetivavam, tornando-a natural e até mesmo necessária para o bom andamento da sociedade. Dominação fruto de um trabalho incessante, portanto, histórico, de reprodução e legitimação da dominação masculina, para o qual contribuiu agentes como a Igreja, uma importante aliada do Integralismo.³³⁵

Patrícias não será o feminismo quixotesco: operárias não será a torpe filosófica de Marx; mocidade não serão os partidos políticos da liberal democracia, nenhuma dessas instituições personalistas, anarquistas,

³³² LENHARO, Alcir. Op. Cit. P90.

³³³ Ação Integralista Brasileira. Bases Doutrinárias – Programa de Ação. Natal. A República. 09 de julho de 1933.

³³⁴ SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P87.

³³⁵ BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. P46.

centralizações armadas, revoluções sem Deus, sem Pátria, sem família que formarão a nação integral que aspiramos.³³⁶

A disciplina também era algo enfatizado pelo movimento numa tentativa de passar para as pessoas a ideia de um movimento bastante organizado que era exatamente para se diferenciarem do Estado liberal que, segundo eles, estava emerso no caos. A disciplina como um tipo de poder, que comportava todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação e de alvos. Portanto, é uma técnica que foi agenciada pelos integralistas como forma de fazer funcionar seu discurso e produzir, assim, efeitos de verdade. A disciplina percebida nas pequenas coisas como na forma de se vestir, de andar e de falar.

Todos, sem exceção, deveriam comprar “a camisa-verde”, no caso de homens, e a “blusa-verde”, no caso da mulher, frequentar todas as reuniões, comícios, desfiles, palestras, quaisquer atividades públicas do movimento; respeitar e obedecer aos seus superiores; comprar o material de propaganda do movimento; pagar a taxa do “sigma”, ter bom comportamento em público, principalmente não beber em todos os lugares, honrar a trilogia do movimento: Deus, Pátria e Família, cumprir com uma obrigação semanal do núcleo do qual fazia parte, sempre propagar a ideia do movimento para os que não a conheciam, não manter contato com pessoas consideradas inimigas do movimento, especialmente comunistas, sob pena de ser apontado como espião.³³⁷

A ação do movimento integralista torna-se necessária, segundo seus integrantes, frente a fragmentação individualista advinda do Estado capitalista e assume nítido caráter disciplinar, contra a pressão desintegradora do Estado moderno. Seus planos de construção de um Estado integral só seriam possíveis dentro da disciplina, enquadrados dentro da ordem, com um governo forte.³³⁸ O movimento vai sendo assim, dotado de uma visibilidade e uma dizibilidade, agenciado por um conjunto de imagens que remetiam a ideia de ordem, de harmonia, de obediência, pois juntamente com a disciplina havia também a hierarquia.

Um profundo movimento de ideais debaixo de um sentido único de disciplina. E em torno de sua trilogia de ordem, hierarquia, disciplina, jamais afastar-se-á sob qualquer aspecto. A ela devem prestar obediência todos os seus filiados do mais humilde ao mais graduado.³³⁹

Primeiro em relação homens e mulheres, onde as hierarquias do gênero foram, de certa forma, retomadas e entre os próprios homens. Nos diz Helgio Trindade que:

³³⁶ SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P87.

³³⁷ SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P94.

³³⁸ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P67.

³³⁹ Citado por SILVA. Giselda Brito. P42.

A estrutura da A.I.B. desde os chefes até os militantes de base forma uma organização burocrática e totalitária. A burocracia da organização manifesta-se através de um complexo de órgãos, funções, papéis, comportamentos previstos minuciosamente pelos estatutos, resoluções do chefe e rituais. O caráter totalitário é percebido através das relações rígidas entre os órgãos de enquadramento disciplinado dos militantes e da submissão autoritária e fidelidade aos superiores.³⁴⁰

A ideia de hierarquia é ressaltada aí onde todos, sem exceção, deveriam obedecer em primeiro lugar ao líder nacional Plínio Salgado, como coloca Cascudo:

Ao vestirmos a camisa verde juramos fidelidade diante da vida e diante da morte ao chefe nacional Plínio Salgado que sofre conosco, que marcha conosco pregando que chefiar é SERVIR (...) duas forças nos distinguem de qualquer partido político, pois nos coloca fora e acima de todos eles: o espírito da rígida disciplina e a expressão espiritual. Nós somos uma milícia e temos uma fé. Lutamos acima de tudo por uma ideia.³⁴¹

Depois vinham os chefes provinciais, lugar ocupado por Câmara Cascudo. Giselda Silva coloca que as obrigações dos chefes provinciais eram as seguintes:

Responsabilidade intelectual, política, moral, econômica e financeira da A.I.B. na província; a direção de todos os departamentos provinciais; o comando das forças integralistas provinciais, indicando nomes a chefia nacional, para entre eles, ou fora deles, ser nomeado o comandante provincial, a livre nomeação e a promoção de qualquer autoridade integralista província (...) nomeação dos membros do conselho provincial, a nomeação dos chefes municipais, a aprovação das gestões dos chefes municipais e distritais, a convocação de congressos para tratar, exclusivamente, de assuntos da província; a determinação das reuniões, paradas, desfiles, comemorações, etc.³⁴²

Enquanto chefe provincial Cascudo retoma o lugar de destaque tão ambicionado por ele. Já que não podia mais atualizar modelos de masculinidade e virilidade típicos da sociedade patriarcal, impossibilitado que estava de ser um “coronel” como foi seu pai e seu avô. Homens enérgicos, líderes de um povo, sustentáculos de um mundo. No integralismo ele passa a ocupar um lugar de visibilidade, não como um coronel no sentido patriarcal do termo, mas como líder e com poder de mando.

³⁴⁰ TRINDADE, Hégio. Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30. Rio de Janeiro: Difel. 1979. P161 e 162.

³⁴¹ CASCUDO, Luís da Câmara. Porque o A.I.B. concorre as eleições de 14 de outubro. Natal. A República. 05 de outubro de 1934.

³⁴² SILVA, Giselda Brito. Op. Cit. P79.

Depois vinham os chefes municipais e por fim os distritais, enquadrando-se numa ordem rígida e disciplinada. Os próprios desfiles seguiam uma rígida disciplina e eram também hierarquicamente organizados. O integralismo queria demonstrar para todos a ideia de ordem e respeito. Como coloca Giselda Silva:

Normalmente o desfile chamava muita a atenção do público com a imagem de um movimento sério, disciplinado, aos moldes militares. Os militantes adotavam uma postura militar quando cantavam o hino do integralismo e o hino nacional. O juramento do chefe nacional e ao movimento também tomava a forma de ritual.³⁴³

Aqui, o corpo é colocado na ordem do discurso integralista. Há todo um investimento no corpo, um controle, uma regulamentação do poder sobre o corpo, todo um investimento em posturas e signos para fazer com que o corpo falasse e falasse sobre ordem, hierarquia, disciplina. Corpo tornado efeito e produtor de saber.³⁴⁴ Corpo carregado de signos, dotado de uma postura militar, de todo um ideal de respeito, de moral, de ordem, de signos e significados presentes no modo de caminhar, quando cantavam o hino integralista e o hino nacional. Todos os movimentos se davam na forma de um ritual, onde o corpo surge como peça principal, para evocar os valores de uma sociedade que para eles era sagrada, ou seja, a sociedade patriarcal. Daí a militarização do corpo num movimento profundamente hierarquizado, no qual cada sujeito sabia exatamente qual era o seu lugar, e esperava-se que estivessem atentos as ordens a serem acatadas. Para os integralistas, “os sentimentos patrióticos de um povo desmilitarizado diluem-se e tornam-se ineficazes, não podendo jamais constituir o elemento inspirador e animador de um verdadeiro civismo.”³⁴⁵

Militarização do corpo que nos faz lembrar do próprio corpo do pai de Cascudo, coronel Francisco Cascudo, sujeito que pertenceu ao Batalhão de Segurança do Rio Grande do Norte, cujo corpo militarizado estava carregado de signos e de significados como disciplina, hierarquia e honra. “Corpo militarizado onde o cidadão é obrigado a dar sua vida, verter seu sangue para salvação do corpo maior da pátria, se necessário.”³⁴⁶ Como coloca Cascudo:

Contra a displicência e a dubiedade, contra a ausência de atitudes másculas, envergamos uma camisa verde simbólica, como um desafio aos inimigos da pátria. Sorri-nos a certeza da vitória, ela virá matematicamente certa.

³⁴³ Op. Cit. P80.

³⁴⁴ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Op. Cit. P157.

³⁴⁵ Idem, Ibidem. P200.

³⁴⁶ Idem, Ibidem. P200.

Pacífica se for possível, violenta com o sacrifício do nosso sangue, se a tanto formos levados.³⁴⁷

O corpo estava na ordem do dia. O Estado moderno como podemos perceber incidiu seu discurso de verdade, seus mecanismos de poder sobre o corpo dos sujeitos. Não foi diferente com o integralismo, já que o corpo se tomou na modernidade, como afirma Foucault, “uma superfície de inscrição dos acontecimentos, espaço experimental de conflitos e da coexistência da repressão e de incitamentos.”³⁴⁸ Utilizando-se do corpo, o discurso integralista foi imprimindo formas que visavam a sua militarização, para transformá-los em corpos dóceis e perfeitos, pois:

O corpo fisicamente educado facilitaria o desenvolvimento das mais elevadas faculdades morais. A militarização espiritual, percebida através do corpo, asseguraria os atributos de um corpo dócil, sacralizado, solidário, obediente, com códigos de condutas, ideal de vitória, senso de superioridade, perseverança, confiança, consciência”.³⁴⁹

Hierarquia, ordem, disciplina, autoridade, nacionalidade, Igreja, família, mulher, corpo. Esses são, portanto, os valores, sujeitos e instituições em que se pautava o discurso integralista. A ideia era repor as hierarquias sociais e de gênero, era recolocar a mulher no seu tradicional lugar, era uma busca pela autoridade, era à tentativa de um retorno à disciplina, à ordem. Era, em Câmara Cascudo, a tentativa de construir a nação a partir da ideia de cultura popular nordestina. Cultura encontrada no interior, no sertão. Todos são valores de uma sociedade onde a subjetividade de Cascudo e de muitos integrantes do integralismo, foi formada, a sociedade patriarcal, onde o discurso religioso era visto como o ordenador do mundo, como o único capaz de trazer ordem e estabilidade à sociedade. O retorno desses valores representaria exatamente uma ressacralização social e a possibilidade de uma estabilidade subjetiva/identitária. Contudo, nem o Movimento Integralista, nem a subjetividade de Câmara Cascudo resistem a essas mudanças, ambos não conseguem “brecar” o processo de dessacralização social levado a cabo pelo Estado moderno, burguês, capitalista, utilitário e individualista e terminam por serem esfacelados. O integralismo é desintegrado ainda na década de trinta, o modelo de subjetividade que Cascudo tentava preservar também.

Luís da Câmara Cascudo morreu em 1986, muita coisa já havia acontecido desde as primeiras décadas do século XX e apesar de ele tentar resistir as mudanças subjetivas, sua subjetividade caracterizada nesse período, por ser patriarcal, católica e integralista, também

³⁴⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. O Hitlerismo invade os Estados Unidos. A Offensiva. 31 de maio de 1934. P03. C03 e 04.

³⁴⁸ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P122.

³⁴⁹ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P77.

passou por profundas transformações, foi construída e desconstruída muitas vezes. Na década de quarenta ele adere ao pan-americanismo e oblitera de suas narrativas a sua admiração pela monarquia e principalmente extirpa de sua produção discursiva e de certa forma faz com que muitas produções discursivas que falam sobre ele, silenciem a sua participação no Movimento Integralista.

Da sua participação nesse movimento só restou seus relatos nos jornais do período, ou seja, da década de trinta, em algumas revistas como “A Offensiva” e a revista “Panorama”, que a família não pôde apagar, também algumas fotografias que nos dias de hoje vivem na clandestinidade, estão nas mãos de outras pessoas que de forma alguma se atrevem a divulgá-las, pois entrariam em choque com o poder da família Cascudo. Sobre a sociedade patriarcal só restaram as lembranças e, é claro, a saudade. Toda a sua produção discursiva é marcada pela saudade de uma sociedade que se fora. Saudade da Idade Média, saudade da escravidão, da monarquia, da sua situação de fausto e prestígio que viveu na Natal dos anos dez, no principado de Tirol, onde as garotas o chamavam de “Príncipe”. Saudade dos mimos que recebia de pessoas ilustres, saudade de um tempo onde o discurso do catolicismo era quem dizia a verdade das coisas, cabendo aos homens apenas interpretá-los. Mas que sentimento é esse?

Saudade é um sentimento de quem se percebe perdendo pedaços queridos do seu ser, de sua vida, dos territórios que construiu para si. Sentimento tão pessoal, a saudade, no entanto, também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu sua vida se transformar para pior, que viu os símbolos do seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história.

A saudade é a lembrança do que passou, mas também uma forma de manter estas lembranças vivas. Saudade é o desejo de revivência, de restauração, de preservação, de conservação dos instantes e processos fugidios do passado. Saudade é vontade de paralisar a corrida do tempo, de eternizar um momento, de encontrar pelo cominho as mesmas sensações, de viver no reino da semelhança, da repetição, da identidade e de tradição.³⁵⁰

Para Luís da Câmara Cascudo só restou mesmo a saudade. A sociedade na qual sua subjetividade foi sendo constituída tinha ido embora e todas as suas tentativas de mantê-la viva morreram, se esfacelaram, não suportaram esse mundo que se mostrou cada vez mais dessacralizador. Mundo moderno, mundo pós-moderno.

³⁵⁰ ALBUQUERQUE Jr. A Invenção do Nordeste e outras artes. Op. Cit. P105.

Enfim, buscando-se a si mesmo Câmara Cascudo descobriu sua própria inexistência. Pretendendo descobrir seu destino, descobriu que todo destino se inventa sobre a ausência de destino. Buscando um lugar seguro no qual se fixar, Cascudo descobriu o não-lugar, um aí onde nunca pôde se estabelecer, um aí onde encontrou o gosto ácido do devir, da metamorfose. Procurando eliminar o que era estranho ao seu eu, encontrou a estranheza mais radical. Buscando a permanência no tempo, uma continuidade e a estabilidade no tempo, encontrou no próprio tempo o elemento da dessemelhança, da distância e da diferença. Buscando uma subjetividade estável e sem falhas, encontrou uma subjetividade aberta e desestabilizadora. Uma subjetividade em movimento assegurada por uma linguagem também em movimento.³⁵¹

³⁵¹ LARROSA, Jorge. Os paradoxos da Autoconsciência. In: *Pedagogia Profana – Danças, Piruetas e Mascarados*. Op. Cit. P40.

5 CONCLUSÃO

Muito frequentemente a palavra liberdade nos soa falso quando a escutamos e não tem qualquer sabor quando a pronunciamos. Mas às vezes ela se oferece a alguém que desejaria apresentá-la como uma nova verdade, como um novo sabor, ainda que para ela seja preciso libertar a liberdade de todas essas falsificações que se aderiram a ela e que secretamente a povoam.³⁵²

Jorge Larrosa

O conhecimento de si ocupa na modernidade um lugar central, isso se dá devido aos dispositivos, aos códigos morais, as tecnologias, aos mecanismos, aos discursos que são postos para funcionar em todo corpo social, que tentam se apossar do sujeito e da nossa mente através do exame do “eu”, afim de nos constituir, tentando elaborar para nós, identidades, como aconteceu, por exemplo, com Herculine Barbim do qual fala Foucault em “O verdadeiro Sexo”. Nesse texto, Foucault nos mostra que a partir do século XIX houve uma exacerbação na busca de uma identidade, do “verdadeiro sexo” do sujeito. Discursos como o médico, o jurídico, o político, trabalharam em torno de uma busca da verdade do sujeito, como no caso dos hermafroditas pois, durante séculos, admitiu-se que esses sujeitos convivessem com os dois sexos, na Idade Média, “cabia ao pai ou ao padrinho escolher, no momento do batismo, o sexo que deveria ser mantido, se fosse o caso aconselhava-se a escolher dentro os dois sexos o que parecesse dominar, o que tivesse maior vigor ou maior calor”.³⁵³ A medicina, o direito, o Estado, enfim, todo um conjunto de regras de produção de verdade, passaram a trabalhar em conjunto a favor de um controle cada vez mais rigoroso sobre o indivíduo. Um saber classificatório que violenta e que não aceita mais a ideia de o sujeito não ter uma identidade, essa se torna necessária para assegurar uma unidade e uma ordem social, como se nós sujeitos possuíssemos uma “verdade” que estaria lá no íntimo do nosso “eu” esperando apenas para ser descoberta. Como se possuíssemos uma essência que nos conduziria a vida inteira, que regeria nossas atitudes e nossos discursos.

Nesse sentido, o mundo moderno é um mundo que vigia, que reprime, que impõe. É o mundo onde proliferaram discursos a serviço dos poderes na tentativa de cobrarem uma norma ou uma identidade. Como coloca Foucault:

Desenvolveu-se no Ocidente, ao mesmo tempo que o capitalismo, toda uma série de técnicas para vigiar, controlar, se encarregar do comportamento dos indivíduos, de seus atos, de sua maneira de fazer, de sua localização, de sua

³⁵² LAROSSA, Jorge. A Libertação da Liberdade. In: Retratos de Foucault. P328.

³⁵³ FOUCAULT, Michel. O Verdadeiro Sexo. In: Foucault, Ética, Sexualidade e Política. Coleção Ditos & Escritos. Vol. V. Manoel Barros da Mota (org). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. P82 à 91.

residência, de suas aptidões, mas esses mecanismos não tinham como função essencial proibir.³⁵⁴

A busca de uma identidade persiste, e de forma muito mais organizada, mais eficiente. Ela está sempre sendo procurada, seja pela psicanálise, pela psiquiatria, pela psicologia e até mesmo pela opinião pública. Contudo, não estamos presos numa rede discursiva de forma que podemos construir outros espaços de possibilidade pois, se há relações de poder em todo o campo social ons diz Foucault, é porque há liberdade por todos os lados. E liberdade significa, para esse filósofo francês, produzir no agora uma diferença, a diferença entre o que somos (o agora) e o outro daquilo que somos, o que viemos a ser (o atual). Devemos desfamiliarizar, desnaturalizar, desmaterializar e desconfiar do presente, solapar suas certezas, abri-las a um vir a ser sem projetos e sem promessas.³⁵⁵ Criticando o presente, Foucault, está tentando nos mostrar que aquilo que somos é arbitrário e contingente, que nossa subjetividade depende da nossa vontade, ele quer colocar em questão o habitual, nas suas próprias palavras.

É preciso converter aquilo que somos em problema, o habitual em insuportável, o conhecido em desconhecido, o próprio em estranho, o familiar em inquietante. Trata-se não de conhecer nossa identidade, mas de dissociá-la, de dividi-la, de dissipá-la, de pluralizá-la, de nela produzir diferenças e descontinuidades.³⁵⁶

Liberdade é, portanto, o acontecimento, a experimentação, a transgressão, a ruptura, criação. A liberdade, essa só podemos sentir na experiência, no risco.

A liberdade não é outra coisa senão aquilo que acontece na experiência de um ser que não pode dar nada por duradouro, nem seu saber, nem seu poder, nem sua vontade, nem sequer a si mesmo, é que, justamente por isso, salta para fora de tudo o que mantinha seguro e assegurado, dono de si, idêntico a si mesmo”.³⁵⁷

A liberdade é a capacidade do sujeito de criar o presente, não só de criá-lo, de questioná-lo, estabelecendo laços críticos com o mundo, com os outros e com o saber. É estar sempre mudando, sempre experimentando, sempre criando. O sujeito não pode se tornar refém do seu próprio tempo, do seu cotidiano, da sua cultura.

Nesse sentido, esse trabalho foi uma tentativa de produzir outros espaços de experimentação. Fazer uma história da produção da subjetividade de Luís da Câmara Cascudo foi a tentativa de produzir outros lugares de possibilidade, foi a tentativa de mostrar a outras pessoas que nós sujeitos somos construções históricas, mas não acabada e sim, sempre por

³⁵⁴ FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Poder. In: Foucault, Ética, Sexualidade e Política. Coleção Ditos & Escritos. Vol. V. Manoel Barros da Mota (org). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004. P74.

³⁵⁵ LARROSA, Jorge. A Libertação da Liberdade. Op. Cit. P330.

³⁵⁶ LARROSA, Jorge. Op. Cit. P331.

³⁵⁷ LARROSA, Jorge. A Libertação da Liberdade. Op. Cit. P334.

fazer, e como tal, não possuímos uma verdade, que estaria lá no íntimo do nosso “eu”, esperando apenas para ser descoberta, que a nossa subjetividade nos é “dada” através de “muitos sistemas, de pensamento dispersos, corpos de discursos e práticas que permitem identificar-se como indivíduos e como coletividade”.³⁵⁸ Portanto, não é uma essência, não está na ordem da origem, mas da produção. Podemos perceber isso no primeiro capítulo: *A (auto) constituição do sujeito Luís da Câmara Cascudo*.

Trabalhando a produção discursiva de Luís da Câmara Cascudo sobre sua infância, mostrei que o perfil subjetivo que marcou sua vida até o final da década de trinta foi constituído historicamente na e pela sociedade patriarcal, principalmente pelo discurso religioso, percebido através de sua família, das leituras, das histórias ouvidas através de suas “mães pretas”, dos seus primeiros professores, das amizades sedimentadas na Faculdade de Direito do Recife.

Foi uma tentativa de mostrar como o próprio sujeito se constitui dessa ou daquela forma determinada, como sujeito de discurso, sujeito de saber, através de um certo número de práticas, que são os jogos de verdade, práticas de poder, recusando assim um a priori que o definiria de antemão, porém levando em consideração as relações existentes entre os sujeitos e as práticas de si. Foi uma tentativa de mostrar quais os discursos que ajudaram esse sujeito a se constituir, a constituir uma suposta identidade, que ele insistia em preservar. Percebemos, com isso, que a nossa subjetividade além de ser uma construção histórica, ela é fluxo, é móvel, ou seja, pode se modificar, não está dada de uma vez por todas.

No segundo capítulo: *A emergência da modernidade e o choque com uma subjetividade religiosa dentro de um mundo que se dessacraliza*, mostrei que a dessacralização social vivenciada dentro por Luís da Câmara Cascudo nas primeiras décadas do século XX, devido a emergência de uma sociedade marcada, sobretudo, pela falta de estabilidade, uma sociedade sem “segurança ontológica”, ou seja, a sociedade moderna, foi influenciada em grande parte pelo discurso religioso do catolicismo, o que provocam nesse sujeito a tentativa de (re) sacralizar um espaço em processo de dissolução, o Nordeste, e de construir uma identidade para o habitante desse espaço, o nordestino, através da invenção do que ele chamou de cultura popular e nomeou de nordestina. A tentativa de construir uma “heterotopia do tempo”, ou seja, uma espécie de museu onde tudo ficasse resguardado da corrosão provocada pela historicidade, um outro espaço pautado em aspectos do passado, refletiu o desejo de Cascudo de inverter esse presente marcado pela emergência da sociedade

³⁵⁸ FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de si como prática da Liberdade. In: Foucault, Ética, Sexualidade e Política. Manoel Barros de Mota (org). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004. P277.

burguesa. Refletiu o medo desse sujeito de não ter espaço nessa nova ordem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo se esvaziar, de ser pulverizado pelos valores burgueses.

Diante disso, o que fazer contra esses fluxos incessantes nessa sociedade moderna, se se nasce e é de certa forma criado numa sociedade patriarcalista, cuja subjetividade é pautada no discurso sacralizador do catolicismo? Luís da Câmara Cascudo encontrou a resposta no integralismo.

Nesse sentido, no terceiro capítulo: *A tentativa de Luís da Câmara Cascudo de uma ressacralização social através do integralismo*, mostrei que a tentativa desse sujeito de construir um espaço seguro e de manter uma estabilidade subjetiva, fazendo com que, na década de trinta, se filiasse ao integralismo, também é reflexo de uma subjetividade católica. Uma subjetividade que tinha medo dos fluxos incessantes que estavam colocando em xeque seus habituais contornos. Um sujeito “viciado em identidade” que tentou de todas as formas encontrar um abrigo, nesse mundo turbulento, onde sua suposta identidade ficasse segura.

A fuga para o integralismo foi uma forma de anestesiar esse processo e trazer de volta antigos valores como bondade, coragem, fé, disciplina, caridade, hierarquia e ordem. Valores que caracterizaram a sociedade patriarcal, sociedade em que uma subjetividade foi formada e que, segundo esse sujeito, estavam sendo esfaceladas, dessacralizados pelos discursos que davam suporte ao Estado moderno, como o positivista, o comunista, o feminista, enfim. Contudo, percebemos que essa subjetividade integralista não consegue resistir a essas mudanças, não consegue “breçar” esse processo de dessacralização social levado a cabo por esse Estado burguês, capitalista e individualista, como afirmavam os próprios integrantes da A.I.B., e é esfacelada ainda na década de trinta, assim como o próprio movimento.

Mesmo assim, Luís da Câmara Cascudo construiu uma identidade para o Nordeste como sendo um espaço sacro, épico e antimoderno, e imagens para e nordestino como sendo ingênuo, rústico, cômico e infantil. Contudo, já que esses estereótipos são construções, por que não desconstruímos, porque não procuramos outros lugares de possibilidade, porque não praticarmos a liberdade. Praticar a liberdade, nesse caso, é desconstruir esses estereótipos tão bem subjetivados por nós, que na maioria das vezes não chegamos nem ao menos a questioná-los, pois não costumamos historicizar nossas práticas e, ao fazemos isso, é comum termos um choque ao notar como elas, exportadas constantemente para fora da região não passam de uma imagética elaborada a partir de toda uma rede discursiva.

Portanto esse trabalho significou a tentativa de desnaturalizar esse lugar criado, na produção discursiva de Luís da Câmara Cascudo, para nós habitantes da região Nordeste, de

povo alegre, festivo, ingênuo e infantil. A tentativa de questionar esses lugares que nos são dados como naturais na ordem estabelecida e mostrar que essa verdade é passível de dissolução, pois é efeito do poder instituinte. Devemos dessacralizar e desnaturalizar aquilo que nos chega do passado como natural, e perceber que supostas verdades tão bem legitimadas só foram possíveis em determinado momento, aqui particularmente nas primeiras décadas do século XX, e que estas verdades discursivas e não discursivas estão ligadas à posições políticas específicas de seus inventores, dentre eles Câmara Cascudo é, portanto, fruto de uma arqueologia de saberes e de uma genealogia de poderes.

Também não devemos esquecer que a liberdade é uma construção. O que pode parecer liberdade para alguns, pode não ser para outros. E caso uma determinada prática tida como libertária seja feita constantemente, ela deixará de ser uma reação ao discurso imposto, transformando-se em uma nova regra. É por isso que devemos estar a todo momento criando novas práticas e abandonando-as, estar sempre num estágio de crítica do mundo e perceber que mesmo assim, é impossível imaginar que um dia todos seremos livres, pois não há um final feliz para a humanidade, nem mesmo haveria um fim propriamente dito.

Devemos assim questionar as formas de pensamento em nossa sociedade que tentam nos prender a determinados conceitos e estereótipos, contudo, esse questionamento não deve ser seguido de um desejo por uma nova filosofia para o mundo, mas sim, apenas trazer à tona uma nova forma de pensar, ou seja, de entender as coisas. Também é importante lembrar que nós não somos a fonte ou a imagem da liberdade, mas somos aquilo que constantemente libertamos, ou seja, aquilo que estamos constantemente colocando em questão, o que devemos libertar são as nossas próprias formas históricas de nosso ser individual e comunitário. Diante disso, devemos entender que os estereótipos culturais criados para nós são modelos de subjetividade sistematicamente trabalhados na sociedade da qual fazemos parte. Portanto, podem ser desconstruídos, pois, “sempre há possibilidade, em determinado jogo de verdade, de descobrir alguma coisa diferente e de mudar mais ou menos tal ou tal regra, e mesmo eventualmente todo o conjunto do jogo de verdade.”³⁵⁹

³⁵⁹ FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. Op. Cit. P282.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo, Cortez; Recife. Massangana, 1999.

_____. **De amadores a desapaixonados: Eruditos e Intelectuais como distintas de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo**, Barcelona (Mimeo) 2002.

_____. **Michel Foucault e a Mona Lisa ou de como escrever a história com um sorriso nos lábios**. Texto apresentado no colóquio a Foucault em Campinas, SP. 2004

_____. **Nordestino: Uma invenção do falo. Uma História do gênero masculino no Brasil**. Editora Catavento, 2002. (texto mimeografado).

_____. **O morto vestido para um ato inaugural. Luís da Câmara Cascudo e a invenção histórica da ideia de cultura popular nordestina**. Editora Catavento 2000.

BEVILÁQUA. Clovis. **História da Faculdade de Direito do Recife**. 2ª edição. Brasília. INL 1977.

BIRMAN, Joel. **Entre o Cuidado e o Saber de Si**. Ed. Graal 2000.

BOURDIEU. Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999.

BRANCO, Guilherme Castelo e PORTOCARRERO, Vera (orgs) - **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro. NAU. 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia de Pedro Velho**, Departamento de Imprensa. Natal. 1954.

_____. **O Tempo e Em (confidências e proposições)** Natal. Imprensa Universitária, 1968.

_____**Pequeno Manual do doente aprendiz.** Imprensa Universitária. Natal, 1963.

_____**Viajando o Sertão.** Natal. Imprensa Oficial, 1934.

_____**Tradição, Ciência de Povo.** Editora perspectiva. São Paulo, 1971.

_____**Folclore do Brasil.** Editora Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1967.

_____**Geografia dos Mitos Brasileiros.** Livraria José Olympio editora. 2ª edição. Rio de Janeiro, 1978.

_____**Geografia do Brasil Holandês.** Rio de Janeiro. José Olympio. Rio de Janeiro, 1956.

_____**História da Alimentação no Brasil.** Belo Horizonte. Itatiaia, São Paulo. Natal. EDUSP. 1984.

_____**Ontem: Imaginações e notas de um professor de província.** Reimpressão. Natal, EDUFRN, 1998.

_____**Prelúdio e fuga do real.** Fundação José Augusto. RN. 1974.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural.** Campinas. – São Paulo: Papirus. 1995.

COSTA, Jurandir Freire. **A Face e o Verso. Estudos sobre o homoerotismo II.** São Paulo. Editora Escuta LTDA. 1995.

_____**Ordem Médica e Norma Familiar.** 3ª edição. Rio de Janeiro, Graal. 1989.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** 1972 – 1990. Rio de Janeiro. Editora 34. 1992.

DELEUZE, Gilles, e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 03. Rio de Janeiro. Editora 34. 1996.

DELGADO, Andréa Ferreira. A rede de memória e a invenção de Cora Coralina. In: **O Biográfico: Perspectivas interdisciplinares**. (org). Benito Schmidt. Santa Cruz do Sul – EDUNISC, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. 12ª edição. Rio de Janeiro. Graal. Paz e Terra. 1997.

_____. **Arqueologia do Saber**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1986.

_____. A Vida dos Homens Infames. In: **O que é o Autor?** Lisboa Vegas/Passagem. 1992.

_____. **Foucault, Ética, Sexualidade e Política**. (org) Manoel Barros da Mota. Coleção Ditos & Escritos, Vol. V. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2004.

_____. O que é um autor? In: **Foucault: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. (org) Manoel Barros da Mota. Coleção Ditos & Escritos, Vol. III. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2001.

_____. Outros Espaços. In: **Foucault: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. (org) Manoel Barros da Mota. Coleção Ditos & Escritos, Vol. III. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2001.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões**. Editora Vozes Petrópolis, 1987.

_____. **Microfísica do Poder**. Roberto Machado (org). Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro. José Olympio, 1959.

_____. **Casa grande & senzala**. Imprensa Oficial. Recife. 1966.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Edições Loyola. São Paulo. 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (direção). O pensamento brasileiro sob o Império. In: **O Brasil Monárquico. Reações e Transações**. Tomo II, Vol. III. Difusão Europeia do Livro. SP, 1967.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana. Danças, Piruetas e Mascaradas**. Belo Horizonte. Autêntica, 1999.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. 2ª edição. Campinas, São Paulo. Papirus. 1986.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Problema do Trabalho**. 2ª edição. Livraria Agir Editora. Rio de Janeiro, 1956.

MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber: A trajetória da Arqueologia de Foucault**. 2ª edição. Edições Graal. Rio de Janeiro. 1981.

MENEZES, Lená Medeiros de. Rio de Janeiro. Nas Trilhas do Progresso: Pereira Passos e as posturas Municipais (1902 – 1906). In: SOLLER, Maria Angélica e MATOS, Maria Izilda S. (orgs). **A Cidade em debate**. São Paulo. 1999.

Os Indesejáveis. Rio de Janeiro. EDUERN, 1997.

MICELLI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920 – 1945)**. São Paulo. Difel, 1979.

MELICH, Joan-Carles. A Palavra Múltipla: por uma educação (po) ética. In: **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Jorge Larrosa (org). Belo Horizonte. Autêntica, 2001.

MOURA, Sérgio Lobo de. e ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. A Igreja na primeira República. In: **O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições** (org). Boris Fausto. RJ – SP. Difel, 1978.

NAGLE, Jorge. A Educação na Primeira República. In: **O Brasil republicano: sociedades e instituições**. (org) Boris Fausto. Vol. III. Difel RJ – SP. 1978.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Martin Claret. São Paulo. 2004.

OLIVEIRA, Gildson de. **Câmara Cascudo, um Homem chamado Brasil**. Brasília, Brasília Jurídica, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippe de. (org). **Elite Intelectual e Debate Político nos anos 30**. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 1980.

ORTEGA. Francisco. **Amizade é estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1999.

PEREIRA, Nilo. **Conflitos entre a Igreja e o Estado no Brasil**. Recife. Editora Massangana, 1982,

_____. **O Compromisso das faculdades de Filosofia com a Realidade brasileira. Imprensa. UEPB. Paraíba, 1965.**

RAMOS, Arthur. **Estudos do Folk-Lore: Definição e limites**. Teoria da Interpretação. 2ª edição Revista. RJ.

REALE, Miguel. **Obras Públicas: Primeira Fase: 1938-1937**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1983.

ROLNIK, Suely. **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. Campinas, SP. Papirus, 1957.

SALDANHA, Nelson Nogueira. **História das ideias políticas no Brasil**. UFPE. Imprensa Universitária, Recife, 1948.

_____. **O Pensamento Político no Brasil. Editora Forense. Rio de Janeiro, 1978.**

SALGADO, Plinio. **Que é Integralismo?** 3ª edição. Schidt. Rio de Janeiro, 1935

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Giselda Brito. **A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932 – 1938)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

TRINDADE, Hégio. **O Integralismo: O Fascismo Brasileiro na década de trinta.** Rio de Janeiro, Difel, 1979.

VEYNE, Paul. Foucault Revolucionaria a História. In: **Como se Escreve a História.** São Paulo. Martins Fontes, 1983.

APÊNDICE A – ÍNDICE DE OBRAS ENCONTRADAS DE CÂMARA CASCUDO EM PESQUISAS NO IHG/RN E ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RN

Pesquisa feita no IHG – RN localizado em Natal

A Imprensa 1919

CASCUDO, Luís da Câmara. Bric-à-Brac. Natal. A Imprensa. 29 de agosto de 1919.

CASCUDO, Luís da Câmara. Uma tarde triste. Natal. A Imprensa, 31 de agosto de 1919.

CASCUDO, Luís da Câmara. Arabescos. Natal. A Imprensa, 12 de outubro de 1919.

CASCUDO, Luís da Câmara. Bric-à-Brac. Natal. A Imprensa, 19 de outubro de 1919.

Pesquisa feita no Arquivo Público do Estado do Rio Grande Natal localizado em Natal.

1931

N/a Dois conceitos antagônicos. Natal, A República, 16 de março de 1931.

CASCUDO, Luís da Câmara. A camisa de Lopez no museu do Ipiranga. Natal, A República. 29 de abril de 1931.

CASCUDO, Luís da Câmara. História de uma mentira. Natal, A República. 07 de julho de 1931.

CASCUDO, Luís da Câmara. Sentido Católico da Aristocracia. Natal, A República. 12 de julho de 1931.

N/a. O Estado Moderno e suas elites. Natal, A República. 07 de março de 1931.

CASCUDO, Luís da Câmara. Conversando a bordo do Rodrigues Alves. Natal, A República. 13 de julho de 1931.

CASCUDO, Luís da Câmara. Luís Gama. Natal, A República, 15 de julho de 1931.

CASCUDO, Luís da Câmara. Carlos Cavaco. Natal, A República, 18 de julho de 1931.

1932

CASCUDO, Luís da Câmara. Valdomiro Lobo, Natal. A República, 17 de julho de 1932.

CASCUDO, Luís da Câmara. PUXI. Natal. A República, 22 de outubro de 1932.

CASCUDO, Luís da Câmara. Pitimbu, Natal. A República, 24 de outubro de 1932.

CASCUDO, Luís da Câmara. Maxaranguape, Natal. A República, 04 de novembro de 1932.

CASCUDO, Luís da Câmara. No curso Alice Carrilho. Natal. A República, 10 de dezembro de 1932.

1933

CASCUDO, Luís da Câmara. Folk Lo Norte Rio Grandense, Natal. A República, 21 de março de 1933.

CASCUDO, Luís da Câmara. A Rua Koster. Natal, A República, 01 de julho de 1933.

CASCUDO, Luís da Câmara. Embaixada universitária monarquista, Natal, A República, 01 de julho de 1933.

Ação Integralista Brasileira. Bases Doutrinárias – Programa de Ação. Natal, A República. 09 de julho de 1933.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Sigma Vitorioso. Natal, A República. 15 de agosto de 1933.

CASCUDO, Luís da Câmara. Triunvirato do R. G. do Norte. Oitava doutrina integralista. A família e a Nação. Natal, A República, 10 de outubro de 1933.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Soviete Anedótico. Natal, A República, 29 de outubro de 1933.

CASCUDO, Luís da Câmara. Nunes Pereira. Natal, A República, 05 de novembro de 1933.

Ação Integralista Brasileira. Natal, A República, 05 de novembro de 1933.

CASCUDO, Luís da Câmara. Yon Kippur em Natal. Natal, A República, 12 de novembro de 1933.

CASCUDO, Luís da Câmara. Biblion. Natal, A República, 26 de novembro de 1933.

1934

CASCUDO, Luís da Câmara. Eutanásia entre os povos primitivos. Natal, A República, 05 de janeiro de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Boi Aruá. Natal, A República, 10 de janeiro de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. África. Natal, A República, 22 de fevereiro de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Ascenso Ferreira. Cana-Caiana. Natal, A República, 09 de fevereiro de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Perry Vidal. O fidalgo erudito. Natal, A República, 25 de março de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Viajando o Sertão. Natal, A República, 31 de maio, 02/03/05/08/12/17/20/21 e 29 de junho.

Ação Integralista Brasileira. Aviso. Natal, A República, 10 de junho de 1934.

Ação Integralista Brasileira. Natal, A República, 12 de junho de 1934.

Ação Integralista Brasileira. Natal, A República, 20 de junho de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Caso Plínio Salgado. Natal, A República, 01 de julho de 1934.

Ação Integralista Brasileira. Natal, A República, 03 de julho de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Felipe Ferreira Mangabeira. Natal, A República, 07 de julho de 1934.

Ação Integralista Brasileira. Notas Integralistas. Natal, A República, 14 de julho de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Paulo Barreto Maranhão. Natal, A República, 17 de julho de 1934.

Ação Integralista Brasileira. Notas Integralistas. Natal, A República. 18 de julho de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Viajando o Sertão: Resumo dos Temas. Natal, A República, 25 de julho de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Suborno. Natal, A República, 04 de setembro de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Folclore no Brasil. Natal, A República, 19 de outubro de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. A procura de Cristo. Natal, A República, outubro de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Porque a A.I.B. concorre as eleições de 14 de outubro. Natal, A República, 05 de outubro de 1934.

Ação Integralista Brasileira. Notas Integralistas. Natal, A República, 23 de outubro de 1934.

CASCUDO, Luís da Câmara. Necessidade de uma cooperação intelectual. Natal, A República, 11 de novembro de 1934.

1935

CASCUDO, Luís da Câmara. Ribeiro Couto na academia. Natal, A República, 05 de janeiro de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. Na casa dos doidos. Natal, A República, 13 de janeiro de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. Mulher Educada vale um colégio. A República, terça-feira, 23 de janeiro de 1935, P08.

CASCUDO, Luís da Câmara. Passo da Pátria. Natal, A República, 17 de março de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. – Acta diurna: Tirar os Reis. Natal, A República, 06 de fevereiro de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. O deputado à quarta legislatura. Natal, A República. 14 de julho de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. Cemitério dos ingleses. Natal, A República, 19 de julho de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. Upanexia. Natal, A República, 25 de julho de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. Capistrano de Abreu. Natal, A República, 31 de julho de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. Onde anda Pedro Velho? Natal, A República, 06 de agosto de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. As ruas de Natal há 47 anos. Natal, A República, 09 de agosto de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Doutor Antunes. Natal, A República, 03 de setembro de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. Padre João Maria. Natal, A República, 05 de setembro de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. Crianças mal-educadas. Natal, A República, 05 de setembro de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. – Acta Diurna: Bumba Meu Boi. Natal, A República, 17 de setembro de 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. Pedro Alexandrino. Natal, A República, 21 de setembro de 1935.

Pesquisa feita no IHG – RN

1938

CASCUDO, Luís da Câmara. Uma visita a serra do lima. Natal, A República, 04 de fevereiro de 1938, P09.

TEIXEIRA, Creso. Perspectivas do mundo contemporâneo. Natal, A República, 11 de fevereiro de 1938, P02.

N/a. O comunismo condenado pela Igreja. Natal, A República, 15 de fevereiro de 1938. P10.

N/a. Liberdade e Comunismo. Natal, A República, 23 de fevereiro de 1938. P10.

Comunicado do serviço de divulgação da chefia da polícia do D.F. A ideia comunista de Família. Natal, A República, 09 de março de 1938. P02.

N/a. Animalidade, Natal. A República, 11 de maio de 1938, P02.

CASCUDO, Luís da Câmara. – Acta Diurna: Pela rearboração da cidade. A República, Natal, 19 de agosto 1938, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Primeiro mestre de latim em Caicó. Natal, A República, 03 de setembro de 1938.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Cancão e a Raposa. Natal, A República, 05 de outubro de 1938.

CASCUDO, Luís da Câmara. Festa nos Arrais do Folclore. Natal, A República, 16 de outubro de 1938.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dinheiro Enterrado. Natal, A República, 01 de dezembro de 1938.

CASCUDO, Luís da Câmara. Os Nossos Autos Populares Devem Viver. Natal, A República, 22 de dezembro de 1938.

CASCUDO, Luís da Câmara. De Areia Preta a Ponta Negra. Natal, A República, dezembro de 1938, P03.

1939

CASCUDO, Luís da Câmara. Os Santos Reis do Oriente. Natal, A República, 06 de janeiro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Lourival Açucena. Natal, A República, 12 de janeiro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Moreira Brandão. Natal, A República, 19 de janeiro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Redinha. Natal, A República, 15 de janeiro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. As Testemunhas de Valdivino. Natal, A República, 26 de janeiro de 1939, P03.

N/a. “O fim de um ciclo histórico”. Natal, A República, 29 de janeiro de 1939, P03.

N/a. “O Brasil e o Sacerdócio”. Natal, A República, 01 de fevereiro de 1939, P06.

CASCUDO, Luís da Câmara. Meira e Sá. Natal, A República, 02 de fevereiro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Como se elege um Papa. Natal, A República, 15 de fevereiro de 1939, P03.

DUARTE, Dioclécio. Apóstolo de Cristo. Natal, A República, 15 de fevereiro de 1939, P21.

CASCUDO, Luís da Câmara. Os Capuchinos no Rio Grande do Norte. Natal, A República, 18 de fevereiro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Mestre Antônio da Lanchinha e Joça do Pará. Natal, A República, 23 de fevereiro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. As nossas velhas igrejas de Natal. Natal, A República, 02 de março de 1939.

CASCUDO, Luís da Câmara. – Acta Diurna: A Rua Koster. A República, Natal, 07 de março de 1939, P03.

N/a. O Estado Moderno e suas elites. Natal, A República, 07 de março de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. A morte do presidente Neves. Natal, A República, 09 de março de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Como se matou o capitão Mor. Natal, A República. 16 de março de 1939.

N/a. Dois conceitos antagônicos. Natal, A República, 16 de março de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Em nome das árvores. Natal, A República, 23 de março de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Conde d'Eu em Natal. Natal, A República, 30 de março de 1939, P03/04.

CASCUDO, Luís da Câmara. Norte Rio Grandenses no Supremo Tribunal de Justiça. Natal, A República, 13 de abril de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Os três Tomas de Araújo Pereira. Natal, A República, 20 de abril de 1939, P03/04.

CASCUDO, Luís da Câmara. Reabertura solene das aulas de religião. Natal, A República, 21 de abril de 1939.

CASCUDO, Luís da Câmara. Vinte e dois de abril e não três de maio. Natal, A República, 27 de abril de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna – Orações e Palestras. Natal, A República, 29 de abril de 1941, P12. Col: 4-5.

CASCUDO, Luís da Câmara. Elogio do Chauffeur. Natal, A República, 11 de maio de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Costa Pinheiro, sertanista. Natal, A República, 18 de maio de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Estudos do folclore brasileiro: mourão, mourão. Natal, A República, 25 de maio de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Norte Rio Grandenses, presidentes de províncias. Natal, A República, 01 de junho de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Doutor Dodt. Natal, A República, 29 de junho de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Agostinho Ceilão de Almeida. Natal, A República, 07 de julho de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. O senador Guerra. Natal, A República, 09 de julho de 1939, P02.

CASCUDO, Luís da Câmara. Francisco Vitor da Fonseca. Natal, A República, 13 de julho de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. João Carlos Vanderlei. Natal, A República, 20 de julho de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Otaviano Cabral Raposo da Câmara. Natal, A República, 03 de agosto de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. A história de Childerico José. Natal, A República, 24 de agosto de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. Sumula Católica contra os sem Deus. Natal, A República, 16 de setembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Obras Completas de Farias Brito. Natal, A República, 17 de setembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: O centenário de Casimiro de Abreu. Natal, A República, 19 de setembro de 1939. Acta Diurna: Padre Colbacchini. Natal, A República, 20 de setembro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: A Grande Zoraide. Natal, A República, 21 de setembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Tristão de Ataíde. Natal, A República, 22 de setembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Guilhermino César – Sol. Natal, A República, 23 de setembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. José Cândido de Carvalho - olha para o céu, Frederico. Natal, A República, 24 de setembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Ralf Steele Boggs. Natal, A República, 26 de setembro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Belmonte: no tempo dos bandeirantes. Natal, A República, 27 de setembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Lembrando o professor Lehmann Nitché. Natal, A República, 28 de setembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: revista IHGB. Vol. 170. Natal, A República, 30 de setembro de 1939. P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: O Baile de 1868. Natal, A República, 01 de outubro de 1939, P12.

N/a. A eleição de Câmara Cascudo para membro do Instituto de Coimbra. Natal, A República, 03 de outubro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Tobias Barreto, Natal. A República, 03 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: João Chaves. Natal. A República, 04 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Guilherme Figueiredo: 30 anos sem paisagem. Natal. A República, 05 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Didio Costa. Natal, A República, 06 de outubro de 1939. P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: quem foi Jacumaúma? Natal, A República, 07 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: A procura de Cristo. Natal, A República, 10 de outubro de 1939. P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: A Cacimba do padre. Natal, A República, 11 de outubro de 1939, P03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Marques Rabelo. Natal, A República, 12 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Cemitério dos ingleses. Natal, A República, 13 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: desenhos e livros infantis. Natal, A República, 14 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: o galo da torre e seu doador. Natal, A República, 15 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Padre A. Negromonte. Natal, A República, 17 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: José Lins do Rego. Natal, A República, 18 de outubro de 1939, P12

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Luís Pereira Tito Jâcome. Natal, A República, 19 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Raquel de Queiroz: As três Marias. Natal, A República, 20 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Gustavo Barroso: O livro dos enforcados. Natal, A República, 21 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Os doze vencedores do mar. Natal, A República, 22 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Floradas da Serra. Natal, A República, 24 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Antônio França – sexto propercio. Natal, A República, 25 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: D. João VI, gordo e sujo? Natal, A República, 26 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Cornélio pena. Natal, A República, 27 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Miguel Ribeiro. Natal, A República, 29 de outubro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: A Rainha Vitória. Natal, A República, 01 de novembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: O Doutor João das Estivas. Natal, A República, 04 de novembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: João Avelino Pereira de Vasconcelos. Natal, A República, 05 de novembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Braz de Melo. Natal, A República, 07 de novembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: A Igreja de Arez. Natal, A República, 14 de novembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: O Barão do Ceará-Mirim. Natal, A República, 23 de novembro de 1939, P12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna: Luiz Jardim – O Boi Aruá. In. A República, Natal, 10 de novembro de 1939, P12.

1940

CASCUDO, Luís da Câmara. Fronteiras. Direção de Manoel Lumbambo. Natal, A República, 26 de janeiro de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. Seu Maranhão. Natal, A República, 31 de janeiro de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. Padre Antônio de Paula Dutra. Natal, A República, 27 de fevereiro de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dia do Patrono. Natal, A República, 12 de março de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. Nossas Modinhas. Natal, A República, 28 de março de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. História e Historiadores. Natal, A República, 30 de março de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. Vocabulário do Povo. Natal, A República, 30 de março de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. Polícia Mata-Cachorro. Natal, A República, 11 de agosto de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. Toque do Sino. Natal, A República, 22 de agosto de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. Procissões de Penitência. Natal, A República, 07 de setembro de 1940.

CASCUDO, Luís da Câmara. Euclides e grandes figuras do Brasil. Natal, A República, 19 de setembro de 1940.

APÊNDICE B - ÍNDICE DOS ARTIGOS ENCONTRADOS DE E SOBRE CÂMARA CASCUDO NO JORNAL “A OFFENSIVA”

JORNAL	DATA	TÍTULO	AUTOR	PÁGINA E COLUNA
A OFFENSIVA	24-05-34	Sir Oswald Mosley (Coluna Semana Internacional)	LCC	P3, C3 e 4.
A OFFENSIVA	24-05-34	O fascismo nos Estados Unidos	LCC	P3, C7 e 8.
A OFFENSIVA	05-07-34	O Hitlerismo invade os Estados Unidos	LCC	P3, C3 e 4
A OFFENSIVA	05-07-34	Província do Rio Grande do Norte (Coluna Integralismo nas Províncias)	-	P5, C1
A OFFENSIVA	05-07-34	Música Sertaneja	LCC	P8, C1 e 2
A OFFENSIVA	12-07-34	É mentira	LCC	P3, C3 e 4
A OFFENSIVA	19-07-34	O Bispo Dom Sloskan e o Governo Soviético (Coluna Semana Internacional)	LCC	P3, C3 e 4
A OFFENSIVA	09-08-34	Província do Rio Grande do Norte (Coluna integralismo nas províncias)	-	P5, C1 e 2
A OFFENSIVA	16-08-34	O trigo russo e o plano quinquenal	LCC	P3, C7 e 8
A OFFENSIVA	13-09-34	Investindo contra os caluniadores	LCC	P8, C7 e 8
A OFFENSIVA	27-09-34	Província do Rio Grande do Norte (Coluna Integralismo nas províncias)	-	P3, C3 e 4
A OFFENSIVA	11-10-34	In Hoc Sigma Vines!	LCC	P2, C7 e 8
A OFFENSIVA	11-10-34	Falência dos planos econômicos da URSS (Coluna Semana Internacional)	LCC	P3, C2 e 3
A OFFENSIVA	11-10-34	Província do Rio Grande do	-	P6, C3 e 4

		Norte (Coluna Integralismo nas províncias)		
A OFFENSIVA	18-10-34	Província do Rio Grande do Norte (Coluna Integralismo nas províncias)	-	P5, C1 e 2
A OFFENSIVA	18-10-34	Integralismo é cópia	LCC	P2, C7 e 8
A OFFENSIVA	25-10-34	A ilusão da soberania dos Estados na URSS	LCC	P3, C2 e 3
A OFFENSIVA	01-11-34	Província do Rio Grande do Norte (Coluna Integralismo nas províncias)	-	P5, C4,5 e 6
A OFFENSIVA	15-11-34	O fascismo na Argentina (Coluna Semana Internacional)	LCC	P3, C1 e 2
A OFFENSIVA	06-12-34	A dívida externa do Rio Grande do Norte	LCC	P2, C1
A OFFENSIVA	20-12-34	O morto da praça da Sé	LCC	P3, C3 e 4
A OFFENSIVA	10-01-35	O pretexto do armamentismo alemão	LCC	P1, C2 P2, C5
A OFFENSIVA	10-01-35	Luiz da Câmara Cascudo e a “Societé dês Americanistes”	-	P3, C6
A OFFENSIVA	17-01-35	Província do Rio Grande do Norte (Coluna Integralismo nas províncias)	-	P5, C3
A OFFENSIVA	24-01-35	Emano de Stradelli	LCC	P2, C2
A OFFENSIVA	24-01-35	O mistério Persa	LCC	P3, C1
A OFFENSIVA	14-02-35	Upton Sinclair: governador da Califórnia (Coluna Semana Internacional)	LCC	P3, C1
A OFFENSIVA	27-04-35	O Cinema de verdade (Coluna Cinema)	LCC	P7, C2
A OFFENSIVA	04-05-35	As moedas de Agrippa	LCC	P1, C4
A OFFENSIVA	14-09-35	Delenda História do Brasil	LCC	P2, C1
A OFFENSIVA	14-09-35	A Reforma do ensino da URSS	LCC	P3, C4

A OFFENSIVA	02-11-35	Pelo nome não se perca (Coluna Integralismo nas Províncias)	Câmara	P10, C5 e 6
A OFFENSIVA	28-12-35	Father Caughlin	LCC	P3, C1
A OFFENSIVA	23-02-36	Moral Política da URSS	LCC	P10, C5 e 6
A OFFENSIVA	10-09-36	Quem são os integralistas?	Plínio Salgado	P2, C3, 4 e 5
A OFFENSIVA	18-12-36	Plínio Salgado em Natal como o conheci	Newton Braga	P2, C1 a 5
A OFFENSIVA	28-02-37	Primo de Rivera	LCC	P9, C4 e 5
A OFFENSIVA	09-05-37	Modinhas e modinheiros de Natal	LCC	P9, C6 e 7 P11, C4 e 5
A OFFENSIVA	18-09-37	Doutor Luiz da Câmara Cascudo – ainda sua eleição para o Instituto Histórico Português de Arqueologia	-	P2, C6
A OFFENSIVA	24-11-37	O livro do marechal Badoglio (Coluna Semana Internacional)	LCC	P10, C4,5,6 e 7
A OFFENSIVA	01-01-38	Nota aos ex-deputados amigos da Hespanha “legal” (Coluna Secção Internacional)	LCC	P11, C5 e 6

Revista Panorama, ano de 1935.